

OWNED

Um novo jogador



Simone Campos

LETRAS

Modo de usar

Em *OWNED* você é André, um técnico de informática viciado em videogames que vai tentar conquistar pelo menos uma dentre **sete** garotas. Na pele de André, o leitor vai ter decisões a tomar; e essas escolhas vão ter consequências.

Como jogar

Você deve começar pelo trecho número 1. No fim de cada trecho numerado, a história vai mandar você para outro trecho. Às vezes você será convidado a fazer uma escolha; nesse caso, siga o link correspondente a ela.

É essencial **anotar os itens** que você for pegando pelo caminho, que estão indicados em **negrito**.

Lembre-se do que você andou fazendo: se precisar, anote também as escolhas que fizer, pois você pode ser perguntado a respeito delas lá para a frente.

Boa sorte.

Trecho de exemplo

Mal entrei na festa, senti alguém deixar um objeto gelado na minha mão.

Novo item: Lata de cerveja.

Abri a **lata**, virei metade goela abaixo e me precipitei para o sofá, que estava vago. Algumas meninas bebiam e conversavam entre o som e a janela aberta, de pé; outro grupo tentava dançar.

Você:

Se aproxima da janela. – Vá para o trecho **xxx**

Pede para ligar o videogame. – Vá para o trecho **yyy**

Tenta dançar. – Vá para o trecho **zzz**

Este livro-jogo é recomendado para maiores de 18 anos.

1

PRESENTE

Seis chifres pontudos, duas cabeças duras, couraça de jacaré, dentes de tubarão e um rabo – que persistia em me derrubar, arrancando um quinto da minha vida a cada lambada, até eu encontrar um safe spot à esquerda de uma pilastra. Enfim consegui derrotá-lo. Catei os despojos, ouro e couro, antes que alguém aparecesse.

Corri para as celas que ele guardava. Na porta número três tinha uma demoniazinha roxa e gostosa com armadura robótica. Apareceram algumas informações ao lado dela.

Nome: Joy Borg.

Medidas: 37-27-35 (in) / 95-70-89 (cm)

Raça: Robotically enhanced mutant demon-elf.

(Elfa-diaba mutante com adendos robóticos.)

– *You freed me from that lizard-warlock thingy! I'd like to show you my appreciation.* (Você me libertou daquele tal mago-lagarto! Quero lhe fazer um agradecimento especial.)

Suspendi minha respiração. Será que eu ia ver peitinho roxo? Improvável. O jogo era americano.

Ela meteu a mão no decote e...

– *Would you accept this valuable **amulet**? It's a family heirloom. You'll be lucky. Very lucky.* (Você aceitaria este valioso **amuleto**? É herança de família. Você vai ter sorte. Muita sorte.)

O **amuleto** verde flutuava entre suas mãos estendidas, emitindo um brilho radioativo. Pulou uma janelinha para eu selecionar a resposta:

Yes. (Sim) – Vá para 164.

No. (Não) – Vá para 245.

2

Minha mãe chega do trabalho quase meia-noite, o que me dá algumas horas de privacidade por dia.

O revés é que, às vezes, ela me tira do conforto do lar via telefone para ir cumprir alguma tarefa que o horário dela não permite. Como ir buscar um quilo de músculo e dois de alcatra.

Sorri da coincidência. Eu também tinha acabado de receber uma missão carnívora no *Wisdom Islands*: caçar dez Javalis Pintalgados em troca de um elmo e bastante ouro. Como se não bastasse, a cidadã de Misty Falls que me passara a missão era xará da minha mãe (Grace/Graça).

Mesmo cansado, eu sabia que tinha que atender o pedido (o da minha mãe) para não ter que ouvir gritaria de como eu era um inútil. Apanhei dinheiro, mochila e saí.

Vá para 216.

3

QUARTA-FEIRA

No dia seguinte, eu estava morgando no meu boxe quando chegou uma loura natural e peituda. Os peitos estavam comprimidos atrás de um gabinete de computador. Ela o depositou, afogueada, sobre o balcão, depois que o limpei rapidamente de algumas placas.

– O que está acontecendo com ele?

– Não está ligando. Eu já tentei tudo o que sabia, então trouxe ele aqui.

Apertei o botão. Realmente não ligava. Nem a ventoinha se mexia. Abri o gabinete. Era de portinhola. Aquela máquina tinha sido montada, e fora top de linha há alguns anos. Enquanto eu desencaixava peça por peça, a loura me interrompeu meio ofendida:

– Eu já fiz isso. Limpar a memória com borracha branca? Foi a primeira coisa que tentei.

– Vamos tentar de novo – falei devagar, engatilhando uma pergunta. – Quem montou essa máquina?

– Por quê? Tem algo de errado com ela?

– Só uma coisinha. O cabo do drive de DVD está trocado. O certo seria... assim, tá vendo?

– Ah... – ela coça a cabeça – eu mesma montei. Não sou expert.

Terminei de esfregar os contatos com borracha, soprei-os e encaixei-os de volta. Reconectei o cabo de energia na fonte. Dessa vez, o botão frontal fez a máquina começar a bramir. Rugir, na verdade.

– Esse seu cooler faz um barulhão. Parece um Camaro – observo. Ela dá um risinho e diz:

– É SevenTeam.

Me arrepio atrás da nuca.

– É que o processador é meio antigo... – continua ela – Fiquei com medo porque moro num lugar quente. Tudo aí é bem velho, mas ele tem obrigação de dar tudo de si antes de virar sucata. – e deu duas pancadinhas com a falange na lataria da máquina. – Não sou rica.

Vá para 36.

O açougueiro responde:

– Não, obrigado.

Usar outra coisa:

Moeira (cheia) – Vá para 200.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 181.

CUTSCENE

Peguei-a pela mão e dei meia-volta para sairmos da estação.

Ela morava logo ao lado do metrô.

Atravessei com ela a portaria vazia.

Subimos.

A longa aleia pintada de cinza com batentes cinza-escuro parecia replicada por espelhos. Sumia no infinito, perspectiva de um ponto só. A luz de laboratório batia no acinzentado das paredes revelando todos os poros do emboço. Mayumi morava justo na quina, provavelmente mais barata por dar ângulo para a favela. Tirei meus sapatos ao entrarmos no apartamento.

...

Dor.

Um objeto pontiagudo encontrou minha sola do pé. Não fiz ruído. Acendi a luz.

“Merda”, pensei.

O pior, pensei enquanto abaixava para retirá-lo, é que era um dos poucos objetos naquela sala. Parecia ter sido deixado ali de propósito, e posicionado para causar dano.

Eu tinha extraído do pé a ponta da lança de uma action figure roxa feminina. Uma elfa-diaba. Que eu não conseguia parar de olhar.

– Onde você conseguiu isso? – perguntei a Mayumi.

Ela não respondeu. Continuou me olhando com aquela expressão quieta e inquieta. Olhos faiscando roxo.

– Como você faz isso?

Mesmo sem uma palavra sua, eu sabia que ela sabia perfeitamente do que eu estava falando. Só não queria me responder.

– É você, não é?

Novamente ela não falou.

Vá para 206.

6

Mais útil seria tentar abater os inimigos de Fernando sorrateiramente, em vez de colar nele. Dois alvos separados são mais difíceis de derrubar. Pensando nisso, tomei um rumo adjacente à suposta posição do Bagulho, agachado para não me denunciar. Cheguei a antecipar a posição em que o bandido, concentrado em mirar no meu amigo, poderia estar; e quando levantei, vi que não podia estar mais certo. Ele nem teve chance. Nem ele, nem o colega dele.

Vá para 266.

Tinha um símbolo incomum na tela do meu celular. “Correio de voz. Olhai por nós”, pensei.

Teclei o número para ouvir a mensagem. Uma gravação de Rosana falou comigo:

“André, aqui é a Rosana. Preciso falar com você, passa aqui em casa... Um beijo.”

Fui bater a sua porta. Tinha reunido o melhor do meu loot para dar a ela e, porque a conhecia, tinha até arrumado uma campanha que precisava de mais de uma pessoa.

Quando entreabri a porta, vi, ao lado dela, o Fernando. Entendi tudo. Entendi tanto, na verdade, que na mesma hora me afastei, cambaleando – mal ouvindo Rosana entoar alguma desculpa nojenta, mal reparando que Fernando portava alguns itens meus pelo corpo –, porque eu sentia enjoo, enjoo físico, e não queria mais estar perto de nenhum deles. Nunca mais.

Ela dera o **amuleto** para ele. Iniciara-o em nossos segredos. Redistribuíra minha cota de loot! Quem ela pensava que era?

Tive de me lembrar que eu nem queria aquilo mesmo – aquela vida, pura ganância e violência, aquele maldito **amuleto**. E que a piranha estava se metendo com um traficante.

Deixo eles seguirem, deixo levarem adiante (e espero que embora) a minha maldição. Dizendo melhor:

QUE SE FODAM.

Se você esteve num acampamento, vá para 83.

Se você jantou na casa de alguém, vá para 83.

Se você foi ao cinema, vá para **83**.

Se você não fez nenhuma dessas três atividades, vá para 88.

8

Minha mão, braço e partes do corpo em geral ficaram onde estavam. A oferta me parecia muito estranha e fora de propósito. Mayumi então fixou o olhar a quatro ou cinco horas da minha cabeça. Virei-me o suficiente para constatar que, nesse ponto, Rosana deixava sua posição estatuésca para baquear lentamente... mais que lentamente, com uma ferrugem de quem não ia cair *nunca*. Mesmo assim me lancei a ampará-la. Seus olhos estavam abertos.

Pronto a culpar Mayumi, virei a tempo de ver, de relance, um pulso níveo desaparecendo no ar. Ela se fora. *Ótimo*, tudo em cima de mim outra vez.

– Rosana? – sacudi.

Vá para 62.

9

Saco a **pistola** que nem sei como foi parar na mochila e aponto para a cara do açougueiro. Ele ri.

– Rá! Isso aí é de brinquedo. Palhaço.

Você

Aperta o gatilho – Vá para 163

Guarda a **pistola** e tenta outra coisa. O quê?

Nota de cem reais – Vá para 257

Moedeira (cheia) – Vá para 207

Panfleto – Vá para 109

Chave-mestra – Vá para 15

10

Toquei com a ponta dos dedos o bolso esquerdo onde um objeto gelado, quase esquecido, repousava.

A chave-mestra.

Com um rangido, a porta cedeu. Dentro, o breu total. Dungeon.

Então minha vista se acostumou com o apartamento de mesma planta do de Mayumi, mas invertida. Sem dúvida, aquele também pertencia a uma menina – a outro tipo de menina, prendado e doce. Na sala, muitos livros. Localizei uma manta colorida sobre o sofá – *vai ter que servir*, pensei, e no que avancei para ela...

...Mayumi me encarava da porta do quarto com um taco de baseball na mão.

Vá para 225.

11

Eu fuzei todos os fóruns do jogo sem conseguir descobrir para que servia o diabo do **amuleto**. As propriedades dele eram ocultas e os testes em campo tinham sido infrutíferos.

Tentei também revisitar a fortaleza onde tinha achado o talismã. Adivinhe, também não consegui localizar a área secreta onde antes tinha caído totalmente por acaso.

De qualquer forma, era um troféu. Como troféu, deveria ser esfregado na cara dos outros. E bem que tentei, mas dizer que tinha um **amuleto** que não sabia para que servia e que ele “parecia raro” mereceu apenas silêncio como resposta.

Vá para 3.

12

Depois voltamos ao trabalho. Por volta das seis e meia, meu celular toca. Cometo o erro de pedir para Edgar me alcançar o celular e ele fica todo excitadinho ao ver nome de mulher no visor:

– “Samara”? Quem é Samara?

Não respondo. Vou atender fora do boxe. Samara precisa que eu vá resolver seu problema urgente. Digo para ela ficar calma. Prometo que vou ainda hoje. Desligo.

Não é o que você está pensando.

Eu não tenho sucesso com as mulheres. Nenhum.

Na verdade, eu sou o tipo de cara cuja mera tentativa de se aproximar do sexo oposto já as ofende. Sorrir para elas as ofende, deslizar a mão pelos seus braços um pouco mais que o necessário as ofende, chegar nelas as ofende. Insistir também as ofende. Ouvir o que têm a dizer as deixa entediadas.

Eu tinha comido três mulheres em 25 anos de existência.

Então eu ia apenas consertar o computador de Samara, a linda filha adolescente de um dos meus melhores amigos.

Vá para 261.

13

A tarde de domingo **dBASer** passou com **Roxanne**. Com a desculpa de testar o **amuleto** da elfa-diaba, ficamos seis horas perambulando pelas ilhas mágicas.

Olhos secos, dedos doloridos, costas travadas, nariz coçando. Desligo os alertas de sobrecarga, realinho as prioridades. O importante é seguir jogando.

O personagem principal de Rosana estava inúmeros levels acima do meu. Ela era bem mais dedicada a *Wisdom Islands* do que eu, que me dividia entre tantos outros.

– Não quer me dar esse **amuleto** para ver se eu testo ele no meu level? – disse ela – Eu até te deixo, não sei, uns 10 mil ouros como depósito. Que me diz?

Dá o **amuleto**. – Vá para 55.

Não dá o **amuleto**. – Vá para 211.

FAIR PLAY

Antes de ir dormir no dia anterior eu tinha logado no fórum do *Wisdom Islands* e explanado toda a situação, lançando a teoria de que tinha sido depois de receber o **amuleto** no jogo que minha vida tinha começado a ficar meio estranha, e agora a estranheza tinha escalonado de vez. Ao chegar em casa entrei para conferir as respostas.

“Uma elfa-diaba roxa na fortaleza perto das praias de Korda? Ela também falou comigo, amigo. E eu aceitei seu talismã. A partir daí minha vida virou um inferno! Basta dizer que estou vivendo maritalmente com três anões em uma árvore.”

Please, guys, this is a real problem. (Por favor, isso é um problema sério.) – eu tinha replicado, ao acordar, 6 da manhã horário de Brasília.

Talvez não tivesse sido uma boa ideia postar meu problema no fórum. Passei por dezenas de mensagens me xingando, zoando ou mandando procurar ajuda médica até achar uma mensagem minimamente útil, de um tal de KilzGoliath:

Dear dBASEr,

Fuck reality. (Foda-se a realidade.)

Refletir – Vá para 249.

Dormir – Vá para 20.

O açougueiro responde:

– Não, obrigado.

Usar outra coisa:

Nota de cem reais – Vá para 257.

Moe deira (cheia) – Vá para 207.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 9.

16

– Eu estou cheio dessa história, Rosana.

– Que história.

– De atacar primeiro. Eu não sou assim!

Eu tinha pego ela pelo braço e a fitava a centímetros de distância. Rosana, muda, me olhava com uma expressão inédita.

– Eu gosto de você. Quero continuar com você, mas... – apontei para a besta, que eu retinha na outra mão, longe do alcance dela.

Triste e cansado, abaixei a arma e afrouxei o aperto. Minha vontade era de sentar no meio-fio com a cabeça entre as mãos, mas não havia meio-fio, então eu andava de um lado pro outro. Acima de tudo, eu sentia uma vitalidade calma, certa – oposta à tensão que só agora eu percebia vir acumulando.

Virei para Rosana e acrescentei:

– Eu vou ficar aqui até você desistir de machucar a Samara. E não quero saber de você fazendo nada contra outras pessoas, a não ser que elas te ataquem.

Rosana me olhava sem dizer uma palavra, as mãos ao longo do corpo.

– Fala alguma coisa – intimei.

Rosana entreabriu os lábios e apontou-os para além do meu ombro, para a mata.

– Main quest mesmo – disse ela afinal.

Vá para 81.

- E a Dafne?
 - Sinto muito, todo mundo nesse escritório tem namorado. Mentirosa! Até coçou a cara antes.
 - ...Eu era um merda mesmo.

Se você aceitou o **amuleto** no começo da história, vá para 267.

Se você NÃO aceitou o **amuleto** no começo da história, vá para 87.

QUINTA-FEIRA

Life: 98%

Dormi dez horas mas acordei mais cedo do que de costume. Ao pôr o pé (milagrosamente sarado e sem traços de unhada) para fora de casa, constatei que o ar parecia mais leve do que no dia anterior. O sol brilhava como em qualquer outro dia.

Comprei vários jornais para ler a caminho do trabalho. Nenhum falava da lua descomunal. Mas a maioria havia dado destaque à fuga (ou rapto) de duas panteras do zoológico, feras depois encontradas mortas a tiros numa rua da Tijuca. A polícia suspeitava da ação de “coletivos artísticos, traficantes ou grupos neonazistas”.

Ao chegar no trabalho, soube que Laila já tinha pego seu computador consertado. Abri o e-mail: apenas propaganda e uma mensagem de Samara repassando uma notícia sobre adaptação de anime para jogo. O dia não prometia grandes aventuras; e no fim do expediente fiquei aliviado ao constatar que cumprira a promessa. Agora eu ia voltar para casa e não sair mais – por nada desse mundo.

Vá para 14.

19

Instruído por Mayumi, pedi um livro qualquer e uma mesa próxima à “minha colega”. A bibliotecária me estudou bem um momento e ressaltou:

– Mas não pode conversar. Se você quiser conferenciar com sua colega, precisa sair e fazer isso lá fora. – e apontou a saída – Lá fora.

Fiz que sim para a carrasca e ganhei o cartão da mesa 18. Na verdade à 18 se sentou Mayumi e eu, à 17, onde jaziam seu laptop, livro aberto, e um afiado lápis 2h com borracha na ponta. À frente, as costas eretas de Mayumi me lembravam a escola.

Examinei o computador. Um traste velho. A bateria não pegava mais carga; por isso ele estava ligado numa tomada. O invólucro do fio já se havia rachado há muito tempo, segundo me explicara Mayumi. O fio era curvo, deformado por uma antiga escurvaninha curta demais que obrigava o laptop a ser imprensado contra a parede. Observando as entranhas expostas do cabo, percebi que o metal interno, de tanto ser dobrado, tinha finalmente se partido.

– Mau contato. – informei num sussurro a ninguém.

Hora da verdade. Era preciso ter uma ideia e testá-la. Enfrentar o enigma. Resolver o puzzle.

Pedi a luva de látex de Mayumi num sussurro e puxei do meu bolso uma chave. Com a forquilha da luva, fabriquei um torniquete que espremia a chave contra o metal partido, fechando o circuito. A luz da bateria se acendeu. A corrente estava passando. Apertei o botão e esperei o computador inicializar, suspendendo a respiração e procurando não tocar em nada.

Meu olhar passeou pelas grandes máquinas refrigeradoras do ambiente, pelas mocinhas aplicadas debruçadas cada qual sobre seu livro (algumas, copiando furiosamente a lápis feito monjas medievais), pelos janelões que recobriam algumas carteiras de uma luminosidade cegante, e voltou à minha mesa.

Olhar para Mayumi – Vá para 44.

Ler o livro que ela está pesquisando – Vá para 193.

SEXTA-FEIRA - VISITA TÉCNICA

Parece que o fato de ser loura e peituda não eximia Laila de ser nerd. Agora ela tinha invocado uma visita técnica para fazer um orçamento do upgrade das suas máquinas de trabalho (sim, no plural). Aquela, explicou-nos, era a de lazer. “A gente sabe”, senti vontade de responder.

Tiramos no palitinho quem iria atender o chamado dela. A sorte me escolheu, sob fortes protestos de Edgar.

Em frente ao prédio de quitinetes no Jardim Botânico, eu parecia um médico com sua maletinha – bolsa-carteiro bege, na verdade – e estava nervoso como se fosse uma primeira consulta.

Subi por um elevador decrépito, achei o 402 e apertei a campainha. Laila abriu a porta e eu imediatamente recuei dois passos, surpreso.

Vá para 179.

21

Algum tempo depois, Fred chega carregando Fernando. Fred está bem. Fernando não. É largado no carona pelo irmão e, ofegante, tenta falar.

– Me escuta, cara. Preciso falar. Eu não fui pra Alemanha trabalhar com game.

– Não tenta falar.

– Eu vendia pó na Alemanha, André. Entendeu?

Ele me olhava com um olhar dolorido. E eu devolvia um transtornado.

– O Fred me ajudava. É por isso que eu tinha que...

Ele tossiu sangue.

Life: 5%

– Vende esse carro. Ajuda meu pai – estertorou ele.

– Você não vai morrer – disse eu.

Abro o porta-luvas, atabalhado. Acho o **kit de primeiros socorros** obrigatório. Forço a mão de Fernando a abri-lo.

Life: 45%

Se você tem o **Tupperware de Mayumi**, vá para [231](#).

Se você NÃO tem o **Tupperware de Mayumi**, vá para [210](#).

Cerca de quinze minutos depois, eu chegava à minha rua sem ter tocado no chão. Eu me balançara em barras, quicara entre paredes próximas, me equilibrara sobre cabos de aço, deslizara por cordas e até correra pelo muro. A chuva estiava. Minha rua era transitável. Caminhei em direção ao horizonte e ao meu apartamento. O dia terminaria sem maiores perturbações não fosse Rosana me chamar para jogar *Wisdom*.

Fiquei vagando pela minha casa no escuro. Não podia dizer que estava odiando o que vinha acontecendo na minha vida. GOSTOSAS – CARROS – DINHEIRO – SUCESSO. As possibilidades. Experiências passageiras, arrebatadoras e acessíveis que me tirassem o peso de viver a vida por uns tempos. Eu tremia. Delirei a noite toda e, quase que de manhã, engoli uns tranquilizantes e caí duro.

Vá para 93.

– Mayumi. Hoje não.

Deslizo a mão pelo seu ombro num carinho de despedida – seu cabelo escorre do meu toque feito tecido – e me afasto apressadamente.

Atravesso a porta e estou no trem que não tinha ouvido chegar. Sento.

O apito anuncia a partida. Levanto a cabeça, me pergunto aonde teria ido a senhora. Não a vejo. Pelo vidro ovalado, sobre o verde do outro vagão, diviso isso sim a cabeça branca de Mayumi – voltada para mim. Ela não me olha, porém. Desvio o olhar.

Olho em volta. Ninguém mais no meu vagão. Nenhuma câmera a velar por nós – procuro: não, nenhuma.

Entre estações

no túnel

sozinha num vagão à meia-noite

a pessoa podia fazer o diabo.

Me vejo de pé no trem em movimento. Agora seria infame deixar de caminhar até o vidro grosso. Faço isso.

Vá para 31.

Não, aquilo *não era* um videogame. Era só o Rio de Janeiro, repetia eu, agarrado à minha bolsa-carteiro.

E eu *não* tinha culpa. Eu era apenas um merda como qualquer outro. Nenhum deus prestava atenção em mim ou no que eu fazia. Juntei-me ao rebanho e pus-me a vadear pela latitude central da via interdita.

Foi quando um raio caiu e derrubou um poste a meia distância. A mais baixinha do grupo deu um grito de guerra e começou a correr em direção ao fundo, ou melhor, à calçada, no que foi imitada pelo resto, enquanto eu permanecia parado no meio da chuva olhando para o poste caído.

Aquilo estava me lembrando alguma coisa.

O poste caído formava uma espécie de ponte para uma sacada com gradil quebrado justamente no ponto acessível. Entre essa sacada e a próxima, erguia-se um andaime. Atravessando o andaime, você podia chegar a uma viga que percorria a fachada da casa seguinte. E, olhando em volta... nunca tinha reparado, mas toda aquela área parecia estar em reforma. Cordas pendiam, ganchos protuberavam, plataformas se ofereciam nos cantos e meios.

Deus sabe o que faz.

Vá para 65.

Estava surpreso pelo chique dela não ter nada a ver com a coleção pornô. Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi abrir o arquivo do livro intitulado “André” na **cópia do HD de Laila**. Era o primeiro da pasta.

Vá para 228.

Sem dúvida alguma, Laila era maluca. Mas eu precisava do serviço e estava disposto a rastejar por ele. Mandei um e-mail de duas linhas à maluca pedindo desculpas pelo que quer que eu tivesse dito ou feito, e garantindo que não sabia o que era. Assim que mandei, recebi isto:

Ass.: CONFIRMAÇÃO DE RECEBIMENTO

Obrigada por entrar em contato conosco. Você será respondido em breve.

Laila C. Zenha

Gerente – ZYX Traduções

As informacoes contidas nesta mensagem e nos arquivos anexos sao para uso exclusivo do destinatario da mesma e podem conter assuntos comerciais, de propriedade intelectual e/ou outras informacoes confidenciais, protegidas pelas leis aplicaveis.

Caso nao seja o destinatario correto, por favor notifique o remetente imediatamente e elimine esta mensagem, uma vez que qualquer revisao, leitura, copia e/ou divulgacao do conteudo desta mensagem sao estritamente proibidas e nao autorizadas.

Pense antes de imprimir. Respeite o meio ambiente.

Obrigado por sua cooperacao.

Novo item: E-mail de confirmação

Nisso, vi que tinham me achado pelo apelido no *Wisdom Islands* e estavam me convidando para jogar. Era uma Troll Maga, de óculos.

– Rosana? – perguntei.

– Certa a resposta. Mas, aqui, é “Roxanne”. E aí, topa uma missãozinha?

Eu é que não ia recusar.

Vá para 186.

TERÇA-FEIRA - MANHÃ

No dia seguinte, acordei suado, sem lembrar do meu sonho. Uma pena, devia ter sido ótimo: tive até um pequeno acidente. Vai ver meu corpo estava ficando mal-acostumado.

Vá para 93.

Laila está de bruços, o lençol passando por uma coxa e sumindo por baixo do seu umbigo. Faz pequenos movimentos, semelhantes a tremores, com os braços, como se boiasse sobre a cama. Ela destaca a cara do travesseiro e apoia-a de lado, me olhando e piscando. Piscando.

Também emite um leve hum ocasional. Está satisfeita.

– Gostou? – pergunta.

– Claro – respondo, sorrindo.

Ela fecha os olhos. Os hums cessam. Mergulha no sono. Imóvel, espero dez minutos – até que ela afunde bastante. E caminho descalço até a porta.

Vá para 115.

Obstinado com aquela enorme coincidência, cheguei a jogar mal naquele dia. Rosana teve que chamar minha atenção algumas vezes.

– Preciso de *haste*! Acorda!

Das duas uma; ou Laila era vidente, ou depois que ela tinha escrito, as invenções dela tinham se realizado.

Do jeito que ficou ofendida quando contei minha história, não parecia ter consciência daquele suposto poder.

Mesmo que fosse tudo paranoia minha, seria prudente me aproximar dela. Descobrir onde é que aquela história ia parar. Além do mais, Laila não tinha motivo para acreditar na minha história – a de ter vivido exatamente o que o livro contava. Se eu falasse a verdade agora, ela mandaria me internar.

Ainda que eu não desse esse crédito todo a Laila ou não sentisse o menor remorso por ofendê-la, a decisão sobre a renovação das máquinas da ZYX Traduções estava nas mãos dela. Ou seja: eu precisava me desculpar de qualquer forma.

Então mandei um e-mail para Laila confessando que lera, sim, o seu livro. Eu dizia ter aberto o primeiro documento da pasta Meus Documentos só para testar se a cópia dos dados tinha sido bem-sucedida. Mas eu não tinha conseguido parar de ler aquele texto tão *envolvente*, intrigado com o personagem que tinha o meu nome. Mencionar a trama na padaria tinha sido justamente minha forma de abrir o jogo com ela, contar que eu tinha lido.

Eu fechava lamentando que ela não tivesse gostado da brincadeira e dizendo que gostaria de saber como terminava a história.

Respirei fundo, mandei e fui dormir. Cedo, 3 da manhã.

Vá para 186.

– Eu não li NADA! Cheguei aqui SOZINHO! Você não tem direito de pensar mal de mim. Você não tem provas. Seu **amuleto** não é tão poderoso assim a ponto de dizer por onde passei *fora do jogo*.

Joy permaneceu calada fuzilando André com o olhar.

– OK. – disse ela por fim.

O sonho se dissolveu à volta deles. Materializou-se uma praia com mar calmo e cristalino. A arma de Joy foi atirada longe.

/dance

Joy deslizava as mãos pelas coxas e descia quase até o chão; depois ondulava as mãos suspensas atrás da bunda e serpeava as costas. Depois, com um movimento gracioso mas não destituído de autoridade, dava duas meias-voltas com a mão espalmada e começava tudo de novo.

Enquanto isso, ela não sorria. Não que se sentisse séria; apenas não estava previsto no programa. Perante o rebolado, André sentia uma comichão fortuita que não poderia levar a cabo por si só. Percebeu – horrorizado – que se algo ou alguém um nível acima não fizesse alguma coisa, estariam condenados a não se tocar pelo resto da vida. Rezou em silêncio por essa intervenção – ou um bug.

Jogue um dado (de quantos lados quiser) ou escolha um dos caminhos ao acaso:

Se tirou número par: Vá para 183.

Se tirou número ímpar: Vá para 204.

31

Procuro enxergá-la entre os bancos. O crânio varia sobre o pescoço em vão.

Quem sabe desmaiada, rolando pelo chão. Procuro. Não está.

Colo o rosto à janela gordurenta, rastreio rente. Nada de Mayumi. Agora, aliás, nada de ninguém.

A porta oposta está destrancada. Desliza e bate ao sabor do percurso. Quem sabe ela saiu – caiu – por ali? Quem sabe foi atacada. *Algo* aconteceu.

Corro para o interfone sem saber o que vou falar. *Por favor me diz se estou maluco.* ou *Eu vi um fantasma.*

Antes que eu o alcance o trem freia bruscamente. Enquanto caio e as luzes diminuem, o celular que fisgo do bolso resvala pelo piso. A metros, a tela produz uma pequena clareira luminosa que elucida quem o apanha do paradeiro:

Mayumi.

Noto o trem completamente parado.

Cravando joelhos contra a saia longa, ela se aproxima. Deposita-o na minha mão e fecha meus dedos em volta. E diz:

– Vem comigo.

As luzes se acendem. Estamos na estação.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 201.

Rosana morava numa casa de vila. Sua avó surpreendeu minha incursão pela entrada independente e me obrigou a sentar para um café. Suspeitei que ela fizesse isso com todo visitante furtivo, e obedeci.

Quando finalmente pude subir, foi assimilando as fotos de família penduradas no decorrer dos degraus: uma história de vida para Rosana. Os pais paravam de aparecer por volta de seus doze anos, obliterados por qual seria o desastre. Empurrei a indagação bem para o fundo, não queria ser inconveniente.

Apesar de dividido, o andar de cima tinha clima de loft. Almofadões espalhados, tapete persa velho, uma rede e a TV – ligada sem ninguém assistindo. Havia também um biombo, um violão e, contra a parede, uma torre de livros que ia até o teto. Apenas um objeto destoava dos demais, e este, junto à parede do fundo, seria a armadura medieval mal-ajambrada sobre um cabide de casacos.

– Hoje foi um dia muito estranho – disse Rosana, saindo do quarto e fechando a porta.

Vá para 99.

Depois que Edgar vai embora, você...

Copia os arquivos de Laila para você. – Vá para 232.

Não copia nada para você. – Vá para 114.

QUINTA-FEIRA

Meu trabalho é um trabalho sem chefe, o que não quer dizer que ficou todo mundo feliz com as minhas faltas mal explicadas. Para me redimir, assumi de pronto as tarefas mais chatas. Instalei drivers e mais drivers naquela quinta. Pelo menos tinha em vista um bom programa depois das seis.

Se você ficou no carro de Fernando na favela, vá para 188.

Se você foi atrás de Fernando na favela, vá para 76.

GUERREIRA URBANA - O JOGO

Life: 87%

(É um dia nublado no Rio de Janeiro.)

“O dia está nublado no Rio de Janeiro. Apesar disso, o sol é suficiente para queimar a pele – *menos* se você aplicou protetor solar e lembrou de trazer seus óculos escuros, como eu. Meus **Óculos de Sol Modelo Audrey Hepburn** estão remendados com fita isolante. Pouca gente percebe. Eu compraria novos **Óculos de Sol Modelo Audrey Hepburn** mas são um item extremamente raro e caro.”

“Cariocas dão uma, e somente uma, olhadela blasé na direção dos carros antes de atravessar fora do sinal. Eu já acho mais inteligente correr de banda visando os carros enquanto faço isso – valorizo a vida. Enquanto atravesso, evitando que a saia barata comprada em loja de departamentos levante com o vento, desvio de um bueiro. Nesse bairro, eles explodem aleatoriamente.”

“Me equilíbrio, braços estendidos, ao longo de uma calçada da largura de um meio-fio. Na metade da sua extensão sou obrigada a usar um poste como eixo para rodopiar jogando meu peso sobre o asfalto, entre a passagem de um carro e outro, para alcançar outro porto seguro logo adiante. Tenho a consciência de que, com uma manobra dessas, não deu para evitar de pagar calcinha, mas sigo adiante de cara limpa. Escalo o monte de entulho que dá acesso à rua em obras. É um atalho bom demais para ser desprezado só porque é vazio, inóspito e mal iluminado.”

Faltam 200 metros para o fim da rua.

“A empreiteira largou tudo da pior maneira possível depois que a licitação foi contestada. A rua parece uma pista de motocross: tapumes brancos com pinturas de setas vermelhas largados por toda parte. Na entrada, há uma grande poça e, no meio da poça, uma lajota hexagonal elevada: é nela que devo pisar. Miro bem, salto e pouso o pé bem no centro dela, acomodando a oscilação já esperada para dar um novo impulso e aterrizar sem molhar a sola. Desvio do labirinto de caçambas cheio de *Aedes aegypti* localizando uma rampa meio escondida feita de um tapume virado pra baixo, mole demais para me sustentar por muito tempo. Passo rápido para ele não quebrar.”

Faltam 100 metros para o fim da rua.

“No fim da rua, tapumes servem de abrigo para menores infratores. Eles preferem atacar nesse horário, o do fim da tarde, e preferem moças desacompanhadas, como eu. Já tenho meu estilete à mão, mas se possível devo evitar o confronto para poupar minha Beleza. *Não reaja*, dizem as autoridades. *Mude de calçada*. Imbecis. O foco deles deveria estar, como o meu, em notar de primeira, encarar de longe e sustentar o olhar. O pivete perdeu o efeito surpresa mas, ainda confiante, capricha no gingado ao caminhar na minha direção. Isso intimida a maioria das pessoas. Não a mim. Rebolo mais que ele sobre minhas botas de salto. Saltos que também são armas. Ele só tem as mãos e uma bermuda. Provavelmente não comeu hoje e sua Energia está baixa. Não tem chance contra mim.”

“Ele sabe. Passa direto. Só quer gastar sua pouca Energia com uma vítima garantida – de Level baixo. Por exemplo, a velhinha que acaba de atravessar a rua lá atrás.”

Please wait. (Espere, por favor.)

Edgar a olhava de rabo de olho. Aposto que até o Josilton, se não estivesse fora, estaria de olho naquela mulher.

– Então, pelo que você está dizendo... – disse ela – é a placa-mãe? Diz que não, por favor!

Nessa última frase, ela teve um súbito acesso de juventude histórica, o que fez uma *cheerleader* sacana cruzar meus pensamentos com uma estrela terminada em espacate.

– Olha, infelizmente, estou achando que é.

Ela parece desorientada de decepção. Enfia o rosto entre as mãos e puxa os fios dourados grudados na pele para trás antes de me lançar um olhar implorante.

– Oh, meu Deus. Dá um jeito nisso pra mim. Qual o seu nome?

Escondo um pequeno sorriso que tinha brotado na minha cara. Hora de negociar.

– André.

– Quanto isso vai dar, André? Preciso disso pra hoje. Bom, pelo menos não queimou o HD...

– Mesmo assim, vai precisar formatar. Corrompeu tudo.

– Mas eu preciso dos meus documentos! Está tudo aí! Fiz backup na segunda-feira passada, mas tem todo o trabalho desde então... e outras coisas que não posso perder de jeito nenhum.

– Tipo o quê?

Ela coçou o rosto antes de responder:

– Jogos salvos.

Vá para 180.

Abraço o Fernando, aceito o café da mãe do Fernando, e ouço Fernando desfiar algumas de suas aventuras na Alemanha. Não entendo bem se é beta tester ou o quê, mas ele está empolgado e deixo ele falar português à vontade. A mãe dele levanta para atender um telefonema. Sem alarde, passamos para a frente da TV e começamos a jogar o que quer que estivesse plugado ali.

Vá para 71.

– Meu cliente não vai dar entrevistas. Com licença. Com licença.

Eu fazia a cara de bom moço assustado, de *jovem tragado pelas circunstâncias*, à medida que ia vencendo a multidão aglomerada. Assim me fora ensinado.

A essa expressão, eu acrescentava um quê de *esperança infundada*, oscilando as pálpebras inferiores e os cantos dos lábios.

Um acusado de homicídio que ganha na loteria: a imprensa adorou. Eu tinha torcida contra e a favor, cada qual com seus cartazes na porta do tribunal.

– ... tiveram relações sexuais, e depois um desentendimento...

– ... claramente uma relação consensual.

– ... indícios de luta corporal.

– ... saiu quase tão machucado quanto a jovem.

As teses voavam pelo tribunal.

– Ele a empurrou contra o vidro.

– Uma brincadeira a dois que não deu certo.

– Crime passional.

– Um infortúnio.

– Doloso.

– Culposos.

A tese da minha defesa era a de um acaso infeliz e prosaico. Depois do amor, os descuidosos pombinhos resolveram brincar de cabo-de-guerra numa sala estreita demais. Não era de todo mentira.

A tese da promotoria era a de que eu teria irritado Laila de alguma forma e ela me expulsara de casa, ao que, também irritado, respondi empurrando-a contra o vidro. Não era de todo mentira.

Vá para 175.

SEGUNDA-FEIRA - TARDE

Quando cheguei à ZYX Traduções só encontrei Laila, Elza e Dafne. Naquela tarde eu só tinha vindo remediar os computadores menos caquéticos. Dois deles teriam que sofrer um upgrade radical. Laila preferira as soluções mais baratas; as cooperadas que quisessem o que ela considerava “luxos” teriam que pagar do próprio bolso. Elza teria que pagar pelo som do seu computador e Dafne, a diferença de preço do HD normal para o mais espaçoso.

Eu me sentia empurrado para uma decisão. Era um dating game. Eu deveria escolher pelo menos uma mulher e tentar conquistá-la. Eu poderia resistir, mas me submeter ao mecanismo do jogo ainda parecia a melhor jogada. Na pior das hipóteses, eu estava atrás de mulher – normal dentro da minha loucura.

Eu sabia que podia estar pirando. Mas faria meus melhores esforços para ser um louco bom caráter. Eu iria atrás de uma personagem secundária, que nem de videogames gostasse. Parecia menos problemático não misturar as duas coisas, investigação e jogatina.

Enquanto acariciava placas com cotonetes e borrachas escolares, eu olhava discretamente para

Elza, a tradutora negra com piercings – Vá para 205.

Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes – Vá para 130.

Eu vinha falando mais era com Laila. Quando Rosana voltou à empresa regenerada, Laila não entendeu coisa alguma e tentou me sondar a respeito, mas agi como se soubesse tanto quanto ela.

Depois disso começamos a conversar quase diariamente. Descobri que ter o próprio negócio não lhe dizia nada – e, aliás, conforme Laila explicou, a cooperativa não era nem *dela*, mas de todas as cooperadas. Ela andava com a ideia de ser escritora. Tinha terminado um livro – “ainda tem umas coisas meio *soltas* nele, mas escrevi um final” – no qual não sentia muita firmeza, e agora queria começar um outro, novo, diferente. “Histórias fantasiosas me constrangem”, disse ela. “Acho que não nasci pra escrever sobre alguém que é escolhido para mudar o mundo ou coisa assim. Quer dizer: não vou ficar rica.”

– Por que não me deixa ver esse livro? Quem sabe eu...

– Não.

– Deixa eu ver, porra.

– Não. – e depois: – Deixo você ver o próximo.

Deixei pra lá. Não era importante.

Depositei a caixa de comida chinesa na bancada e peguei os controles, passando um deles a Laila.

– Então Você Quer Aprender a Jogar Contra Humanos? – declamei, muito sério.

Ela fez um lento sim com a cabeça, pouco a pouco admitindo um sorriso. Mal sabia eu que logo estaria penando para derrotá-la num *deathmatch*.

Vá para 259.

Vi também que Laila tinha me respondido o e-mail de desculpas com um seco:
– OK. O serviço é seu.

Vá para 235.

Eu arregalei os olhos e, sem pensar, chamei os outros.

A quantidade de pornografia armazenada naquele HD estava fora de qualquer escala. E, conforme os nomes dos arquivos corriam na janela de transferência – polacas arrombadas, bombeiros descontrolados, ginastas flexíveis, estupros coletivos, lésbicas com chicotes –, eu ia lendo e adquirindo uma ideia de seus interesses. Era tudo categorizado.

– Isso *tem* que ser do namorado dela – comentou Josilton, de nariz na tela.

– Abre aí. Deve ter coisa dela. – disse Edgar.

Não tinha. Talvez ela tenha achado que não íamos esquadrinhar o conteúdo; ou quem sabe não se importasse. Fato é que tinha nos confiado a integridade da sua coleção pornô.

Nem bem nos recuperamos da descoberta e a transferência tinha sido concluída. Deixei o sistema novo instalando e voltei aos zumbis, embora um pouco disperso. Quando a fase terminou, dei outra olhada para o lado onde estava o computador de Laila. Tinha um **HD externo** espetado nele. E Edgar, em frente à tela, acompanhava o progresso de uma transferência de arquivos com expressão esbugalhada.

Você interfere. – Vá para 199.

Você finge que não viu. – Vá para 137.

Fui aplaudido por todo o escritório ao chegar com os dois computadores recém-montados dentro de um carrinho de supermercado fornecido pela portaria do prédio. A instalação foi rápida e, assim que elas se deram por satisfeitas com a novidade, saíram para almoçar. Laila ficou testando os PCs e pediu dois PFs, um deles para mim.

Vá para 60.

Mayumi na carteira da frente. Ma-yu-mi. De alguma forma parecia um nome de velha. E da barra da sua saia sobressaía-se uma *anáqua*. Rendada.

Seus pés se recolhiam para trás, expondo um par de calcanhares que, de tão liso, parecia de cera. Ela não se mexia. Comparada às outras meninas, era quase uma estátua. Ela combinava imensamente com uma biblioteca.

Mayumi tinha cara de ser o tipo que, ao encontrar alguém de seu interesse, imaginava não como seria aquela pessoa na cama, mas *por escrito*.

Mayumi virou para mim e me fitou. Tinha sentido meu olhar. Energia demais atrás da nuca incomoda, parecia dizer.

– O... computador... – sussurro eu, incapaz de quebrar o contato visual.

– Funcionou? – pergunta.

– Sim.

Um rictus estranho se forma nos lábios de Mayumi e ela se volta para a frente de novo.

Acho que ela sorriu.

Vá para 172.

Deu para me salvar. Me icei, terminei com a viga, pulei para a rampa e, mal comecei a deslizar por ela, já tive que dar outro pulo para a caçamba.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação** e NÃO teve **prejuízo de 10%**, vá para 254.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação** e teve **prejuízo de 10%**, vá para 126.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação** e deu o **amuleto** a alguém, vá para 72.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação** e NÃO deu o **amuleto a ninguém**, vá para 22.

Eu preparava algum comentário tolo sobre o tempo quando, abruptamente, ela se aproximou de mim no segundo degrau da escada, a saia roçando meu jeans:

– Quanto é?

– Nada.

– Nada?

– Não usei material nenhum, não gastei nada. Relaxa.

– Você gastou seu tempo. – insistia ela. – Acordou cedo num sábado. Não tem nada que eu possa fazer para retribuir?

Isso me lembrou a elfa-diaba. Sorri. Enquanto isso, a japa sacou da bolsa um iPod branco protegido por uma capa translúcida e apertou os botões.

– Eu tenho um idêntico – declamei, enrabichado.

– Escuta essa. Acho que combina com essa vista do Centro.

“Combina com um boletim de ocorrência na DP do Lavradio”, pensei. Coloquei um fone de ouvido e escutei. Felizmente estávamos no topo da escada da Biblioteca e não fomos assaltados.

– Já que te arrastei até aqui em pleno sábado, deixa eu te pagar um almoço?

– OK.

Passamos pelo Municipal, andamos sobre paralelepípedos, atravessamos um beco e fomos parar num restaurante semivegetariano ali perto. Almoçamos. Conversamos. Escutamos as músicas um do outro. Fiquei sabendo que ela recebia dinheiro de Dafne para ajudá-la na pesquisa de doutorado. Finalmente entendi sua função na empresa: todas. Era a estagiária.

Quando cheguei em casa e abri o e-mail, Samara tinha me mandado uma corrente com uma história ridícula sobre ser amaldiçoado se não a repassasse em 24h. Deletei no ato.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para **78**.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para **41**.

Tem início a missão. Rolamos dados. Interpretamos. As cervejas vazias se acumulam num canto. Dentro de algum tempo, estávamos irmanados pela situação completamente imaginária em que nos metemos. Metallum e Locomía cercados por ratos cuspidores de veneno. O Rotorruter fora de combate, a ser revivido pelo Marínio, que assim deixaria de ajudar Anã Branca contra o robô incompatível com as habilidades dela. Como sair dessa?

Rolamos mais dados. Um de cada vez.

Escapamos. Sem baixas. Nem fomos atacados de surpresa logo depois, como de praxe. O Mestre estava de bom humor naquele dia, parece. As notas de Samara deviam estar melhorando.

Para o Mestre, a filha ainda era uma garotinha, mito que a própria reforçava ao irromper no meio da quest gritando:

– A poderosa Sama-chan se posta no meio do caminho! Lutem ou morram!

Todo mundo riu. O Mestre fingiu contrariedade e mandou-a para a cama, ordem fadada ao cabulamento – cansei de ver a menina online às 1:30 da manhã em dia de semana. Ele volta maldisfarçando um sorriso. No fundo, ele acha bonitinho. Só não percebe que o *bonitinho* dele já não é o *bonitinho* dos outros.

Samara delirava de prazer com esse arranjo: todo mundo percebendo tudo do jeito que melhor lhe calhava para ser, de fato, poderosa. Filhinha do papai e ninfeta fatal ao mesmo tempo: o melhor dos mundos.

A falha no seu plano era eu. Eu não gostava nada daquela ambiguidade.

Não. Eu não gostava era da manezice do Mestre e do party, que envergonhava a categoria e abalava o alto pedestal em que eu tinha o Mestre. Minha vontade era escorraçar a menina, mas me calava.

As menores de idade deviam ser banidas aos gritos histéricos de vestiário à menor ameaça de espionagem masculina pelo cobogó. Nada de *empowerment*. Nada de conscientizá-las de que são objeto de desejo e de que, como tais, têm algum poder. Fica essa coisa ridícula.

Se você tem o **E-mail de confirmação** e tem o **iPod de Mayumi**, [vá para 13](#).

Se você tem o **E-mail de confirmação** e NÃO tem o **iPod de Mayumi**, [vá para 198](#).

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e tem o item **iPod de Mayumi**, [vá para 219](#).

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e NÃO tem o item **iPod de Mayumi**, [vá para 90](#).

Quando cheguei em casa, havia um novo trecho do livro de Laila no meu e-mail. Aparentemente ela tinha criado uma explicação para a existência do **amuleto** que envolvia uma ninfeta que se baseava num dos sistemas de RPG do pai para criar uma campanha em cima da vida de “André, seu amigo de infância nove anos mais velho”. Aparentemente, suas fantasias desencadeavam reflexos na vida real sem que ela soubesse – e, por pouco, no clímax do livro, não fica sabendo.

– Não é um pouco demais? – indaguei.

– Não.

Suspirei e fui me ocupar de outra coisa. Eu queria muito que Laila parasse – já não vinha sendo inofensiva há tempos –, mas já tinha percebido que, quanto mais eu falasse, pior. Então calei minha boca.

Vá para 148.

Samara & Mayumi joined your party!

Um minuto antes de sairmos os três – eu e elas –, meu olhar esbarrou com o de Edgar.

E assim foi. Sem uma risada, sem sequer a sombra de um sorriso – sem sequer tramar para isso! – senti que era invejado. Era uma sensação que não tive muitas vezes na minha vida. Ser invejado parecia com ser alvejado – por uma seta envenenada disparada de uma besta, à traição – e... e ao mesmo tempo era bom. Alguém tem que perder para alguém ganhar, pensei. Mas não estou tirando essas mulheres dele, pensei. Ele simplesmente não teve essa chance que eu tive. Não há contexto de competição aqui, e assim mesmo competimos?

Isso é ser macho.

Vá para 256.

A TROCA DE ALMAS

Ficamos de iPods trocados por uns dias, eu e Mayumi – sem qualquer premeditação de minha parte. Eu tinha até levado o dela à ZYX Traduções na segunda, mas nos desencontramos. Não sei o que ela fez com o meu, mas eu ouvi o dela de cabo a rabo. Fucei suas listas de música, reconheci alguns títulos e artistas, outros despertaram curiosidade e tive que baixá-los. Tive que recarregar seu aparelho duas vezes.

A lista que mais me chamou a atenção, e copiei integralmente para o meu iPod, foi uma que destoava do clima idílico das demais. Até no nome. Ela se chamava OWNED, assim mesmo, com maiúsculas. Dela constavam imprecisamente sete faixas:

Genesis/Let there be light – Justice
All mine – Portishead
I'm your puppet – James e Bobby Purify
Sex born poison – Air com Buffalo Daughter
Rabbit in your headlights – U.N.K.L.E.
Saviour piece – Snap Ant
Alive – Daft Punk

O iPod é um mod da alma da pessoa. Você mantém sua alma organizada? A dela era. De uma limpidez impressionante também. A criatividade dos conceitos das listas, o tamanho acurado de cada uma delas... Bem, não vou me estender. Sei quando as pessoas não estão me acompanhando, elas reclinam a cabeça para a esquerda e surge essa ruga na testa, *essa*.

O que a troca confirmava era a minha teoria sobre estar num dating sim. Pela dinâmica de um dating sim, eu não precisava arrumar qualquer pretexto. Os pretextos vinham e viriam sem que eu precisasse forçar barra nenhuma. Forçar a barra seria necessário caso eu quisesse me esquivar deles. Você está com o **iPod** da menina e ela com o seu; *é preciso* se encontrar para destrucá-los. Segundo a dinâmica cordial vigente no país, encontrar-se apenas para trocar pertences perdidos, virar as costas e ir embora seria uma perda de tempo e uma falta de educação; faríamos ao menos um lanche, entraríamos ao menos numa livraria.

Não só Mayumi me ligou para destrucarmos os iPods (numa livraria perto do meu trabalho) como também me trouxe um estranho presente: um **tupperware** com um salgadinho dentro.

– Eu que fiz.

– Você que fez?

Fiz menção de abrir o pote e ela me tocou com sua mãozinha:

– Não coma agora. Você só deve comê-la num momento especial.

Novo item: Tupperware de Mayumi.

Guardei o salgado na mochila. Agradei e voltei para o trabalho.

Se você tem falado sobre um livro com alguém no chat, [vá para 136](#).

Se você NÃO tem falado sobre um livro com ninguém e falou com DAFNE, [vá para 86](#).

Se você NÃO tem falado sobre um livro com ninguém e NÃO falou com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 142](#).

Levantando-se, Elza arregalou os olhos, incrédula e indignada. Aproximou-se.

– Você tem medo de mim? – ela cutucava o próprio peito. – É isso? – grudando a mão na cara ela repuxou a pele, formando uma careta muito desfavorável. – Medo? Medo? Medo?

E, a cada repetição da palavra, ela deformava mais o próprio rosto com os dedos, espichando uma carantonha quase irreconhecível.

– Tá pensando que sou o quê? Um monstro? Monstro? Monstro?

No que apertei os olhos, pensando na resposta que poderia fazer menos dano, a máscara horrenda ressurgiu a um palmo de distância: uma narina alargada, a outra puxada junto ao olho cujas pálpebras estavam do avesso. Sem que dedos as segurassem.

Sufoquei e engoli um berro enquanto recuava para o mais longe possível daquilo, arrastando-me sem dar as costas.

– Ahh! Então é isso que você acha de mim!

A voz dela ganhava reflexos metálicos, inaturais, à medida que se tornava mais maníaca. Os dedos percorriam o rosto, desfigurando-o criteriosamente.

– Ah, seu...

Sua pálpebra inferior tinha sido arregaçada até a boca, expondo os músculos. O sangue manava lentamente dessa grande abertura e da metade da boca que tinha sido esticada em direção às orelhas. Quando ela expulsou o olho esquerdo da órbita mediante um tapinha na têmpora, não mais me contive. Gritei e chorei, pedindo perdão, perdão, por favor, encolhido num canto. O corpo germinava novos apêndices, tornando-a uma espécie de inseto doceiro gigante. “Olha pra mim enquanto estou falando!”, urrava o ser, sem trégua, agarrando o ar com as pinças meladas e ocasionalmente me acertando um futuro hematoma quando eu tentava não olhar, o que só parou quando me achei num hospital, com soro espetado na veia.

Vá para 196.

Desejei naquele momento que faltasse luz, mas não fui atendido. Tivemos que ver os corpos um do outro. Se fosse meu apartamento, eu teria o controle; Rosana em sua casa faria do seu jeito.

O jeito dela foi me apertar os ombros e sair de baixo de mim; eu sabia o que ela estava fazendo. Continuei olhando o teto, portanto, até que ela declarasse o quarto pronto para mim.

– Vem.

Mudar de cômodo deixa a gente um pouco tímido; por um milionésimo de segundo me vem a tentação de encontrar um bibelô com que brincar fixamente; mas me lembro de tudo o que fizemos na sala e retomo o ritmo. Na verdade, caio aos pés dela e, meu Deus, *inovo*: levanto as pernas dela e opero delicadamente com a boca. A certeza de ter sido isso uma boa ou uma péssima ideia demora, e enquanto retenho o par de pés lá no alto, é preciso persistir no escuro. Sorte que estou bêbado. O que estou fazendo é usar a boca e os dedos. Ela reage. Muito bem. Sou atacado. Ela decidiu retribuir o favor? Não, ela decidiu me cavalgar. Isso é bom para os dois. De alguma forma, após uma vida de fracassos, a serenidade tinha tomado conta de mim – percebo.

Vá para 218.

GAME OVER

Voltar para a escolha mais recente – Vá para 151.

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

– Então precisamos encontrar o designer do jogo. Sugiro nos separarmos e o primeiro que tiver uma pista, ainda que fraca, avisa o outro.

E assim ficamos acertados. De minha parte, o que quer que parecesse sidequest seria descartado. Eu prosseguiria direto para os eventos obrigatórios.

Vá para 7.

Sim, ela poderia fazer certos testes com o **amuleto** de que eu, no meu level pífio, não seria capaz. Deilhe o **amuleto**.

Àquela altura, eu estava convencido de que toda a história sobre o talismã influenciar minha vida não passava de paranoia minha. Conviver regularmente com mulher bonita devia estar fabricando alguma autoestima.

Recebi os 10 mil ouros por insistência dela.

Entramos pela madrugada jogando. Na verdade, nos desviamos frequentemente do nosso objetivo para socializar ou matar. Quando fomos dormir, ainda estávamos longe de esgotar os testes possíveis.

Vá para 82.

A casa de Dafne era enorme e vazia. Tinha mobília completa, mas parecia desabitada feito o mostruário de uma loja de decoração. A falta de televisor não me surpreendeu tanto quanto a ausência de livros e quadros.

Mesmo assim, sentamos no sofá da sala e conversamos por uma hora. Dessa vez ela até me deixou falar.

Mais de dez da noite, bateu a fome e perguntei por algo para comer. Dafne estendeu um polegar para trás, para a cozinha. Fui até lá e abri a geladeira.

Que estava absolutamente oca. Nem pilha e água.

De repente, o pensamento de Rosana cruzou a minha mente. Saquear era preciso.

Me aproximo de Dafne muito, muito devagar. Ela está de costas. Ela observa a cidade pela janela. Ela nem nota minhas mãos se acercando de seu queixo e testa para girá-los no sentido antinatural, de uma vez. Crec.

Ela cai no chão ao lado de um cheque no valor de r\$ 12.375,09. Supus que esse seria o valor nominal dos bens não presentes no apartamento. Legal.

Que foi? Tenho certeza que ela respawna assim que eu sair daqui – como se nada tivesse acontecido.

Vá para 7.

Depois que achamos a cutelaria e o antiquário para convertermos em ouro o produto do dia, foi decidido que nossos estilos eram por demais diferentes e que, portanto, era melhor cada um sair à caça por si. No final do dia, dividiríamos o produto segundo regras meticulosas.

Aquele seria o primeiro loot a dividir pelo novo sistema. Da categoria “objetos raros de valor inestimável”, deveria ser desfrutado pelos dois, se possível a dois. Mas eu não estava a fim.

Ela me tratava feito empregado. Me passava missões e insinuava que eu talvez não tivesse a fibra necessária para alcançar os objetivos. “Está desmotivado?”, ela costumava me perguntar, com enormes olhos líquidos.

Deixei o **console vintage original** dentro da sacola. Rosana não veria a cor daquele objeto precioso. Se o visse, certamente arrumaria um jeito de tirá-lo de mim.

Vá para 166.

Em frente à porta, estaquei.

A cama de viúva recoberta pelo edredom tartan era um oásis em meio à poluição visual de quilos e quilos de despojos de batalha amontoados por cada centímetro quadrado disponível. Havia um enorme saco marrom empelotado de presumíveis moedas de ouro, além de espadas, partasanas, elmos, coxotes, adagas, joias. Tudo ensanguentado.

Rosana observava minha reação.

– E você, tem pegu muito drop? – ela olhou para mim e riu. – Ou tem fugido de briga?

Embatuquei.

– Não me ocorreu saquear. – respondi afinal.

– É uma pena. Eu ia te perguntar onde é a loja.

– Deve ter uma. Mas prefiro correr das batalhas mesmo, quando dá. Achei meio enlouquecedor.

Rosana recuou o queixo e espichou o olhar daquele jeito que as mulheres fazem quando querem ser safadamente persuasivas.

– Você quer consertar computador pra sempre?

Perguntinha capciosa. Respondi com outra.

– Arriscar a vida todo dia: melhor?

Agora ela estava sorrindo de lado também. Tomou uma das joias e pendurou-a ao lado do pescoço branco.

– Linda – admiti.

Ela estava perto agora. Perigosamente perto.

– André. Quer formar uma guilda comigo.

– N...

Ela tinha me enlaçado as mãos e me fitava por trás dos óculos.

Droga.

Vá para 226.

Ao sair, percebi que dava tempo de me enfiar numa das novas bocas de metrô nascidas naquele bairro. Foi o que fiz. Comprei um bilhete e percorri os corredores e escadas e corredores e escadas até chegar bem a tempo de perder o penúltimo trem. Agora teria que esperar cerca de dez minutos.

Liguei para a minha mãe e disse que não se preocupasse, eu já estava chegando.

Desliguei e olhei à minha volta. No metrô à meia-noite, cada um tinha que cuidar de si. Fiz uma discreta varredura pelos arredores.

No outro extremo do banco onde eu tinha sentado, havia uma moça malcurvada sobre si própria. Ela lia um livro sobre o colo. O fio alvo de um fone sobressaía contra seu cabelo longo e negro.

Parecia Mayumi. Tentei discretamente divisar seu rosto, mas o cabelo impedia. Ele era sua tenda de leitura. Sua privação de sentidos.

Tenta falar com ela – Vá para 197.

Deixa ela – Vá para 92.

No meio da escada rolante, dei de cara com um sujeito das antigas. Tiago. Metido numa camisa social barata de listas rosas e mangas enroladas. Ele me socou o braço de leve.

– Aí, tá sabendo? O Bagulho voltou.

Abri um sorriso e, dando meia-volta, avisei o Josilton por mensagem que ia ficar fora o resto do dia.

Fernando (ou Bagulho) era um moleque lá da minha rua que tinha o emprego dos nossos sonhos: jogar videogames profissionalmente.

– *Como* ele conseguiu esse emprego?? – é o que geralmente as pessoas me perguntam, lagriminhas nos olhos.

Nos tempos pré-internet, ele escrevia para as revistas de games comentando, dando dicas e cheats. Até que o pessoal das revistas acabou dizendo, “vem cá, não quer trabalhar pra gente?”. Ele topou. Passou a escrever uma coluna para a revista que os garotos ricos assinavam. Depois, ainda adolescente, virou debulhador daquele programa de TV a cabo. Ele aparecia nos créditos como Bagulho Power.

A gente vivia na casa dele porque, claro, ele tinha todos os consoles e jogos que saíam. As empresas chegavam a mandar pré-lançamento para ele lá dos Estados Unidos. Ele era nosso guru. Nosso ideal de vida encarnado.

– E o que aconteceu com ele?

– Está na Alemanha.

– Fazendo o quê?

– Ninguém sabe. Provavelmente algo com jogos.

– E o que ele veio fazer aqui?

– Passar férias. Ver a família, né.

Vá para 37.

Ela poderia fazer certos testes com o **amuleto** de que eu, no meu level pífio, não seria capaz. Mas eu disse que não lhe daria a pedra.

Ela quis aumentar o valor do depósito. Achou que era esse o problema. Falta de confiança nela.

Nada mais longe da verdade. Eu não confiava era no **amuleto**. De repente tinha sido ele quem começara aquela confusão toda na minha vida real.

Eu disse que preferia que o talismã ficasse comigo porque, se ele fosse um item hackeado ou bugado, possibilidades estas cada vez mais sólidas, quem estivesse com ele poderia ser punido pelos organizadores do jogo. Isso a tranquilizou.

Eu só estava preocupado com ela.

Ao anoitecer, ainda longe de esgotarmos os testes possíveis, meu celular apitou uma mensagem de texto de Samara.

A mensagem de texto de Samara convida você para uma festa.

Você não vai. – Vá para 227.

Você vai. – Vá para 242.

“Estou aqui, André”, apartou uma voz.

Arrepiado, constatei que a voz era *a de Samara* – com pronúncia perfeita, *dentro da minha cabeça*. Eu tinha lhe dado as costas para amparar Rosana; me desvirei imediatamente.

“Você deu o **amuleto** pra essa doida e olha no que deu. Vai que ela dá pra outra pessoa, e a outra pessoa pra outra pessoa, e daqui a pouco o mundo inteiro se contaminou dessa merda. Não, isso não pode.”

Rosana tinha dado o famoso tiro no pé. Os poderes da Samara paralisada funcionavam à perfeição.

O que você fez?, perguntei a Samara.

“Uma medida de contenção. Para evitar que vocês sejam dois de uma nova espécie ruim. Maçãs podres contaminam o cesto.”

Você apagou a memória dela.

“Você vai tirar essa armadura dela e esconder, e vai fazer o mesmo com as toneladas de loot que tem na casa dela. De agora em diante, quando ela for atacada na rua, vai entregar a bolsa tremendo e depois reclamar da violência no Rio, como qualquer outra garota.”

Vá para 165.

SEGUNDA-FEIRA - MANHÃ

Morto de cansaço, eu não conseguia me concentrar no trabalho. Muito menos com Edgar adejando à minha volta feito uma borboleta no cio.

– Você tem que me contar como foi. Eu nunca conheci ninguém que tenha pego duas ao mesmo tempo!

Ele parecia ligeiramente transtornado de excitação. Mas, por trás da máscara, eu via o que ele estava fazendo. Era frio e calculado.

Edgar estava me tentando pela via da bajulação, do puxa-saquismo. *Você é foda, cara*, agora me conte todos os seus truques para que eu possa roubá-los de você. Isso já tinha dado certo uma vez: foi assim que ele tinha chupinhado muitos dos meus conhecimentos de informática. É ruim de eu deixar funcionar de novo.

– Nada, cara. Foi um lance de sorte, só isso.

Depus um gabinete pronto e aparafusado em cima da bancada, virei de costas e arrumei algo bem isolado para fazer.

Ele não estava entendendo. É claro que não estava entendendo. Eu estava fodido, sozinho, do outro lado da fantasia que para ele era só uma fantasia.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para **82**.

Se você **NÃO** recebeu o **E-mail de confirmação** e **NÃO** teve **prejuízo de 10%**, vá para **247**.

Se você **NÃO** recebeu o **E-mail de confirmação** e teve **prejuízo de 10%**, vá para **39**.

Quando comecei a correr pelas paredes,

Calma.

Começou com a chuva. Algumas gotas grossas e frias se estamparam no para-brisa do ônibus como um recado de São Pedro: *se escondam. rápido*. Depois da rajada, a trégua seca para a entrada do título, se tempestades tivessem títulos:

um estrondo de sacudir os vidros.

Os passageiros se entreolharam e murmuraram. Puxaram as coisas para perto do corpo. E ouviram a metralha inconfundível do dilúvio.

O teto do ônibus derramava cascatas ao sabor das freadas e investidas; se parado, a água preenchia as bordas das janelas e vazava, pelos cantos, para o interior; fechando-se as janelas, elas embaçavam e a visibilidade quase zero se tornava zero. Não que enxergar fosse adiantar de alguma coisa: o motor empapado acabava de pifar. A maioria dos passageiros abandonou o ônibus – entre eles, eu.

Com água pela coxa, lembrei que sempre inundava minhas cidades simuladas quando estava entediado. Puta mau exemplo para Deus.

Vá para 24.

Eu não tinha culpa. Ou mérito. Eu era apenas uma vítima. Ou um instrumento. Sabia que seria ajudado se soubesse me ajudar.

Vadei até o poste, escalei-o até a sacada, saltei para o andaime, pulei para alcançar a barra superior, me icei para cima, atravessei uma tábua, botei um pé na viga e coleí a cara na parede.

Ouvia vagos apelos dos meus ex-colegas de infortúnio lá atrás. Eu estava feliz. Não prestei atenção.

Comecei a arrastar os pés, de lado, passando para a outra extremidade, abraçado à parede. De esquelha, via a rampa pela qual seria possível escorregar e cair com precisão numa caçamba de entulho. Talvez por isso eu não tenha previsto a viga ceder sob os meus pés como cedeu. Pendurado por uma só mão, percebia que a única alternativa possível era...

REZAR – Vá para 74.

AMALDIÇOAR – Vá para 237.

ESCALAR – Vá para 45.

A resposta é uma risada do fundo da garganta:

– Quer mais?

Meia lua de rosto se revela.

– Mayumi? – balbucio.

Desde a noite que passamos com Samara eu não tinha falado mais com Mayumi. É o rosto dela com certeza. Mas a expressão. Mudada. De neutra a enigmática. De reservada a...

Sua mão colhera o meu pescoço e juntara as nossas bocas. Por um décimo de segundo antes disso, eu jurava ter visto algo roxo dentro daquelas pupilas. Queria me afastar e investigar, mas a língua de Mayumi adejava e sumia e volvia pela minha boca, me roubando o juízo. De canto de olho vi que uma senhora desencostou da parede próxima e foi para junto da faixa amarela.

– Mayumi... – suspirei quando ela recuou.

– Vem comigo – soprou ela.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 23.

Depois de cinco minutos fazendo isso, desisti. Sentei na cadeira do computador e fiquei olhando a parede. Não tinha nem minha mochila. Sem saber o que estava fazendo, mexi o mouse. Ao contrário da última vez o *desktop* de Samara estava completamente limpo, exceto por um único arquivo de texto, bem no centro.

Como escapar do quarto.doc

Era um arquivo com senha, *óbvio*.

A primeira coisa que tentei foi “piranha”. A segunda, “Deus”.

Tentei de tudo. A pontuação do teste de pureza dela, por exemplo (eu lembrava; desperdício de sinapse). “*The Sims*”. “André”. “Samara”. “Samara e André”. “André e Samara”. O nome da banda que estava na moda. Nomes de mangás e animes. Nada funcionou.

Tentei acessar a internet. Não havia – provavelmente ela tinha desligado o roteador lá fora.

Tentei pensar como Samara. Autocentrada como só, devia ter colocado uma senha que tivesse a ver com ela mesma. Qual tinha sido mesmo a última coisa que ela me dissera antes de sair do quarto?

“Suco de pêssago”. Não era. Era “pêssego”. O arquivo abriu. Lá estava, fatídico, o aviso:

vc q se acha taum evoluído, duvido escapar do meu quarto!!! X-D

De todos os algozes... *justo* uma falante de miguxês? O que Deus tinha contra mim?

Vá para 95.

SÁBADO

Dormir é para os fracos. Acordei sete da manhã, enfiei algumas coisas numa mochila e dormitei no trajeto até a rodoviária. Logo estávamos dentro do ônibus para Visconde de Mauá. Mandeí mensagem dizendo que não ia ao RPG. Iam me crucificar, mas dane-se. Havia mulher em jogo.

Depois de nos abastecermos num mercadinho, passamos pela portinhola atrás de uma casa e entramos numa trilha. Íamos todos carregados: duas barracas e víveres, a maioria alcoólica. Andamos meia hora até uma clareira. Gê (Eugênia) e Fabi(ane) eram um casal e fincaram sua barraca na outra ponta. Nossa barraca ficou embaixo de uma figueira seca.

Deu vontade de perguntar: e aí, o que se faz por aqui?

– Vamos andar!

“Andar mais??” gemi eu mentalmente.

– Tem uma cachoeira.

“Sempre tem uma cachoeira”, pensei.

A cachoeira era gelada e chinfrim, mas Gê e Fabi botaram seus biquínis, molharam as canelas e ficaram tomando sol sobre uma pedra. Elza e eu fizemos o mesmo numa pedra próxima, mas de roupa. Quando tirei a camisa, ela pegou o protetor solar e passou em mim; me ofereço para fazer o mesmo e ela diz que não precisa.

– Esse solzinho não é páreo pra mim – diz ela, acariciando o braço de pantera.

Então as meninas foram à bolsa e voltaram com sanduíches, cerveja e som. Bandas alternativas britânicas embalaram nosso fim de tarde. Tirei um cochilo. Quando pegamos o caminho de volta, tinha baixado uma cerração e já era quase noite.

Se você deu o **amuleto** a alguém e ficou no carro de Fernando na favela, vá para 149.

Se a afirmativa anterior for falsa, vá para 182.

Começo a estocar. De porto em porto, troco mercadorias. Porcelanas, especiarias, nativos. Gerencio, gerencio. Sou um pequeno burocrata dos mares. Vou adquirindo naus e mais naus até formar uma armada. Quando fico rico o suficiente, piratas se aproximam. Não vou ser loot de ninguém: que conversem com os canhões.

– Às bombardas!

Logo a armada vitoriosa está sendo carregada com despojos da guerra e rica presa. Minha tripulação comemora um dia inteiro até perceber que acabou a comida. Então se amotina. Peso na ponta da prancha, fitando os tubarões lá embaixo: estou velho, o tempo passou para mim; consegui ficar rico; será que para o meu pai já não estava bom? Ele tinha que continuar me mandando pro mar até eu encontrar a Atlântida, com tantos motins, piratas e livros contábeis?

Desmaio enquanto caio. Tanto esforço em vão. Nenhum respeito pela glória lusitana.

Vá para 131.

Para mim estava claro: Elza não me procuraria tão cedo. Sexo era só outra droga para ela. Ela teria que sentir falta do *tóchico* antes de procurá-lo de novo. E por que o procuraria comigo, que não devia ser o único nem o melhor fornecedor disso na cidade?

Mas vale o ditado de que, no Brasil, traficante é viciado.

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e NÃO teve um **prejuízo de 10%**, vá para 148.

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e teve um **prejuízo de 10%**, vá para 116.

Se você tem o **E-mail de confirmação**, vá para 230.

Desde moleque, ele era conhecido como um dos elementos mais escusos da região. Quando tocou à porta do apartamento de Fernando, foi recebido com má cara pelo pai dele, que foi solenemente ignorado – o sujeito tinha vindo tratar com Fernando mesmo e foi logo gritando por cima do ombro paternal:

– Aí. Ô Bagulho. Teu irmão tá preso na boca.

Ninguém falou nada. Parece que todo mundo ali sabia que Fred era usuário, menos eu.

Fernando, largando o controle na hora e andando até a porta:

– Quanto ele tá devendo?

– Dez pau. Dez *pica* – e riu da própria piada.

Daí em diante, o diálogo se tornou murmurado demais para que eu pudesse entender. O pai de Fernando, com as mãos na cintura, observou o filho enfiar no bolso a carteira que estava sobre o móvel e sair com o visitante.

Eu obviamente não consegui terminar aquela partida de kart. Fiquei fazendo companhia ao pai e à mãe de Fernando, acompanhando com eles todos os canais de notícia à espera de nenhuma que fosse ruim.

Vá para 144.

Cerca de quinze minutos depois, eu chegava à minha rua sem ter tocado no chão. Eu me balançara em barras, quicara entre paredes próximas, me equilibrara sobre cabos de aço, deslizara por cordas e até correra pelo muro. A chuva estiava. Minha rua era transitável. Caminhei em direção ao horizonte e ao meu apartamento.

Fiquei vagando pela minha casa no escuro. Não podia dizer que estava odiando o que vinha acontecendo na minha vida. GOSTOSAS – CARROS – DINHEIRO – SUCESSO. As possibilidades. Experiências passageiras, arrebadoras e acessíveis que me tirassem o peso de viver a vida por uns tempos. Estava tão concentrado que levei um susto com a campainha do telefone. Rezei para ser um convite para beber.

Vá para 98.

Me desvencilho dela e enxugo a boca com as costas da mão.

– Por que eu fiz isso?

Samara me aponta uns olhos enviesados e vingativos.

– Vamos ver se ela escreve isso também.

Eu olho para ela incrédulo. Então abro a boca, por vontade própria:

– Talvez isso eu tivesse feito sozinho. Mas agora você nunca vai saber.

Viro as costas e caminho.

Se você entrou num quarto usando uma **chave-mestra**, vá para 102.

Se você esteve numa boate, vá para 191.

Se nenhuma das afirmativas anteriores é verdadeira, vá para 184.

“Meu Deus, meu Senhor, me ajuda nessa hora aflita. Eu confiei em Ti e confio mais uma vez agora. Minha vida em Tuas mãos. Teu servo...”

– Aaaaah!

GAME OVER

Voltar para a escolha mais recente – Vá para 65.

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

Engulo. Tem gosto de suco de clorofila, só que pior. Adoçamos com mel.

Esperamos sentados, mãos entre os joelhos. Ressaltos da face de Elza reluziam com o lampião. Morcegos guinchavam em torno da nossa figueira. Grilos cricrilavam a distâncias variadas. Ouvia cada um deles distintamente em seu galho ou ramo. Algum tempo já teria se passado. Relógio. Eu devia olhar um. Não sei onde olhar um. Sei que é para ser um problema fácil. Não é.

Olho para Elza e rio.

– Caralho! Não tá acontecendo nada. – disse Elza. – Que merda! Vou acabar dormindo. Tá sentindo alguma coisa?

– Sono – respondi.

Olho para o lado e Elza tirou a blusa. Levantei a mão e segurei seu seio esquerdo como quem segura uma maçaneta.

– Ei.

Ela está sem calça. E sem calcinha.

Mexi a boca mas não consegui falar mais nada; o seio escapou da minha mão, Elza recém evadida pela porta. Meus olhos fecharam. Ouvi-a socar o solo em volta da fogueira numa corrida desenfreada. Em círculos. Nua.

Depois ela caiu e ficou no chão, a arfar. Eu ouvia.

Eu tentei levantar. Difícil. Levou tempo. Quando consegui, percebi que minhas faculdades mentais estavam intactas, até melhores, as motoras é que...

Caí.

– Vou te fazer mulher!! – gritou Elza.

Vá para 112.

Encontrei Rosana pela primeira vez sem seu rabo de cavalo. Ela tinha lavado os cabelos, que secavam estendidos intermináveis sobre seus ombros. Iam quase até a barra do short caseiro que ela vestia, mostrando as pernas branqueadas e um pouquinho flácidas.

– Você sumiu ontem. – diz ela.

– Peguei uma missão que quase me matou. Pelo menos, você não vai acreditar no loot.

Depois que achamos a cutelaria e o antiquário para convertermos em ouro o produto do saque, foi decidido que nossos estilos eram por demais diferentes e que, portanto, era melhor cada um sair à caça por si. No final do dia, dividiríamos o produto segundo regras meticulosas, mas muito justas.

Aquele seria o primeiro loot a ser dividido pelo novo sistema. Da categoria “objetos raros de valor inestimável”, deveria ser desfrutado pelos dois, se possível a dois. Jamais poderia imaginar que essa regra viria tão a calhar.

Mostrei a caixa. Rosana deu um grito e lançou as mãos para cima. Até tentei contar minhas peripécias, mas percebi que Rosana queria mesmo era jogar videogame velho.

Enquanto jogávamos, reinou um silêncio concentrado. Às vezes nos entreolhávamos e sorriamos de leve. Era um clássico de plataforma para dois. Fomos bem longe, mas perdemos; e quando perdemos, Rosana protestou pouco. Me olhou de novo e me sorriu de novo.

– Adoro essa musiquinha de quando perde.

Tomo coragem e estendo a mão para ajeitar o cabelo dela. Deixo a mão ali, não precisa, ela já se aproxima. Seus lábios beliscam os meus. Passo as mãos pelos seus cabelos e pelos seus braços. Ela se entregava, mas, de repente, me repeliu que até me assustou.

– Que foi, Rosana?

– Espera. Estou pensando. Tem alguma coisa estranha.

Vá para 158.

Fui arrancado do meu torpor por outra voz.

– Oi.

Rosana estava no quarto. Eu a convidara para *assistir* nosso RPG, já que o Mestre jamais admitiria novos membros àquela altura da campanha, e ela tinha recorrido ao velho *não sei se vou*. Pois tinha vindo e logo para pegar Samara com as duas mãos paradas nos meus ombros, a cabeça bem junto da minha.

– Quem é você, garota? – peitou Samara.

– A namorada dele.

Extrapolou um pouco, ela, mas não contrariei.

– Ah, é?

Ante essa resposta pífia, Rosana me puxou num beijo de língua e encarou Samara desafiadoramente. Eu não sabia que cara fazer. A de Samara estava terrível, veia pulando da testa, Rosana na mira; no seu rosto, trilhas de lágrimas secavam.

– Vou explodir tua cabeça – disse Samara.

Rosana levantou uma sobrancelha enquanto Samara se concentrava para uma espécie de laser de enxaqueca.

– Que é que ela está fazendo? – perguntou Rosana.

Minha cabeça doía em ondas.

– Você não está sentindo nada? – perguntei. Rosana fez que não.

Isso era fácil explicar. Limitação de poderes. Pelo jeito Samara não era todo-poderosa. Seus poderes não impediram que eu conhecesse e me aproximasse de Rosana; não impediram nem mesmo a vinda dela, rival de morte, a sua casa. Eu só não podia falar isso na frente de Samara. Ela podia ficar brava comigo também.

Se bem que eu nem precisava falar: ela lia mentes.

Mas eu ainda não tinha caído fulminado. Hum.

Pensando bem, o único poder confirmado de Samara era telepatia – sugestão à distância. Telecinese ela estava tentando agora. Sem sucesso.

Não. Não era ela.

Rosana me oferecia a mão. Eu a aceitei de bom grado. Rosana foi me puxando delicadamente para a porta enquanto Samara se ocupava em tampar uma gota de sangue que escorria de sua narina, a outra mão na têmpora, cara de dor. Eu não estava mais preocupado com ela, nem escutando nada na cabeça.

GOOD END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

Vi também que Laila tinha me respondido o e-mail de desculpas com um seco:

– OK. O serviço é seu.

A novidade é que ela tinha me adicionado no chat. Mas repliquei por e-mail:

– Não quero o serviço se você não tiver confiança em mim para fazê-lo.

Ela:

– Você não é meu amigo. Você é um profissional contratado.

Eu:

– Por isso mesmo: só quero o serviço se for pelo meu mérito profissional. Você tem que confiar em mim.

Me ofereci para assinar um contrato de sigilo, reiterei que não era canalha, que eu ter lido aquele arquivo tinha sido apenas um teste, jurei não ter passado os olhos em mais nenhum bit do computador dela, acrescentei que gostava de ler e que a prosa dela tinha realmente me fígado. Pedi novas desculpas pela indiscrição e prometi comprar seu livro uma vez fosse publicado. Ela acabou acreditando em mim, ou se rendendo pelo cansaço, e tivemos uma conversa mais ou menos normal.

Falar do livro – Vá para 222.

Falar de trabalho – Vá para 195.

SEGUNDA-FEIRA

Quando cheguei à ZYX Traduções só encontrei Laila, Elza e Dafne. Naquela tarde eu só tinha vindo remediar os computadores menos caquéticos. Dois deles teriam que sofrer um upgrade radical. Laila preferira as soluções mais baratas; as cooperadas que quisessem o que ela considerava “luxos” teriam que pagar do próprio bolso. Elza teria que pagar pelo som do seu computador e Dafne, a diferença de preço do HD normal para o mais espaçoso.

Enquanto acariciava placas com cotonetes e borrachas escolares, virei para Laila e perguntei em voz baixa:

- E como vai o seu livro?
- Escrevi outra cena nova. Absolutamente mirabolante.
- Posso ler?

Ela me olhou, estudando. Por fim falou depressa:

– Quando eu chegar em casa vou bulir mais um pouco no texto, aí eu te mando. Vou querer sua opinião, hein. Proibido ficar em silêncio que nem sábado.

– Ok – *se eu chegar em casa*, completei em pensamento, ouvindo os roncos do céu preto e me metendo no primeiro ônibus que remotamente me servisse.

Vá para 64.

De cara fechada, Samara abriu a gavetinha plástica de uma secretária e puxou a chave tetra. Me estendeu.

Com ela abri a porta, emboquei na escada, vencendo-a o mais rápido possível com as pernas meio bambas. Quando finalmente cheguei no térreo e cruzei a portaria, percebi que o elevador pousava junto. De relance, o retângulo do elevador trazia um pedaço de cabelo roxo. Vareei a porta da frente e entrei num táxi.

Na frente do prédio, Samara agitava um cheque e gritava o meu nome, desconsolada. O porteiro não deve ter entendido nada.

Como eu não tinha dinheiro para uma corrida longa, paguei o táxi e saltei na próxima rua principal. No essencial, minha vida continua patética.

Se você tem o item **Tupperware de Mayumi**, vá para [59](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Dafne na ZYX Traduções, vá para [84](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Elza na ZYX Traduções, vá para [178](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e NÃO falou com Dafne nem Elza na ZYX Traduções, vá para [88](#).

Rosana voltou para a ZYX Traduções como se nada tivesse acontecido. Voltou com redobrada dedicação, traçando um plano de aquisição de novos clientes tão eficaz que empurrou a ZYX Traduções para um escritório maior e melhor. Laila não entendeu nada. Até tentou me sondar a respeito, mas agi como se soubesse tanto quanto ela.

Seria exagero dizer que Rosana mudou da água para o vinho. Era a mesma coisa. Ela tinha muita energia a despender e buscava metas claras, cenouras a alcançar. Não sabia viver de outro jeito. Entendi que, enquanto estivesse com ela, eu precisaria ser um macho provedor exemplar. O que até não era tão ruim. Eu tinha mudado de emprego e estava passando por inúmeros cursos de certificação. Estávamos juntando dinheiro para procurar apartamento. No futuro, esboçávamos um filho. Quase não tínhamos tempo livre.

Aos sábados, porém, eu fazia questão: enquanto Rosana cursava seu MBA, eu me reunia com Metallum, Locomía, Marínio e Anã Branca na exploração do mundo traiçoeiro perpetrado pelo Mestre. E, às vezes, de madrugada – crente que eu não sabia – ela ainda acessava o velho servidor e se metia na pele sarapintada de Roxanne, a Troll Maga.

GOOD END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

SEGUNDA-FEIRA - TARDE

Quando cheguei à ZYX Traduções só encontrei Laila, Elza e Dafne. Naquela tarde eu só tinha vindo remediar os computadores menos caquéticos. Dois deles teriam que sofrer um upgrade radical. Laila preferia as soluções mais baratas; as cooperadas que quisessem o que ela considerava “luxos” teriam que pagar do próprio bolso. Elza teria que pagar pelo som do seu computador e Dafne, a diferença de preço do HD normal para o mais espaçoso.

Enquanto eu acariciava placas com cotonetes e borrachas escolares, eu olhava discretamente para

Elza, a tradutora negra com piercings – Vá para 205.

Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes – Vá para 130.

Demorou algum tempo até eu jogar videogame de novo. E demorou ainda outro tempo para eu jogar videogame sem associar isso a Rosana. Tudo o que se passou comigo, de certa forma, não doía tanto quanto ter sido abandonado por ela.

Até comprei um console novo – pra jogar sozinho, às vezes com amigos, sempre fora de grandes reinos online. Isso finalmente recuperou para o videogame o status de melhor forma de esquecer alguém. Não que eu esqueça o tempo todo, é claro. Os eventos estranhos ainda se levantam contra mim vez ou outra.

Vá para 116.

Após o premiado filme britânico de Segunda Guerra, Dafne começou a andar em uma determinada direção. Segui-a enquanto a ouvia desfiar uma de suas teorias.

– Talvez seja o contrário: o mundo vive a gente e não a gente vive o mundo. A partitura são os genes, o espaço o instrumento, o tempo a música, o mecanismo tocador o universo. O universo como um piano automático, uma jukebox tocando sozinha e se atirando moedas. Onde está isso que chamamos de nós? Localiza pra mim. O que há além de partitura, instrumento, mecanismo tocador e música? Palco? E toda a natureza seria “nossa” assistência? Muita pretensão. O universo não precisa de ninguém olhando.

Quando vi, estávamos subindo num elevador residencial. Dafne abriu a porta sem usar uma chave. Era a casa dela.

– Você se mudou faz pouco tempo, Dafne?

– Não.

Então era estilo.

Se você deu o **amuleto** a alguém e ficou no carro de Fernando na favela, vá para 56.

Se a afirmativa anterior não for verdadeira, vá para 194.

Agora a rua estava deserta. Já a lua anormal continuava dominando o céu.

Eu andava depressa, tenso. Chegava na esquina de casa quando ouvi um rugido.

Olhei para os lados. Não vi nada. Bati de cara no chão. Algo rosnante tinha me empurrado. Tremendo, rolei para debaixo de um carro. Só então vi a fera negra de olhos amarelos estraçalhar a sacola que antes pendia da minha mão.

Isso é aperitivo. O prato principal vou ser eu, pensei.

Não havia tempo pra filosofar. Abri a mochila e tirei dela a **pistola**.

Sem munição.

Olhei para o lado e a pantera já chafurdava nos restos da carne. A arma na mão, me arrastei para a lateral do veículo em busca de uma rota de fuga.

Mas fui puxado de volta.

Eu devia ter sentido uma dor lancinante quando a pantera cravou as unhas no meu tornozelo. Devia, mas a dor só me ocorreu quando eu já tinha resgatado meu pé, escapulado pela lateral e começado a correr.

Life: 58%

Me precipitei para o abrigo de ônibus e, escalando pela árvore convenientemente plantada a seu lado, atingi o teto dele pouco antes da pantera me alcançar. Ela rugiu alto, irritada, e ensaiou uma escalada. Era um gato gigante, é claro que conseguiria subir. Varri as redondezas numa olhada, mas tudo continuava deserto.

Exceto que calmamente saiu da escuridão uma nova pantera. E se juntou à primeira.

De tanto piscar na luz da lua, algo sobre a banca de jornal ao lado do abrigo me atraiu a atenção. Ignorando a dor, corri e dei um salto terminado em cambalhota, agarrando o objeto:

Um pente de pistola.

Encaixei-o na arma com uma rapidez sobrenatural e dei vários disparos contra as panteras. De alguma forma, as balas encontraram seu destino; as panteras tombaram, uma sob o abrigo de ônibus, outra estatelada no meio da rua.

Desci da banca sobre o pé bom, passei pela tangente das panteras mortas e fui aos pulos para casa. A arma joguei num bueiro.

Item descartado: pistola carregada

Melhor não perguntar mais nada.

Vá para 18.

– Primeira pessoa do plural: nós. Por que só haveria seis pronomes pessoais? Quem disse? Por que não podemos fazer *pessoas compostas*? *Eu-nós fazemos, tu-eles fizeram*. Está entendendo?

O jeito despercebido como Dafne atarraxava e desatarraxava a tampa da garrafinha d’água me hipnotizava e me fazia continuar a parecer interessado. Tínhamos visto a exposição e, ignorando a cafeteria do centro cultural, caminhamos até o Grão-Mestre, uma confeitaria bem mais barata e sortida.

– Estou falando de dêixis. Conhece dêixis?

– Não tive o prazer. – respondi.

– Está vendo aquela lixeira escrito “Obrigado”? – apontou ela.

– Sim. Está errado, não é?

Dafne se voltou intrigada:

– Por que estaria?

– Sempre pensei que devia ser escrito “Obrigada”, no feminino. É como se a lixeira comesse lixo e estivesse te agradecendo o lanche.

– Nossa, que ideia. – sorriu ela. – Não, o “Obrigado” da lixeira não é dela, na verdade. É do restaurante. Ele é que está agradecido por você não dar trabalho deixando as coisas na mesa em vez de levar lá e jogar fora.

– Mas nesse caso, não deveria ser “Obrigados”? “Nós estamos *obrigados* por você poupar trabalho para os nossos funcionários”?

– Na verdade, nem poupa. Se todos os clientes jogarem fora, os empregados vão ter que trocar os sacos mais vezes, não? E não é como se eles tivessem posto essa palavra ali. É o restaurante mesmo. É um “Obrigado” institucional. E o singular masculino é padrão. Isso aí que você está falando é tipo um plural majestático...

Vá para 248.

HEADHUNTER - CAÇADOR DE CABEÇAS

Diferente das outras pessoas, eu tenho sonhos lúcidos. Isso significa que, na maioria das vezes, sei que estou num sonho. Isso dá uma medida de controle e, eventualmente, consigo sonhar do jeito que eu quero (inclusive com putaria) e acordar assim que as coisas se complicam – e lembrar como foi.

Comecei bem. Sonhei que um cientista queria injetar uma fórmula maligna em metade da cidade e eu tinha que desmascará-lo. Eu conseguia sentir meu batimento cardíaco acelerando dentro do sonho, sem precisar acordar. Mas logo esse sonho perdeu os contornos e eu me vi com uma arma correndo no meio de uma floresta amazônica em primeira pessoa. Eu corria sempre em frente vendo meus braços em mangas camufladas e a enorme metralhadora que os dois seguravam subindo e descendo ritmicamente a cada passada, com áudio das minhas pisadas e metais militares tinindo, enquanto o cenário de trilha na floresta deslizava para trás de minha cabeça.

Troquei a metralhadora pelas semiautomáticas. Meu corpo parecia bem mais musculoso que na vida real, mas eu resfolegava, sentindo todo o cansaço que uma corrida daquelas daria no meu corpo de verdade.

Nenhum inimigo dava as caras. Eu já estava começando a ficar nervoso quando o fone de ouvido crepitou. *Incoming communication*, disse uma voz robótica.

– Olá, humano.

Agora era uma voz de mulher.

– Oi – respondi quase num murmúrio, e sem parar de correr.

– Tudo bom?

A voz, que parecia uma dublagem antiga, toda articuladinha, agora ressoou no meu cérebro. Não no meu ouvido. No meu cérebro.

– Quem é você?

– Meu nome é Joy.

– Joy? Joy Borg?

– Ela.

Eu estava alarmado. Era um sonho paranoico. Em sonhos paranoicos, você tinha uma sensação horrível que parecia conectá-los diretamente à realidade. Tudo o que você fizesse ou dissesse viria a se refletir no seu dia seguinte. E eu tinha me dopado de tal forma que não acordaria fácil.

– Onde você está?

Uma explosão roxa cortou o meu caminho. Rolei pelo chão e apontei-lhe as pistolas.

– Aqui. – disse Joy, aparecendo na fumaça.

Vá para 120.

SÁBADO

Fui o primeiro a chegar naquela tarde ao RPG. Cedo demais. O Mestre vociferava contra a TV na iminência de terminar um jogo novo e Samara, que atendeu a porta, me tangiu até seu quartinho de computador. Achei que fosse para não atrapalhar o pai, medida prudente. Quando ela virou para mim, costas na porta, foi que vi sua expressão – a estranheza alojada nela.

Se você deu o **amuleto** a alguém e NÃO ficou no carro de Fernando na favela, vá para 246.

Se você tem conversado sobre um livro com alguém, vá para 177.

Se nenhuma das afirmativas anteriores é verdadeira, vá para 150.

Decidido a cumprir minha tarefa exemplar e eficazmente, sem me deter, sem me distrair com o céu nem pegar porcaria do chão, travei num olhar reto-para-frente. Mas lá também as coisas não estavam normais.

As pessoas estavam cumprimentando.

Fui saudado por todo mundo que passou por mim, inclusive pelo seu Walter, o velho mais rabugento da rua.

Quando eu finalmente ia entrando no mercado, quase na hora de fechar, aconteceu uma tragédia. De alguma forma tropecei e todas as minhas moedas se esparramaram pelo chão. Os funcionários me olharam feio, doidos para ir para casa, enquanto eu catava moeda por moeda. Eu nem sabia que tinha tanta moeda.

Cheguei no açougue e o açougueiro já estava pronto para ir embora. Ele não queria ir lá atrás pegar alcatra e músculo.

– A carne que tem está aí – dizia ele, de braços cruzados.

Tentei argumentar que ele estava demorando mais em discutir comigo do que demoraria em ir pegar a carne. Ele nem aí. Ameacei chamar o gerente. Ele riu.

– Esse já foi pra casa há muito tempo.

Devia ser mentira, mas fiquei sem ânimo de testar.

– Vamos, garoto, escolhe logo. – apressava ele.

Tive uma súbita inspiração. Olhei o conteúdo da minha mochila:

Nota de cem reais – Vá para 257.

Moedeira (cheia) – Vá para 207.

Chave-mestra – Vá para 15.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 9.

Qual deles você quer usar no açougueiro?

A tarde de domingo **dBASer** passou com **Roxanne**. Com a desculpa de testar o **amuleto** da elfa-diaba, ficamos seis horas perambulando pelas ilhas mágicas. Na verdade, nos desviamos frequentemente do nosso objetivo para socializar ou matar. Quando depois do anoitecer veio uma mensagem de texto de Samara, ainda estávamos longe de esgotar os testes possíveis.

A mensagem de texto de Samara no seu celular convida você para uma festa.

Você não vai. – Vá para 227.

Você vai. – Vá para 242.

– Eu li o walkthru, sim. E daí? Estava muito difícil achar a sétima mulher. Lá em cima dizia que eram sete.

– É mentira, babacão.

– São seis?

– São *oito*!!

E Joy jogou a cabeça para trás numa gargalhada, completando:

– Engraçado, agora eu diria que você *não* leu o walkthru.

André, com cara de meu-mundo-caiu, concluiu transtornado:

– M-mas... você está falando da minha mãe, sua doente.

– Pode ser que sim... pode ser que não. Pense bem. E jogue de novo, porque você ainda não pegou nem a sétima. Tchau.

E desapareceu numa névoa roxa.

Vá para 204.

Ruídos distantes de esmeril.

O último trem estava chegando.

Me aproximei da faixa amarela. Quando as portas se abriram, consegui um lugar sem dificuldade. Apoiei o braço no parapeito da janela e olhei para a estação.

Qual não foi a minha surpresa: a menina ainda estava lá, sentada e coberta de cabelo. Aquele era o último metrô, pensei. O que aconteceria com ela se ficasse ali?

Logo o trem se deslocava e entrava no túnel, deixando menina e dúvida para trás.

Se você falou com Dafne na ZYX Traduções, vá para 84.

Se você falou com Elza na ZYX Traduções, vá para 178.

Se você NÃO falou com Elza nem Dafne na ZYX Traduções, vá para 88.

TERÇA-FEIRA - TARDE

Por mais que houvesse coisas a fazer no boxe, eu não conseguia me concentrar. Não tinha um chefe me olhando.

Fiquei repassando tudo o que tinha me acontecido. Numa situação destas, qualquer pessoa normal procuraria um psicólogo. Mas eu não tenho dinheiro para uma coisa dessas. Também não tenho a quem pedir indicação. Além disso, é evidente que não sou normal. Tenho mania de conversar comigo mesmo simulando outras pessoas, por exemplo:

- Então, doutor. Uma pessoa normal teria vindo falar com o senhor, mas eu não vim.
- É bem mais barato do que uma sessão de verdade.
- Por favor, não concorde comigo. É perturbador.
- Eu posso concordar com você se isso te fizer sentir desconforto.
- É verdade.
- Pois o que não lhe traz aqui hoje, senhor... – o doutor consulta a ficha – André?
- É o que anda me acontecendo, doutor. Parece que a minha vida está sendo contaminada por videogames.

Ele faz uma pausa confusa. Meu analista é um senhor, videogames não podem fazer parte da experiência dele. Mas ele logo recupera a face.

- Que tipo de videogame?
- Todo tipo. No começo era online massivo, depois virou uma espécie de shooter com adventure e traços de plataforma, e agora parece que estabilizou num dating game com alguns elementos de ação.
- Fale-me do seu pai.
- Acho que estou alucinando. Mas alucinando com outras pessoas, em lugares públicos? Não é possível.

Ele batucou a caneta no bloquinho.

- Acho que esta conversa está perdendo a substância.
- A cada segundo.
- Essa conversa prova que você não saberia alucinar com tanta coerência.
- Então... o quê?
- Acho que é melhor você viver essa fase da sua vida – ele me deu uma piscada de olho – para depois tentar extrair dela algum sentido.

Dei um pulo com a forte cutucada de Edgar.

- Atende aí o maluco, pô.

Ele apontou o cliente impaciente junto ao balcão. Levantei e fui cuidar da vida.

Se você tem o item iPod de Mayumi, [vá para 50.](#)

Se você NÃO tem o iPod de Mayumi e deu o amuleto para alguém, [vá para 104.](#)

Se você NÃO tem o iPod de Mayumi, NÃO deu o amuleto a ninguém e conseguiu falar com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 86.](#)

Se você NÃO tem o iPod de Mayumi, NÃO deu o amuleto a ninguém e NÃO conseguiu falar com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 161.](#)

Você vai entrar no máximo de missões que puder, disse ela.

Você vai obter o máximo de loot e experiência que puder, disse ela.

Você vai continuar me fazendo relatórios detalhados dessas missões para que possamos nos preparar para a main quest, disse ela.

E eu disse: sim.

No olhar dela ainda tinha algo a mais, *não ouse terminar sem mim.*

Vá para 59.

Além do mais, pelo menos à primeira vista, aquilo não me dava nenhuma pista concreta.

Tornei a considerar a porta. Era uma porta frágil, mas eu também não era muito forte. Não seria capaz de arrebentá-la sem me arrebentar junto.

O jeito era jogar o jogo da infeliz.

Comecei subindo na cadeira do computador e tateando o topo da estante. Esbarrei numa **chave de fenda**, mas ela caiu atrás do móvel. Fora de alcance. Típico subterfúgio de joguinhos em *flash* – com a diferença crucial de eu não poder desistir quando me enchesse.

Olhei em volta procurando um objeto comprido. Havia uma **vassoura**. Usei-a para puxar a **chave de fenda** até mim.

A seguir, mexi nos livros e folheei-os. Lembrei de onde ela tinha sacado o resultado do “teste de pureza”. Seria deste livro? Não, o do lado. Era um livro de RPG grande, antigo, provavelmente do pai dela.

Quando o abri, escorregou dele uma **chave comum**. Eu tinha que reconhecer que, pelo menos até então, ela tinha pensado em tudo.

Vá para 127.

Descemos para uma área discreta do prédio, um pedaço de bosque atrás do estacionamento. Samara acendeu um cigarro. Eu continuei interrogando-a sobre os acontecimentos. Queria ver se ela caía em contradição. Não, ela não sabia dizer desde quando possuía habilidades extrassensoriais. Não, não conseguia demarcar uma razão para a alteração estar se passando justo *comigo*, ou à minha volta.

– Você está fodido e mal pago, André. – ela disse, com uma careta de pena amarga – Você não deu valor à minha ajuda; pegou e jogou no lixo. O poder de proteção do **amuleto** foi canalizado para fins violentos.

– Eu não tinha ideia. E você não avisou.

– Eu tinha que agir discretamente. E você *tinha* que ser otário de se meter com aquela oportunista...

Tentei disfarçar um princípio de pânico. Samara sabia de Rosana. Sabia do que andava rolando entre nós. Tentei não pensar em Rosana, mas quanto mais tentava, menos conseguia. Lembrei do episódio de *Além da imaginação* com o pirralho onipotente.

– Oportunista e imatura – continuou Samara. – Andei vendo essas aventuras de vocês...

Como?, pensei, respondendo eu mesmo a seguir: *lendo a minha mente*.

– Lendo a sua mente, – prosseguiu ela –...e, André, como aquelazinha gosta de sangue. Como gosta de *ouro*. Não vive pra outra coisa. Se eu fosse você, saltava fora enquanto é tempo. Ela vive te espezinhando, mas não vai gostar de ser largada. E, por causa do amuleto, ela tem.. não diria poderes. *Recursos*. Ela tem recursos.

– Samara...

– Não diz meu nome alto. – sibila Samara antes de prosseguir em voz normal, mas apressada – Eu posso te proteger dela.

Um estalo na mata nos chamou atenção. Um lampejo passou pelas pupilas de Samara e ela olhou para baixo. Uma seta fincada em seu braço.

Vá para 168.

Um lapso de tempo. Me vejo do lado de fora, todo ensanguentado, segurando um **saquinho** que retirei das partes íntimas de Mayumi. Estava preso lá, por uma fitinha. Azul.

A longa aleia pintada de cinza com batentes cinza-escuro parecia replicada por espelhos. Sumia no infinito, perspectiva de um ponto só. A luz de laboratório batia no acinzentado das paredes revelando todos os poros do emboço. Mayumi morava justo na quina, provavelmente mais barata por dar ângulo para a favela.

Abro o saquinho. Longos fios de cabelo negro numa mecha em forma de O. Um papel com caracteres japoneses. Uma pedrinha verde, do mesmo verde do **amuleto** ofertado por Joy Borg, a elfa. E um número: 410.

Entrar no apartamento 410. – Vá para **10**.

Ir embora – Vá para **253**.

Era Rosana.

– Não cheguei no trabalho hoje. Saí de casa, mas não cheguei.

– O quê? Choveu aí de manhã?

– Não.

Aconteceu um negócio no caminho para o metrô.

Uma gangue de pivetes me cercou.

E eu meti a porrada neles. Um a um.

Joguei corpos em cima de outros corpos. Usei o ambiente contra eles.

Logo estavam todos no chão.

Revistei seus corpos e tomei tudo o que tinham de valor.

Mas bastaram alguns passos para ser atingida por uma chuva de estrelas ninja.

O ataque à traição tinha vindo do telhado de uma casa próxima. Mirei contra os ninjas mas eles já sumiam na quina do telhado.

Foi aí que virei bicho.

Não, *literalmente* virei bicho. Uma harpia. Levantei voo e...

– Para, Rosana. Por favor.

– Na sexta você disse que sua vida estava parecendo um videogame. Têm acontecido... *coisas* com você também?

– Eu... sim.

– Vem para a minha casa.

Vá para 32.

Ao acolherem o cafezinho, os braços níveos de Rosana ostentavam arranhões de batalha. Seus óculos estavam tortos. Ofereci-lhe um **kit de primeiros socorros** que eu achara na rua dela.

– O que isso faz? – perguntou ela, abrindo o zíper do kit.

Life: 86%

Deslizei a mão pelo braço dela:

– Como novo. Os óculos também.

– Ora, você já está até acostumado.

– Rosana, vou ser bem direto contigo: eu só suspeitava que era o **amuleto**, mas agora eu tenho certeza. Não devia ter te dado ele. A culpa é minha. Eu não sei as regras desse mundo, mas vou fazer tudo pra te tirar dele.

– Por quê?

– Por quê? – a pergunta me fez repiscar por tempo para pensar – Porque você não quer viver assim.

– Vem ver uma coisa.

Ela me puxou pela mão em direção ao quarto.

Vá para 58.

A mesa parte. O vidro estoura. Sinto caquinhos perfurarem toda a volta da pele.

Quando reabro os olhos, devagar, é que vejo que não estou tão mal. Meu ferimento mais feio é nas costas. Laila certamente levou a pior. Um caco enorme, como que de encomenda, lancetou em cheio seu pescoço. Sua cabeça está coberta de sangue. Ela estrebucha junto ao chão, os olhos claros revirando, presa do estilhaço que irrompe da base de madeira.

Rapidamente alcanço a caneta entre os vidrilhos e encaixo na mão dela. Ela mal percebe o que estou (está) fazendo, mas percebe o suficiente para resistir. A caneta rola para longe. Insisto. Agarro a mão dela por trás e forço um lindo A em letra de forma contra uma folha de jornal. Não sei se aquilo vai valer. Mas tento.

ANDRÉ GANHA MEU PODER ([Vá para 212.](#))

ANDRÉ GANHA MEGASENA ([Vá para 38.](#))

Quando termino, Laila já não respira.

Eu fuzei todos os fóruns do jogo sem conseguir descobrir para que servia o diabo do **amuleto**. As propriedades dele eram ocultas e os testes em campo tinham sido infrutíferos.

O pior é que eu não lembrava de ter aceito aquele amuleto... ou melhor, lembrava de *não* ter aceito aquele amuleto.

Devia ser a falta de sono.

Tentei também revisitar a fortaleza onde tinha achado o talismã. Adivinhe, também não consegui localizar a área secreta onde antes tinha caído totalmente por acaso.

De qualquer forma, era um troféu. Como troféu, deveria ser esfregado na cara dos outros. E bem que tentei, mas dizer que tinha um **amuleto** que não sabia para que servia e que ele “parecia raro” mereceu apenas silêncio como resposta.

Vá para 3.

Me volto.

– Aquele flagra que eu te dei aquele dia... foi completamente premeditado então.

– Eu...

– Você queria trepar comigo!

– OOH! Que foi, tá ofendida?

– Não. – abraço ela – Nem um pouco.

O corpo dela, aos poucos, passa de rígido a amolecido. Ficamos abraçados, respirando.

Ela gostava de mim, no entanto, inexplicavelmente. Eu tentava elaborar desculpas para aquela menina linda ter cismado comigo. É que eu estava sempre lá. É que eu era tabu, primo-irmão. É que ouvir falar daquilo ia matar o pai dela.

...mas suas ações indicavam uma preocupação mais profunda comigo.

Tão poderosa e tão perdida. Não sabe que eu não valho a pena. Aperto-a no abraço, ainda desconcertado.

Vá para 258.

TERÇA-FEIRA - MANHÃ

You joined Rosana's party!

No dia seguinte, saímos os dois paramentados de loot em busca de uma loja que aceitasse comprar nossos despojos. Ela portava escudo e espada, e eu preferi um peitoral leve e uma besta. Não conseguiríamos carregar muito mais do que isso. Ninguém na rua nos olhava torto, não sei se por artes do **amuleto** ou se por medo de nos contrariar. Procurei trazer Rosana à realidade:

– Mas você não deixou eu te explicar. Você não sabe o gênero desse jogo.

– O gênero é aquele que a gente quiser, André. Sempre vai ter algum loot. Nunca se luta por nada.

Taí um dom que essa menina tinha: me emudecer. Mas insisti.

– E se o designer do jogo for ruim? Ou... mau?

– Quem disse que tem um designer?

– Tem que ter, ué. Alguém fez esse **amuleto**. Alguém pôs ele lá.

Alguém fodeu com a nossa vida.

– Eu prefiro não pensar muito nisso. – disse ela, rodopiando a espada e quase decepando o braço dum senhor que ia perto. – Sou uma mulher de ação.

E, como que para provar, partiu para cima dos inexplicáveis centuriões romanos que quietamente digladiavam entre si na praça, cercados por um público de concentrados pirralhos. Ao grito do primeiro soldado atingido, os demais correram para cima de Rosana, que, rolando e golpeando, fez cair dois deles com acertos críticos logo de cara.

Encaixei uma seta e estiquei a corda. Ainda havia crianças correndo a esmo pela praça, fugindo do horror. E Rosana estava acabando com todos os soldados sozinha. A gente estava realmente do mesmo lado? Porque era até capaz de eu roubar algum kill dela sem querer.

Mas no fundo eu sabia porque estava afrouxando a corda: porque não tinha sido atacado primeiro. Rosana era apelona. Terrorista. Sem responsabilidade.

Eu até a imaginava estrilando: *é do jogo*. Nada! Aquilo era *ela*. Meu jogo não era assim.

Vá para 173.

– Você não sabe da maior. Rosana mandou um e-mail dizendo que quer sair da cooperativa. Diz que encontrou o emprego dos sonhos dela. Tem ideia do que é?

– Acho que é algo com jogos.

Mesmo virtualmente, quase ouvi Laila exalar um suspiro.

– Tem a ver com o *Wisdom Islands*?

– Algo assim – despistei.

– Não sei nem o que dizer.

Fiquei em silêncio.

– Ela vai ganhar dinheiro, pelo menos? – perguntou Laila.

– Parece que sim.

Laila tentou soar conformada.

– Pelo menos ela sai pra fazer o que gosta.

Imaginei-a gritando palavrões e espatifando louça, em fúria. Ninguém podia ser tão equilibrado.

Me despedi dizendo que ia dormir. E fui mesmo. Estava pregado.

Vá para 142.

Laila havia escrito um trecho solto em que seu herói conseguia comer duas mulheres ao mesmo tempo – uma oriental, a outra ninfeta – e agora queria saber minha opinião. Chamei-a.

– Laila, você tem ideia de como o que você escreveu é inverossímil? Para começar, num ménage de verdade, as pessoas estão bêbadas e fazem tudo no escuro debaixo do edredom.

– Olha, em Letras a gente aprende um troço chamado licença poética. Inverossimilhança não é pecado. Não é pra esse texto ter parte com a realidade.

Quando questionada, mesmo que a pedido próprio, ela ficava respondona, quase agressiva.

– Eu sei. Estou questionando a sua necessidade de ser inverossímil.

Ela fez uma pausa antes de lançar a pergunta:

– Você já esteve num ménage de verdade?

– Se eu j... – eu obviamente fiquei sem saber o que responder. Eu tinha tido um ménage engendrado por ela, durante o qual tinha agido fora do *meu personagem*.

– Teve ou não teve?

– Isso é pessoal.

– Então pronto! Não me venha falar de verossimilhança.

Ou ela não sabia do próprio poder, ou estava me sacaneando à larga.

De repente eu devia contar para ela.

Você conta para Laila sobre o poder dela?

Conta – Vá para 111.

Não conta – Vá para 132.

Quando o trem direção norte se aproxima, corro e me atiro na vala preta. O trem tenta frear. Não consegue.

Sinto meu corpo aberto descarnado por um décimo de segundo.

...

.....

.....

Estrebucho na cadeira.

Meu coração pula. Olho em volta. Estou na estação.

Puxo o celular do bolso.

Ele marca 11:56.

Sinto alguém se aproximando por trás. A voz suave me pergunta:

– Vem comigo?

Tenho medo de me virar.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 202.

Você se joga nos trilhos. – Vá para 106.

Em três dias, eu estava no jornal.

JOVEM ENCONTRA VESTÍGIO DE CIVILIZAÇÃO DESCONHECIDA

Se você abrisse e procurasse o artigo, havia uma foto de mim, com cara de tacho, junto a um artefato antiquíssimo que encontrei em pleno parque Lage. Não sei porque resolvi ir até lá (deu vontade). Não sei como ninguém tinha tropeçado naquela cuia bem no meio do caminho antes. Não sei por que aquele arqueólogo estava passando por lá justo naquela hora e porque fez tão virtuoso discurso a respeito de supostas propriedades mágicas do objeto que eu segurava, discurso aquele que atraiu um articulista desocupado que por ali perambulava, entre outras pessoas.

Quer dizer, sei perfeitamente como.

Esperei Laila na saída do trabalho. Ela ainda não havia me ligado.

Quando me viu na praça, segurando um pedaço de jornal, fazendo e refazendo o percurso entre um agrupamento de estudantes públicos e outro de babás com bebês, ela veio andando devagar, abraçada à bolsa. Parecia mais magra.

Eu estava todo preparado para gritar com ela mas abracei-a com bolsa, jornal, e tudo.

Vá para 154.

– Mayumi?

Nada acontece. A cortina de cabelo continua no lugar.

– Mayumi. Ei. – chamo de novo, mais alto.

Certeza que ela tinha ouvido. Mesmo que não fosse Mayumi, já devia ter olhado pra mim. Isso não se faz. Estendo a mão.

– Mayumi? É você?

E toco em seu ombro.

Vá para 66.

Examinei o **panfleto** dos velhinhos sorridentes. “Uma vida sexual plena é essencial para a felicidade do homem”, dizia. Anúncio de remédio anti-impotência. No verso tinha o testemunho de um sujeito: “eu era frustrado e descontava em todo mundo até conhecer esse maravilhoso medicamento”.

Estendi aquele folheto para o açougueiro. Ele recebeu, leu atentamente e...

... começou a chorar.

– Obrigado, garoto. – disse ele, aos soluços, me entregando dois quilos de alcatra e um de músculo. –

Desculpe alguma coisa.

Paguei as mercadorias no caixa e saí, ressabiado. Não me faltava acontecer mais nada. E como aquela **pistola** tinha ido parar na minha mochila? Com certeza alguém tinha plantado lá. Alguém que não queria o meu bem.

Vá para 85.

– Laila? – chamei.

– Não sei, André. Isso é...

– Você tem medo que eu fuja com a grana?

– Não. Você não teria como fugir. – ela disse isso com tristeza e eu, entre assustado e ofendido, me calei. – É que não é bom. André ficando rico? Por quê? Não faz nenhum sentido na história. Não vou escrever isso só pra ficar rica.

– Ué, você pode começar outra história. Que tal? Uma história onde faça sentido ficar rico. Pode até escrever sobre outra pessoa. Ela assalta um banco, nos dá dinheiro, depois bate a cabeça e esquece tudo.

Ela respirava pela boca, trêmula, o olhar fixo na tela.

– Laila?

Toquei a mão dela, preocupado. Estava fria. Tirei o laptop do seu colo. Ela me olhou quase chorando.

– Me desculpa.

– Pelo quê?

Ela levantou e começou a dar voltas pela sala levando a mão à cabeça:

– É poder demais. – disse ela. – A carga é muito grande.

Parou à minha frente:

– Estou cansada.

Quando ela diz isso se escora em mim, mole, mas sem sinais de desmaio.

Convencê-la a escrever – Vá para 124.

Beijá-la – Vá para 260.

– Laila. O problema é que o que você escreve acontece. De verdade. Na minha vida. Então pega leve.

– Como assim?

Ela não sabia. Contei-lhe tudo o que havia acontecido comigo de estranho. Como os jogos tinham se infiltrado na minha vida a ponto de eu questionar minha sanidade mental.

– Se você duvida, faça a experiência. Escreve algo hoje – de preferência, à mão, para depois não me acusar de hackear o seu computador – e depois eu te conto o que aconteceu de estranho na minha vida. Na verdade, faça questão. Porque, se essa experiência der errado, ninguém vai ficar mais feliz que eu.

Tinha certeza de que a deixara intrigada. Mas não recebi nenhum contato dela nos dias seguintes.

Vá para 107.

Ela estava toda lambuzada e me aplicava chupões doídos pelo corpo. Estava difícil abrir a boca para protestar ou sequer me mexer em resposta às agressões. Elza gemia *nhoanhanhanham anham, hmmm, unham nhoimnhanhamnhanham* num transe tatibitati enquanto arrancava minhas roupas.

Então ela começou a deslizar o corpo pelo meu corpo e a cara pela minha cara. Nu e escorregadiço, eu era apertado e expulso do seu abraço; isso parecia diverti-la. Recebi uma longa lambida na bochecha com o que senti o gosto daquele lubrificante: doce.

Era mel. Mel e *marshmallow*.

Abelhas!

Saúvas!!

Elas vão chegar!!!

Elas vão nos comer!!!!

– Aah!!!!

Concentrei todas as minhas forças e consegui empurrar Elza.

A barraca oscilou e ela caiu.

Vá para 51.

Cheio de detalhes, bem musicado, o imponente castelo gótico anuncia perigos trevosos para breve e opa, já perdi energia para o primeiro morcego da fase. Estalo meu chicote e vou dissipando os monstros. Eles deixam itens. Vou recolhendo anéis, magias e chaves. Nem sinal de princesa. Eu vim para matar. Meu inimigo se esconde em algum lugar dessa fortaleza vertical. No alto? Não, em outra dimensão. Ele é poderoso a esse ponto. Sei como encontrá-lo. Destranco uma porta azul e entro por ela.

Vá para 69.

Minha mãe chega do trabalho quase meia-noite, o que me dá algumas horas de privacidade por dia.

O revés é que, às vezes, ela me tira do conforto do lar via telefone para ir cumprir alguma tarefa que o horário dela não permite. Como ir buscar um quilo de músculo e dois de alcatra.

Sorri da coincidência. Eu também tinha acabado de receber uma missão carnívora no *Wisdom Islands*: caçar dez Javalis Pintalgados em troca de um elmo e bastante ouro. Como se não bastasse, a cidadã de Misty Falls que me passara a missão era xará da minha mãe (Grace/Graça).

Mesmo cansado, eu sabia que tinha que atender o pedido (o da minha mãe) para não ter que ouvir gritaria de como eu era um inútil. Eu só tinha uma nota de cem reais empurrada pelo caixa eletrônico e estava quase na hora do mercado fechar. Remexendo no cinzeiro de cristal atrás de troco, encontrei um objeto inesperado:

Uma **chave-mestra**

Testo nas fechaduras internas e na porta de saída. Funciona!

Vou carregar comigo. Quem sabe possa ser útil?

Novo item: chave-mestra

Vá para 216.

Sento em frente ao laptop dela.

Abro o arquivo do romance inacabado.

Rolo a tela até onde tinha parado e começo a ler.

Lá está a cena do parque Lage, o arqueólogo, a relíquia.

A história prossegue. Descreve o nosso encontro embaixo do trabalho dela. Nosso abraço dois-nomesmo-barco.

Então vamos à casa dela. Tentamos descobrir como funcionam seus poderes e...

Ah, não.

“E ele a beija. Num furor controlado, ele a enleia sem que ela perceba. Ela dobra a cabeça para trás enquanto ele percorre sua pele com os lábios. Dedos meticulosos conspiram para a rendição em sua orelha direita. Eles descem, imprecisos e malvados, circunscrevendo seus seios volumosos, perdendo-se nas vizinhanças do umbigo e saltando de repente a anca para trilhar o fim da coluna. Suas nádegas são subjugadas por um amplo apertão e transplantadas ao tampo de uma mesa, onde ele, incontínenti e incontinente, arranca todas as suas roupas enquanto se livra do mínimo necessário para permitir que ela também o manipule.”

“Mais tarde, bem mais tarde, apoiada sobre cotovelos e joelhos, sem pensar nada além de ‘mais, por favor’, ela recolhe o corpo, adultera o ângulo e o devolve. Ele mal acredita, e ela não se explica, senão se assenta paulatinamente de ré. Ele subentende que deve manter o membro imóvel, sem sequer latejar, até que ela conclua a operação de entrada. Uma vez bem acomodado, despeja-se sobre ela, que urra em benefício dos vizinhos até que ele termine, momento em que se achata sobre o colchão com os pulsos doloridos. Ele observa, serenado, que o lençol salta o quebra-molas da coxa e corre por baixo do ventre que pouco antes frequentara.”

“– Gostou? – pergunta.”

“– Claro – respondo, sorrindo.”

E eu que estava tão bem comigo por ter sabido tocar todos os seus pontos cardeais e colaterais...

...não passava de uma marionete.

BAD END

Iniciar novo jogo – [Vá para 1.](#)

finish him!

Estou na sala de espera do dentista. Nunca escovar os dentes finalmente surtiu o efeito anunciado.

Folheio uma das revistas e penso: sou que nem essas celebridades. Celebridades não conseguem ser felizes porque estão na berlinda. As pessoas as *acompanham*. As pessoas estão de olho nelas.

É que *felizes para sempre* é um tédio, e o público exige novas peripécias ou se cansa do personagem – quando não é a própria celebridade que faz isso. O que as pessoas não entendem é que isso não é autodestruição, é vício em ficção. O problema das celebridades é que elas *sabem* que são célebres. Se ver como o protagonista é terrível, você teme que o público se canse de você e se torna o próprio autor de folhetim, sempre em busca de novas derrocadas e posteriores voltas por cima de forma a estar sempre estampado na capa.

Talvez isso tudo seja culpa minha. Por um desejo pré-adolescente realizado muito mais tarde – o tempo do desejo ir até a estrela, bater e voltar à Terra –, acabei me tornando herói depois de burro velho. E, se pudesse dar o feedback pro meu eu de nove anos embaixo do céu constelado, eu diria:

– Não vale a pena, garoto. – Vá para 125.

– Obrigado. – Vá para 234.

Laila havia se juntado a algumas amigas da faculdade e formado uma cooperativa. Trabalhavam para um par de grandes empresas, mais peixes pequenos pescados por Rosana.

Foi o que Rosana me contou enquanto parávamos na padaria em frente para discutir as “necessidades do projeto” (palavras de Laila). Eu defendia alterações mais radicais nos computadores – alterações cujo custo estimado assustava a “jovem empreendedora”. Laila franziu o nariz quando usei essa expressão.

– Mas você é – retruquei.

– Você tem olheiras muito fundas – disse Laila, estreitando os olhos para me inspecionar.

A tentativa brusca de mudar de assunto surtiu efeito, menos por ser um golpe direto na minha autoimagem (qual!) do que por me deixar ainda mais intrigado com aquela mulher. Foi o que me fez topar o jogo dela, “Vamos Falar Mal do André Agora”:

– É, eu viro noites jogando *Wisdom Islands*. Preciso parar com isso.

Ao ouvir isso, a expressão de Rosana se suavizou:

– Você joga?

– Por quê? Você joga?

– Estou tentando parar – riu ela.

– Você é que está certa. Faz dois dias, por exemplo – dei uma conferida na expressão dela, parecia interessada –, eu encontrei um talismã num forte perto de Korda, na baía de No-roma, e estou até agora obcecado tentando descobrir pra que serve. Quer dizer, encontrei, não; recebi de uma elfa-diaba numa área secreta. Parece ser um troço bem raro. Ninguém sabe o que é.

– Já testou ele em batalha?

– Já. Não deu em nada.

– De repente ele destranca alguma missão em algum santuário.

– Ainda não testei em todos. Esses dias minha vida real anda meio... estressante. Parece até um videogame.

Dei risada. Rosana também riu. Já Laila estava me olhando estranho. Eu sabia que tinha falado algo errado, mas nem suspeitava o quê.

Você:

deixa pra lá. – Vá para 26.

pergunta o que foi. – Vá para 229.

Laila está de bruços, o lençol passando por uma coxa e sumindo por baixo do seu corpo. Faz pequenos movimentos, semelhantes a tremores, com os braços, como se boiasse sobre a cama. Ela destaca a cara do travesseiro e apoia-a de lado, me olhando e piscando. Piscando.

Também emite um leve hum ocasional, apaziguada.

– Gostou? – pergunta.

– Claro – respondo, sorrindo.

Ela fecha os olhos. Os hums cessam. Começa a mergulhar no sono.

– Laila – chamo.

– Hum?

– Pode continuar a história como quiser. Você escreve muito bem. Confio em você.

– Hum.. – ela desliza a cabeça pelo linho, apoiando o braço sobre o ouvido.

– Mas você não quer acabar feito uma dessas pessoas talentosas que passam a vida admiradas só por um círculo restrito. Você deve ser conhecida por todo mundo.

– Hum.

– Então acho que você não precisa privar seu público de um final feliz. – continuei. – No fundo é uma saída *muito fácil* dar um final triste. Só pra parecer profunda, sabe? É um desafio *muito maior* escrever um bom final feliz.

– Sheu dormir.

Deixo. Fico imóvel dez minutos. Laila sibila, um pouco entupida mas dormindo profundamente.

Deixo a cama descalço e caminho para a sala.

Vá para 170.

Samara manipulando todo um teatro de marionetes com minha vida no centro? Aquilo era a cara dela – embora ela tivesse mil caras.

– Por que você fez isso, Samara? Por que comigo?

– Anda rápido, André. Foi minha última seta com curare. O efeito vai passar. – disse Rosana.

Samara apenas mexia a boca como um peixe. Seu olhar carregava toda sua fúria impotente: nele, um círculo luminoso tremeluzia, meio deslocado do centro. Nisso, senti alguma coisa me sendo entregue.

– Toma.

Era a besta de Rosana.

– Que isso.

Rosana indicou veementemente Samara, caída no chão, com o olhar. Eu contemplei a arma por um bom momento até tomar uma atitude:

Vá para 16.

Ainda com Joy na mira, e circundando-a de banda para não lhe dar as costas, interroguei-a:

- O que você quer comigo?
- Eu é que pergunto. Como você me achou?
- Eu? Você entrou no meu jogo e agora está no meu sonho!
- Não é “seu” jogo nem “seu” sonho.
- Então de quem é?
- O jogo é um espaço público. Você é só um cidadão.
- E você?
- Eu sou uma NPC.
- No jogo. Isso eu sei. Mas por que no meu sonho teria uma NPC?
- Eu não estou no seu sonho. Você é que está invadindo a minha área.
- Que “sua área”?
- Aqui é o limbo dos NPCs. Você não devia estar sonhando aqui. E, humano...
- O quê?
- PARE DE RODAR EM VOLTA DE MIM! Está me deixando tonta.
- Tudo bem. – parei de rodar em volta dela e guardei uma das pistolas. – Como é que eu saio?
- Hahaha. Não me venha com essa.
- Vou tentar uma coisa, peraí.

Tentei um comando mental e consegui mover a câmera para trás da minha cabeça, de modo que agora André via suas costas hipertrofiadas metidas na farda e semiencobertas por um feixe de armas pesadas.

- Viu? – disse André. – Não consigo sair daqui.
- Não é essa a questão. A questão é: como você entrou?

Vá para 133.

Avanço.

Tomo seu bloquinho e a caneta. Ela não resiste, senão me olha puta da vida. Sem aviso, toma a caneta de volta, correndo de mim.

O de Laila é um apartamento minúsculo, desses de 50 m² com dois quartos. A sala é um cubículo. Sua tentativa de escapar é ridícula. Piso sobre a mesinha de centro e desabo sobre Laila contra a porta da varanda.

Vá para 100.

- E a Elza?
- Sinto muito, todo mundo nesse escritório tem namorado.
Mentirosa! Até coçou a cara antes.
...Eu era um merda mesmo.

Se você aceitou o **amuleto** no começo da história, vá para 267.

Se você NÃO aceitou o **amuleto** no começo da história, vá para 87.

Estava surpreso pelo chique dela não ter a ver com a coleção pornô. Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi procurar o arquivo do livro no **HD externo de Edgar**, que eu ainda não tinha formatado. Nem precisei recuperar. A cópia tinha sido quase concluída e foi fácil localizar o primeiro arquivo da pasta Meus Documentos, intitulado “André”.

Vá para 228.

Entendi.

Para topar escrever, Laila teria que estar convencida de que estava escrevendo uma mentira que dizia alguma coisa sobre alguma coisa – uma mentira *literária*.

Aí estava o nó. Seria preciso convencer Laila de que suas mentiras importavam ou serviam para algo que não fosse melhorar diretamente a sua (nossa) vida. Mentiras completamente inúteis, sem segundas nem terceiras intenções. Mentiras que ela teria orgulho em assumir como suas, em *publicar*.

Puxo o queixo dela e a beijo na boca.

Vá para 118.

FATALITY

Jogos são degradantes. Sempre é necessário tirar alguém da sala para fazer algo escuso. Sempre é preciso rapinar animaizinhos monstruosos em seu habitat. Roubar, matar, enganar, trair, mentir. Mexer no lixo. Poder. Estratégias. Ao vencedor, as batatas.

Não era que eu quisesse fabricar um final. Não era que eu precisasse me livrar da minha vida como estava (achasse ela chata ou genial), não era que eu quisesse testar aquela possibilidade, não era que eu quisesse uma vítima ou heroína para governar ao meu lado, não era nada disso e só de pensar que alguém pudesse pensar isso já me deixava puto.

Eu estava com medo.

Tudo o que eu fazia, eu fazia com medo. Mas aquele era um medo que dava medo. Como explicar. Eu poderia tratar aquilo como um jogo, como tudo o mais, e abafar o possível impacto: *mas isso abafaria o possível impacto*. E eu quero o impacto.

Pego o celular. Quero ouvir a voz dela.

THE END

Iniciar novo jogo – [Vá para o 1.](#)

Cerca de quinze minutos depois, eu chegava à minha rua sem ter tocado no chão. Eu me balançara em barras, quicara entre paredes próximas, me equilibrara sobre cabos de aço, deslizara por cordas e até corraera pelo muro. A chuva estiava. Minha rua era transitável. Caminhei em direção ao horizonte e ao meu apartamento. O dia terminaria sem maiores perturbações não fosse Rosana me chamar para jogar *Wisdom*.

Fiquei vagando pela minha casa no escuro. Não podia dizer que estava odiando o que vinha se passando na minha vida. GOSTOSAS – CARROS – DINHEIRO – SUCESSO. As possibilidades. Experiências passageiras, arrebatadoras e acessíveis que me tirassem o peso de viver a vida por uns tempos. Eu tremia. Delirei a noite toda e, quase que de manhã, engoli uns tranquilizantes e caí duro.

Vá para 233.

Logo vi que aquela chave não era da porta. Nem entrava. Esmurrei-a mais um pouco, sem resposta. Abri o único armário a chave que havia no quarto e, de lá, tirei uma **maleta 007** com código de três algarismos.

“Merda...” pensei.

Qual poderia ser o código? Tentei 000, 111 e fui subindo. Surpreendentemente, também não era 666... nem 007. Ela devia ter escondido a pista em algum lugar. Mas onde?

Vasculhei os livros de novo. Era muito livro. A poeira subia e começava a me irritar. Mas não encontrei nada.

Abri o arquivo de texto de novo e olhei a mensagem com atenção. Poderia a solução estar escondida ali?

vc q se acha taum evoluído, duvido escapar do meu quarto!!! X-D

Não tinha nenhuma letra maiúscula, nada em destaque. Exceto pelo emoticon.

X e D eram números romanos. X era 10, D era 500. **X D = 510!**

Girei o código da maleta para marcar 510.

Não abriu.

Será que eu estava na pista errada? Pensei um pouco. O X estando à esquerda do D podia significar subtração, embora não estivesse bem de acordo com as regras dos números romanos. Nesse caso, daria 490.

Além do mais, o *emoticon* não era X D. Era X “menos” D. 10 menos 500 = -490.

Como não podia representar números negativos na maleta, girei os botõezinhos para marcar 490 mesmo. Desta vez, a tranca da maleta estalou e se abriu. Dentro, estava uma **peça elétrica** aparafusada. Usei a **chave de fenda** nela e, finalmente, encontrei lá dentro a **chave da saída**.

Vá para 241.

SEGUNDA-FEIRA – TARDE

– Mas não quero ajuda pro final, André.

Estávamos na empresa, sozinhos, depois que “lembrei” de “instalar uma coisa” nas máquinas. Laila tinha pedido um PF e mastigava, engolindo cada bocado antes de me responder.

– Acho que você não precisa privar seu público de um final feliz – continuei. – No fundo é uma saída *muito fácil* dar um final triste. Só para parecer profunda, sabe? É um desafio *muito maior* escrever um bom final feliz.

– Eu *já escrevi* o final.

Temí que ela fosse escondê-lo de mim. Mas ela não era assim. Pelo contrário, não podia esperar para mostrar o quanto era genial. Sorver seu guaraná foi só uma pausa dramática:

– Ele descobre que é tudo culpa dele. Que o estilo de game linear da vida dele foi provocado por ele, ao desejar tanto isso, ao se esforçar para controlar tudo. Tipo um castigo divino, sabe.

Fiquei estatelado. Pensem comigo. Ao dizer isso, Laila tinha me lançado num paradoxo circular. Eu jamais descobriria se eu mesmo tinha feito minha vida ficar daquele jeito, ou se fora ela, com seus poderes, quem me condenara ao escrever que eu tinha feito tudo sozinho. Ela tinha transformado minha tese em uma caixa de Schrödinger e aberto a caixa. O gato estava morto sem possibilidade de autópsia.

– Você acabou de matar o gato! – digo alto, sem poder me controlar.

– O quê?

– Nada.

Se você disse a Samara: “você está confusa” – Vá para 224.

Se você disse a Samara que NÃO tiraria os poderes de Laila se pudesse – Vá para 224.

Se você disse a Samara que tiraria os poderes de Laila se pudesse – Vá para 125.

Polegares cercam seu umbigo e apertam como se quisessem extrair o conteúdo. Cintura bem fininha sob mãos avantajadas. Ela era um joypad baseado em carbono, e o jogo um hentai 3D extremamente complexo, e eu interagia até com os dentes. Rosana teimava em continuar de pé, mesmo começando a ter convulsões. Mas, bandeira branca, amor. Assim que ela cai por cima de mim, me arranha o ouvido com:

– André, você tem razão. Precisamos saber quem é esse designer e o que ele quer da gente.

Olhei semicerrado para o teto só para não ter que dizer, “não disse?”.

Vá para 236.

Enquanto terminava o serviço, virei para Laila e perguntei em voz baixa:

– Laila, posso fazer uma pergunta meio indiscreta?

Ela me olhou surpresa.

– A Dafne está solteira?

Laila dá um sorriso conspirador e diz:

– Que eu saiba, sim.

E me puxa para perto:

– A Dafne adora programas intelectuais e guloseimas.

– Ah, eu também. – digo.

– Então acho que vocês dois podem se dar bem. Chama ela pra sair. Leva ela no Seth Petric.

Vá para 217.

De repente, silêncio.

Tudo mais vazio e cru do que nunca. E eu, sozinho.

Dou um pulo. Descubro que isso produz barulho. Posso andar para frente, para trás. Cada passo meu faz barulho, tac tac tac. Tenho um chapéu. Porto um cassetete. Não posso transpor o limite à direita, então atravesso o esquerdo. Desvio de uma bola vermelha. Subo uma escada rolante. Concluo que estou num shopping center.

E, pelos pontinhos no mapa do local, me dou conta de que estou perseguindo um presidiário de roupa listrada. Ele está no andar de cima e meu tempo está se esgotando. Desvio de mais uma bola assassina. Pego uma maleta de dinheiro. Subo outra escada rolante. O bandido continua se movendo. Descubro que pular me faz cobrir mais distância em menos tempo. Vou pulando e pulando até encostar no ladrão.

Mas o que aconteceu?? Estou de volta ao primeiro andar e o presidiário de volta ao terceiro? Que coisa estúpida. Quantas vezes vou ter que prendê-lo antes disso terminar?

RESET: Volte para 1.

- Laila, tenho só algumas críticas a fazer. Você pediu, lembra?
- Ah, por favor. Adoro feedback.
- Só acho... não me leva a mal, viu? Que você abusa um pouco das coincidências.
- Abusei do *deus ex machina*. Tá. – apesar dela ter dito que queria me ouvir, soava um pouco contrariada. – Pode ser.
- E tem coisas ali que, para mim, o André nunca faria.
- Ele *não* é você. Relaxa. Ele é para ser uma pessoa normal, e por acaso você também é.
- Eu entendo que ele não seja eu. Mesmo assim, pelo que eu li dessa *outra pessoa normal*, alguns atos dela parecem forçados.
- É um personagem complexo, tem várias facetas. Nem todas as atitudes dele podem ser explicadas tão...
- Mesmo assim, a complexidade dele não pode incluir coisas completamente contrárias à natureza dele. Pelas primeiras páginas, ele parece muito nerd. Ele não faria certas coisas que você põe ele pra fazer... ou pelo menos as faria diferente.
- Você fala como se o André não fosse minha criação. Nada me impede de moldá-lo à vontade.
- Quando você criou ele, ele era seu. Agora ele já tem vida própria. O criador tem que dar livre arbítrio.
- Ela fica sem responder uns instantes.
- Eu não sabia que você entendia tanto disso – sorri Laila.
- Questão de vida ou morte*, penso eu. E cuido de ir dormir.

Se você esteve em uma boate – Vá para 27.

Se você passou por um temporal – Vá para 233.

- Não faço a menor ideia – disse André.
- Talvez... você esteja numa transição. De cidadão a NPC.
- O que isso quer dizer?
- Um NPC não controla seus próprios movimentos. A não ser aqui, no limbo.
- Quando eu acordar, então, vou estar num jogo e ser controlado pelo computador?
- É essa a definição de NPC, não?
- Não tem uma chance que seja de um jogador vir parar aqui?

Joy engoliu em seco, contrariada. Ele insistiu:

- Não tem?
- Tem.
- E como é?
- Tem, mas uma chance tão ínfima que duvido que você tenha chegado nela sem ajuda.
- Fala mais.
- Você sabe. – disse Joy, maliciosa, estreitando o olhar. – Você trapaceou!
- Eu...

Aproveitando-se da hesitação de André, Joy deu-lhe um safanão na pistola, imobilizando sua outra mão enquanto chutava seu estômago. Enquanto ele se recuperava, apossou-se da arma caída e apontou-a para ele, gritando:

- Checador de walkthru ignóbil! Eu te ACUSO! CONFESSE!

Você responde:

- Tá. Eu li o walkthru. E daí? – Vá para 91.
- Eu não li NADA! Cheguei aqui SOZINHO! – Vá para 30.

Viro para Rosana:

– Ela não tem poder pra isso, Rosana. Ela só lê pensamentos. Se até para fazer o **amuleto** ela precisou de ajuda...

– Se não é ela, ela sabe quem é. E extrair essa informação seria...

– ...fácil? – completei.

Rosana não respondeu. Sua hipótese, no entanto, me parecia consistente. Será que Samara (que agora apenas mexia a boca como um peixe) estava acobertando alguém? Quem sabe pudéssemos convencê-la a colaborar sem violência.

Rosana continuava em silêncio.

– Rosana?

Rosana fitava o ar.

Vá para 62.

Punhos fechados, cortes bruscos; mãos em lâmina, sequências fluidas. Elza alterna e mistura esses dois estados e chama isso de dança. Fica bom quando ela faz. Isso requer que eu dance também, mas me limito ao básico. Um dos vocalistas do Go Bitches provoca a plateia.

– All da biatches out dere say yeeeee!

– YEEEA! – faz a plateia.

Na frente do palco, centenas de mãozinhas compenetradas pirateiam o show. O meio, onde nos situamos, não está tão cheio. Tenho que estar atento. Sempre sem avisar, Elza trota mafuá de gente afora, trocando palavras com conhecidos. Essas, Gê e Fabi, ela chama de amigas. E com elas papeia por um bom tempo.

– André, amanhã a Gê e a Fabi vão acampar em Mauá. Tem outra barraca... topa ir com a gente?

– Não posso. Amanhã tenho RPG.

Na verdade, eu tinha acabado de receber uma mensagem de Rosana pedindo para eu ficar por perto no sábado. Ela dizia: “estou na pista do designer do jogo”.

Vá para 88.

QUARTA-FEIRA

Carreguei duas CPUs até o carro de Laila, uma em cada braço, sentindo meus ombros distenderem mas sem demonstrar cansaço. Ela foi na frente, tilintando as chaves a cada dois passos, jogando-as para cima e aparando com a mão.

Tive a surpresa de ouvi-la puxar o assunto do livro.

– Sabe, conversar contigo está me estimulando a escrever? Tenho chegado em casa e escrito páginas e páginas. Mesmo exausta.

– E pretende me mostrar?

– Depois! Que ansiedade.

– É que a história prende. Capaz de fazer sucesso, mesmo.

Ela não se deixou lisonjear:

– Se roubar minha ideia, te mato.

– Não. – e exibí minha melhor expressão não-tenho-qualquer-intenção-escusa. Não sei se fui convincente. Devia ter usado um ponto de exclamação. – Só não entendo uma coisa. Com um tema desses, por que não escreve um jogo de uma vez?

Laila não respondeu, tinha chegado a hora de usar suas chaves com o porta-malas. Era um carro bem velho.

– Ah, puta que pariu. – e logo a seguir. – Desculpe.

As desculpas não vinham por causa do palavrão, mas porque ao abrir o porta-malas constatou-o lotado.

– Ponha isso aí um instante. – disse ela indicando as CPUs e o chão com um olhar.

– Não está pesado.

Fiquei parado no meio da Rio Branco com uma máquina de cada lado enquanto ela tentava desocupar o porta-malas de sacos e mais sacos. Passava-os para o banco de trás.

– Não era melhor colocar as CPUs no banco de trás? – sugeri.

Ela parou.

– É mesmo.

E fiquei parado mais alguns segundos enquanto ela desfazia o começado. Reparei no conteúdo colorido dos sacos.

– Isso é brinquedo?

– É. A Mayumi arrecada pra uma obra de caridade. Fez todo mundo do escritório doar.

– E você vai lá levar.

– Vou deixar na casa dela. Ela está juntando para depois levar de kombi para o orfanato, em Jacarepaguá.

– Bacana.

Vá para 243.

Edgar já tinha feito aquilo antes – copiar material de clientes. Eu não estava a fim de me estressar com aquilo, bem como com as demais babaquices de Edgar, então deixei pra lá.

Você deixa Edgar copiar o que quiser de Laila...

e copia para você também. – Vá para 232.

mas não copia nada para você. – Vá para 114.

Demorou algum tempo até eu jogar videogame de novo. E demorou ainda outro tempo para eu jogar videogame sem associar isso a Rosana. Tudo o que se passou comigo, de certa forma, não doía tanto quanto não poder voltar a falar com ela. Samara tinha deixado claro: para Rosana, eu nem sequer existia.

Até comprei um console novo – pra jogar sozinho, às vezes com amigos, sempre fora de grandes reinos online. Isso finalmente recuperou para o videogame o status de melhor forma de esquecer alguém.

Na segunda-feira após a amnésia provocada, Rosana voltara para a ZYX Traduções como se nada tivesse acontecido – na verdade, *achando* que nada tinha acontecido. Também renunciou a seu vício em *Wisdom Islands*. Hoje em dia ela é uma cidadã produtiva. Mas nosso elo se foi.

Eu tinha obedecido Samara à risca. Trepamos uma vez depois disso, mas não foi muito bom, mesmo ela prometendo não entrar na minha cabeça. Ainda assim, eu e ela não desistimos de nos encontrar sublimadamente. Ela gostava de fazer o teste de cartas de Zener (do qual acertava invariavelmente 22 de 25) e de perder pra mim nos jogos mais recentes de seu pai. Depois que seus problemas escolares acabaram, ela tinha muito tempo livre.

Vá para 40.

- É mesmo?
- Seria sacanagem. Ela não está fazendo isso pra me foder. Ela só quer pôr uma história no mundo.
- Hum.
- E é uma história sem pé nem cabeça, coitada. Não foi planejada. Ela nunca vai terminar esse livro.
- Mas isso é ruim pra você... você sabe, não?
- Por que seria ruim?
- Porque ela vai continuar escrevendo indefinidamente.
- E daí?

Ela não respondia. Percebi de repente que Samara não tinha certeza da relação entre o que Laila escrevia e a minha situação. E em seguida me veio uma ideia ainda mais medonha: de repente Samara estava questionando até se a ideia de me levar ali era dela mesma ou de Laila, que estaria escrevendo aquela cena naquele instante.

Nisso, Samara soltou um risinho de desdém.

- Ela não tem influência aqui.
- Por quê?
- Achei que a gente merecia privacidade. “Desliguei as câmeras”. – ela piscou para mim.
- Ótimo. Você achar que estamos num ponto cego pra ela me dá uma possibilidade de ter certeza. Se, quando eu chegar em casa, ela tiver me mandado um trecho contando isto, *isto aqui*, vou saber que você aparecer na história dela não foi por escolha sua.

Tomo o queixo de Samara e a beijo.

Vá para 73.

TERÇA-FEIRA

Consegui acordar no dia seguinte a tempo de ser o segundo a chegar no boxe 106-107. Por ser duplo, ele é o boxe mais espaçoso da vizinhança. Precisamos desse espaço porque, ao contrário da maioria dos vizinhos, fazemos assistência técnica de computadores. Havia duas máquinas para se trabalhar e Josilton, exemplar como sempre, já mexia em uma agachado no chão.

Edgar tinha o mesmo vício que eu (MMORPGs), e certamente só chegaria por volta do meio-dia.

As horas passam. O dia passa. Ligo de volta para um cliente, digo que a máquina está pronta mas precisou de uma certa peça, por isso o aumento no preço. Ele não resmunga (o que é raro), dizendo apenas que passa aqui mais tarde.

Nesse momento chega Edgar. Ele prefere ficar no balcão. Na hora do almoço aparece a maioria dos clientes, e ele os atende. Baixam gabinetes suados de sovacos assalariados. Munidos de chaves de fenda, futucamos entranhas desconhecidas para desentocar o mau espírito. Damos orçamentos. Juramos prazos. Depois que eles se vão, hora de consumir. Não dá para descrever, é preciso trabalhar.

Vá para 214.

– Me dá essa besta, Rosana.

Ela obedeceu. Peguei a besta e, rompendo sua corda tesa, inutilizei-a. Depois comecei a pisar nela.

– Sabe do que mais? As duas são loucas.

Rosana tentava me impedir desesperada.

– Eu não tenho que dar ouvidos a nenhuma das duas. Não tenho que andar com nenhuma de vocês.

Acabou a brincadeira.

– Que bom ouvir isso.

Olhei para trás com o susto de ouvir uma voz vinda de um lugar impossível. De repente me deparo com Mayumi, em um vestido esverdeado longo, de bolinhas. A surpresa de vê-la ali é tanta que só depois de algum tempo percebo Rosana estranhamente quieta. Congelada. Parada no tempo feito uma estátua. Olho de novo para Mayumi, que se aproxima.

– Vim te tirar dessa.

– Você congelou as duas – falei, observando Samara posar num estado *ainda mais* inerte – Por quê?

Vá para 262.

QUARTA-FEIRA

Carreguei duas CPUs até o carro de Laila, uma em cada braço, sentindo meus ombros distenderem mas sem demonstrar cansaço. Ela ia na frente, tilintando as chaves a cada dois passos, jogando-as para cima e aparando com a mão até chegar a hora de usá-las com o porta-malas. Era um carro bem velho.

– Ah, puta que pariu. – e logo a seguir – Desculpe.

As desculpas não vinham por causa do palavrão, mas porque ao abrir o porta-malas constatou-o lotado.

– Ponha isso aí um instante. – disse ela indicando as CPUs e o chão com um olhar.

– Não está pesado.

Fiquei parado no meio da Rio Branco com uma máquina de cada lado enquanto ela tentava desocupar o porta-malas. Sacos e mais sacos. Passava-os para o banco de trás.

– Não era melhor colocar as CPUs no banco de trás? – sugeri.

Ela parou.

– É mesmo.

E fiquei parado mais alguns segundos enquanto ela desfazia o começado. Reparei no conteúdo colorido dos sacos.

– Isso é brinquedo?

– É. A Mayumi arrecada pra uma obra de caridade. Fez todo mundo do escritório doar.

– E você vai lá levar.

– Vou deixar na casa dela. Ela está juntando para depois levar de kombi para o orfanato, em Jacarepaguá.

– Bacana.

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** – [Vá para 243.](#)

Se você tem o **E-mail de confirmação** – [Vá para 43.](#)

Pedi comida em regime de urgência, e enquanto não chegava, assisti o mau humor de Dafne, etérea de fome, imperar. Prostrada, espalmava o curvim e suspirava sofredamente. O cabelo foi ficando mais claro e seus contornos menos nítidos à medida em que definhava no sofá. Mas a comida chegou a tempo de salvar uma vida.

Dafne foi recuperando a cor nas faces com o PF arrumadinho que eu tinha encomendado (bife a cavalo, fritas e arroz), bebeu a laranjada e, quando chegou à sobremesa (mini torta alemã), já parecia plenamente revitalizada. E falando de novo. À guisa de desculpas:

– Planejamento não é o meu forte.

Dou-lhe um beijo na testa. É minha despedida.

Amanhã mesmo vou pedir para Laila organizar uma intervenção, pensei. Não era da minha conta, mas.

Vá para 88.

Embaixo do prédio, um tumulto cercava o Maverick GT V8 de Fernando.

Eu tinha deixado os pais de Fernando descerem sozinhos depois de ver a mãe do meu amigo gritar no celular: “Pagou?... E o Fred?... Por quê???... *Quanto?*... E você tem isso?... Vou perder outro filho.” Mas a vizinhança não mostrou a mesma preocupação com a privacidade dos outros.

Desci as escadas correndo a tempo de ver o pai dele, que continha a mulher sem nada dizer, finalmente conseguir arrancá-la da janela do Maverick. Mal Fernando tocou o acelerador – produzindo um *braaam* resposta –, ela se jogou sobre o pára-brisa, sob gritos da multidão.

Sério, quase calmo, Fernando desviou o olhar da mãe para mim em cheio, como se soubesse por certo onde me achar no meio de tanta gente. Era um convite. Ele nem precisava falar. E não falou mesmo.

Vá para 221.

Decidido a cumprir minha tarefa exemplar e eficazmente, sem me deter, sem me distrair com o céu nem pegar porcaria do chão, travei num olhar reto-para-frente. Mas lá também as coisas não estavam normais.

As pessoas estavam cumprimentando.

Fui saudado por todo mundo que passou por mim, inclusive pelo seu Walter, o velho mais rabugento da rua.

Quando eu finalmente ia entrando no mercado, quase na hora de fechar, aconteceu uma tragédia. De alguma forma tropecei e todas as minhas moedas se esparramaram pelo chão. Os funcionários me olhavam feio, doidos para ir para casa, enquanto eu catava moeda por moeda. Eu nem sabia que tinha tanta moeda.

Cheguei no açougue e o açougueiro já estava pronto para ir embora. Ele não queria ir lá atrás pegar alcatra e músculo.

– A carne que tem está aí – dizia ele, de braços cruzados.

Tentei argumentar que ele estava demorando mais em discutir comigo do que demoraria em ir pegar a carne. Ele nem aí. Ameacei chamar o gerente. Ele riu.

– Esse aí já foi pra casa há muito tempo.

Devia ser mentira, mas fiquei sem ânimo de testar.

– Vamos, garoto, escolhe logo. – apressava ele.

Tive uma súbita inspiração. Olhei o conteúdo da minha mochila:

Nota de cem reais – Vá para 4.

Moedeira (cheia) – Vá para 200.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 181.

Qual deles você quer usar no açougueiro?

Um lapso de tempo. Me vejo do lado de fora, todo ensanguentado, segurando um **saquinho** que retirei das partes íntimas de Mayumi. Estava preso lá, por uma fitinha. Azul.

A longa aleia pintada de cinza com batentes cinza-escuro parecia replicada por espelhos. Sumia no infinito, perspectiva de um ponto só. A luz de laboratório batia no acinzentado das paredes revelando todos os poros do emboço. Mayumi morava justo na quina, provavelmente mais barata por dar ângulo para a favela.

Abro o saquinho. Longos fios de cabelo negro numa mecha em forma de O. Um papel com caracteres japoneses. Uma pedrinha verde, do mesmo verde do **amuleto** ofertado por Joy Borg, a elfa. E um número: 410.

Vá para 253.

Fernando agarrou a gola da camisa de um freguês sentado junto ao balcão, suspendendo-o e imprensando seu pescoço com a barra contra a parede. Não um feito muito difícil, por ser ele ainda mais mirrado que Fernando. No mesmo instante abriu uma clareira em volta.

– Calmaí, colega. Tu é polícia? Tu é PM? – disse o prisioneiro, engasgado.

– Onde é que estão com o Fred?

– Que Fred?

– O menino que estão pedindo resgate.

– Tenho nada a ver com isso.

– Então não morre por isso, porra! – gritou Fernando, pressionando a barra. – Sou *irmão* dele! Cadê ele? Só falar que eu solto. Onde é que tá?

O sujeito não conseguiria falar nem que quisesse, esganado que estava. Fernando, acossado demais para perceber isso, rosnava: “Articula! Articula!”. Cheguei perto e aliviei a pressão sobre o pescoço do garoto, ordenando:

– Fala.

– Ele tá atrás da boca... Fica depois do...

Fernando ouviu atentamente a explicação, e sem virar as costas:

– Qualquer galho, a gente volta.

Olhei para trás e o bar já retornava à normalidade. Aquilo era a normalidade.

Corta para Fernando largando seu Maverick GT V8 de qualquer jeito na São Miguel.

– Fica no carro. Não sai daí. – disse.

Ficar no carro?

Sim – Vá para 21.

Não – Vá para 151.

A HISTÓRIA COM FIM

Estou na sala de espera do dentista. Nunca escovar os dentes finalmente surtiu o efeito anunciado.

Folheio uma das revistas e penso: sou que nem essas celebridades. Celebridades não conseguem ser felizes porque estão na berlinda. As pessoas as acompanham. As pessoas estão de olho nelas. Assim como Laila tomou a minha vida.

É que felizes para sempre é um tédio, e o público exige novas peripécias ou se cansa do personagem – quando não é a própria celebridade que faz isso. O que as pessoas não entendem é que isso não é autodestruição, é vício em ficção. O problema das celebridades é que elas sabem que são célebres. Se ver como o protagonista é terrível, você teme que o público se canse de você e se torna o próprio autor de folhetim, sempre em busca de novas derrocadas e posteriores voltas por cima de forma a estar sempre estampado na capa.

Eu estou na berlinda também. Alguém me tem no alvo. Eu não posso ser feliz, quanto mais pra sempre. Esse não é um direito meu.

Minha situação é como a de um famoso, mas, no meu caso, não há público. Ou melhor, eu sou, além de personagem principal e crítico, também o público. Pelo menos até Laila publicar... Que doideira, meu Deus. Eu sei. Mas acompanhe meu raciocínio. Laila decidiu equiparar minha vida a um dating sim. Não importa por quê. O importante é que eu sei como o jogo funciona.

Jogos, novelas, livros terminam. Porque o que tem fim, tem sentido. O que não tiver fim, não tem sentido.

Esse jogo tem que ter fim.

Quando tiver fim, minha vida voltará ao normal. Seja lá o que “normal” signifique. O importante é que me seja devolvida.

Vá para 128.

No caminho Elza me chama e mostra algo em sua bolsa de pano. Um monte de flor e folha.

– É trombeta.

Do fundo da sacola, flores branquíssimas espreitavam com o mesmo brilho azulado do fim de tarde. Correspondi ao sorriso malicioso de Elza e ela fechou a bolsa.

Jantamos principalmente *marshmallow* com cerveja, em volta da fogueira. Cozinhei também um miojo. Ficou horrível. Metade joguei fora.

No fim de noite, o perfume da floresta e o cheiro da fogueira implicavam. Só era possível fugir de um aspirando o outro. Não se falava mais nada, nem terrores. Com um beijo estalado nas bochechas dos que ficam, as namoradas vão para sua barraca e fecham o zíper. Olho para Elza. Olho para Elza e lembro de Rosana.

Elza, um inimigo risível, dropou uma sacola cheia de ingredientes para poções, e saqueei de sua barraca alguns víveres, muitas cervejas, uma carteira pouco recheada, uma escova de dentes (sem pasta) e uma série de artigos de vestuário feminino de baixo valor. Eu esperava mais.

Atraídas pelo barulho, suas comparsas deixaram a barraca apenas para serem abatidas com eficiência ainda maior. As duas droparam uma boa coleção de brincos e piercings de prata. Esperei o dia amanhecer e parti, carregando comigo tudo o que podia.

O quê? Tenho certeza de que elas vão respawnar. É local aberto.

Vá para 7.

Eu me lembro.

Eu me lembro.

Eu tinha perdido

a memória, mas

agora

começo a me lembrar.

Semana toda voltaram

pedaços

de quem eu sou

do que vim fazer aqui.

As mãos de Samara entravam pelos cabelos de pontas roxas e forçavam as raízes.

*Tinha a ver com o **amuleto**. Eu te enviei um para salvar sua vida.*

E balançava a cabeça como se doesse.

ai, que confuso...

Você diz:

– Você é que está fazendo isso comigo? – Vá para 215.

– Você está confusa. – Vá para 171.

Assim que Fernando some de vista, abro a porta e corro atrás dele.

Mesmo sem mapa, eu pensava que pelo menos a parte GTA já tinha acabado. Eu era um pouco menos pior em jogos de estratégia militar. E era isso mesmo. Terreno recortado, ensombrecido e fétido. Pseudobarracos espaçosos e vazios de civis. Súbita submetralhadora sofisticada à mão.

Novos itens: Submetralhadora + munição

Entro na favela fantasma correndo abaixado, me meto por uma viela, adentro um corredor que termina numa escada que leva a uma laje, pulo para a próxima e sumo por um alçapão. Sempre em movimento, reconhecendo terreno. O único jeito é brincar, já que eu não sei fazer a sério. *Saraivas. Um grito. Áudio excelente, hein? Percebo pelo eco que o atirador se encontra num lugar fechado. Provavelmente atingiu alguém pelo canto da janela – macete preferido de Fernando. Meu amigo devia, portanto, estar a poucos barracos de distância, a 10h. Passos. Me alinho com a parede e aponto para cima: mato um (aaah!!) RÁ! Mania de ficar no alto! Nem sempre é vantagem. Você vê todo mundo, mas numa laje nua todo mundo te vê. Deu mole.*

Me aproximo do morto e tomo seu **fuzil**.

Life: 74%

Merda! Enquanto trocava de arma, sofri um atentado a faca, que repeli a tempo com o pé. Continuo massacrando o bandido a pontapés até ele estar no chão. Tinha **granadas**, fico com elas. Agora precisava pensar. Pelo que ouvia, diria que Fernando tinha acabado com quase todo mundo, só não sabia em que estado precário de saúde ou munição ele devia estar.

Ir pela esquerda – Vá para 238.

Ir pela direita – Vá para 6.

Tinha gasto meu último centavo nesse bilhete de metrô. Portanto, é a minha única chance de voltar para casa. Portanto, dou a volta e fico esperando o último trem direção norte – de novo.

Ele vem. Entro nele. Ouço o apito. O trem se move. Entra no túnel.

A caminho da próxima estação.

Estou alerta. Nada pode me tirar dos trilhos agora. Não vou dormir nem desviar o olhar.

Estamos no meio do túnel quando a luz do vagão dá uma piscada. Quase imperceptível, mas estou totalmente atento. Aperto a alça do banco à frente.

Apenas uma piscada. Logo chegamos à estação.

ESTAÇÃO TERMINAL, grita o locutor. DESEMBARQUE OBRIGATÓRIO.

Eu não estou maluco. Não entrei no trem errado.

Ainda assim, estou de volta à mesma estação.

Puxo o celular do bolso.

Ele marca 11:56.

Sinto alguém se aproximando por trás. A voz suave me pergunta:

– Vem comigo?

Tenho medo de me virar.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 202.

Um novo trecho de livro apareceu em minha caixa de entrada. Fiz uma experiência: nem sequer li o que havia nele, fui direto conversar com a autora:

- Então agora ele tem um amigo.
- Pois é.
- Não aguentou. Resolveu pôr outro macho na história.
- Achei que estava fazendo falta. Aventura, né. Sexo não é tudo.
- Mas é 100%.

Laila fez um muxoxo virtual de desgosto.

- Olha pra *quem* venho pedir conselho literário... – resmungou.
- Se quiser é só parar.
- Não. Tem me ajudado. Sério.

Se você esteve numa boate, vá para 156.

Se você NÃO esteve numa boate e tem a **chave-mestra**, vá para 223.

Se você NÃO esteve numa boate e NÃO tem a **chave-mestra**, vá para 156.

ACREDITE NA MENTIRA

Fomos para a casa de Laila e fizemos diversas experiências com o poder dela. Descobrimos diversas coisas interessantes dentre as quais:

Ela não podia usar o poder em causa própria. Não podia ser autobiográfica. “Eu, Laila Cardano Zenha, tirei um palito de sorvete premiado” não surtia efeito nenhum. Modificamos os tempos verbais. Nada.

Chupamos os sorvetes e tentamos comigo. Ela descreveu em detalhes uma ida à rua onde “André” achava um palito premiado. Não deu certo.

Começávamos a imaginar se estávamos loucos. Relemos o artigo de jornal e concluímos que não. Alguma regra devia estar nos escapando. Talvez não funcionasse com a gente sabendo – mas meu achado arqueológico desmentia essa teoria. Depois de muito pensar e testar, cheguei ao seguinte:

Só funcionava quando ela escrevia ficção.

Laila nunca tinha escrito ficção antes. Aquela era a sua primeira tentativa.

Aos sete anos, Laila tinha ganhado um diário. Fora estimulada a escrever suas experiências cotidianas e a decorá-las com adesivos. Parou depois de dois anos de entradas esparsas.

A escola, naturalmente, só passava redações argumentativas e descritivas (de “Minhas Férias” a “Corrupção no Brasil”) visando o vestibular. O curso de Letras inteiro Laila passou escrevendo resenhas, monografias e até poemas, mas nunca uma mentirinha saíra de sua pena.

– É isso – concluí. – Escreva um capítulo sobre acertar na loteria e você logo vai ter tempo para escrever o que quiser. Pode me usar, sem problema.

Mal sentada no sofá, Laila fitava o laptop com as mãos prostradas junto à coxa.

Vá para 110.

Virei para Samara:

- Você conhece a Mayumi?
- Dfiffil de falall...
- Responde.
- Ela faff alongaeento coiiiigo e é buffa profiffional. Me afudou a prepaaar o **auuleto**.

Rosana, recuperada, tocou em meu braço:

- André, é ela a designer. Ela tem poder pra isso, não tá vendo?

Samara arregalou os olhos. Era quase tudo o que podia fazer em protesto.

- Fai aqueeditar neffa affaffina maauca?

Você acredita mais em Samara (Rosana é uma assassina maluca) – Vá para 134.

Você acredita mais em Rosana (Samara é a designer do jogo) – Vá para 119.

Você não acredita muito em nenhuma das duas – Vá para 141.

QUINTA-FEIRA

Não foi suficiente pegar todos os trabalhos escrotos. Edgar, com Josilton como cúmplice, me empurrou para atender o chamado de uma velhinha em Copacabana. E, como não tinha jeito, eu fui. Avisei a Rosana que chegaria mais tarde do que o combinado.

Já estava mal o suficiente por isso, mas não podia me perdoar mesmo era por estar andando com aquela preciosidade para cima e para baixo. *Em transporte público*. Quase peguei um táxi, mas estava duro.

A senhora que atendi tinha infectado o computador ao clicar numa mensagem falsa. Ela não tinha documentos importantes nem comprava pela internet, mas fez questão de que eu resgatasse cada e-mail trocado com as amigas. Foi um inferno de resolver e, quando saí dali, mal enxergava dois palmos adiante. Mas pensar na possível reação de Rosana me renovou o ânimo.

Vá para 255.

Ela estava me assustando.

- Dafne, você não pode ficar sem comida. Não dá pra ser tão desprendida assim.
- Claro que dá.
- Olha só para esse apartamento. Você não está vendo? Você está indo embora de você.
- Eu não dou a mínima.
- Você não dá a mínima?

Segurei seus braços, pronto a sacudi-la; sua gordura formou dobras entre os meus dedos. Achei aquilo gostoso e mudei de ideia: comecei a massageá-la. Ela jogou a cabeça para trás.

– Muda de lugar os chumbos da tarrafa, abarca outra água; depois, desista de comer peixe, a rede é rasgada, fica para trás – dizia ela – Aponta! Aponta! Oh! Aponta! Percurso para a noosfera... ãhnm...

Ela apontava. Dafne era louquinha, mas seu corpo era um tesão. Enquanto ela profetizava, distraída, eu lambiscava os seus seios.

Mas ergui a cabeça um momento. Será que uma coisa alimentaria a outra? Minhas mãos percorrendo sua pele insuflariam o delírio?

Fiz a experiência. Parei. Mas ela já estava num estado tal que não parecia ter mais volta. Foi flutuar e deixou sua existência terrena à minha mercê.

– Pessoas que fracassam no que pretendem, outras que sabem perfeitamente e o levam até as últimas consequências. Sou dedo de seta adoidado, aponto, aponto e aponto mesmo. Tem gente que acha que sabe contar. Aponto até para mim: às vezes nem sei porque falo o que falo.

Coitada.

Continuei a fazer o que estava fazendo, meticulosamente, com aquela espécie de manequim que espriava os braços. De todos os sons que jorravam de sua boca, nenhum foi *não*.

Vá para 88.

Ela andava de um lado pro outro.

– O quê?

– Jogos não têm sexo. – disse, dedo em riste. Ahá.

– Alguns têm.

– Ah, só os... os...

Sua boca trava no o. Um momento depois ela bate-cabeça e fecha os olhos forte, entendendo.

– Eu sou loot? – entre enojada e lisonjeada – Ahn. Eu sou loot.

Voltou o interior dos braços para fora, em oferta, e me encarou trêmula e digna.

– Pode pegar, é seu.

Me aproximo, de joelhos.

Vá para 129.

SEX BORN POISON

Posso ser praticamente leigo em matéria de desejo feminino, mas achei essas duas meninas distantes demais de suas personalidades fora da cama. Nerds não deviam ser tão... tão bizarras. Por que uma resolveu amarrar a outra? E como fez isso com tanta perícia? Por que a de cima tirou um dildo roxo não sei de onde e resolveu enrubar a outra, e conseguiu? Que diabo elas estão fazendo com o iogurte? O que foi feito de nossa juventude?

O mais estranho é que essa pantomima – algum outro termo? – deveria ter me feito broxar. E eu broxei. Mentalmente, mas não fisicamente. Na verdade, eu também não estava muito parecido comigo: sem entrar em muitos detalhes, eu não só topei as bizarrices que elas propunham sem hesitar como fui capaz de levá-las (as bizarrices também) até o fim.

Aquele não era eu. Aquelas não eram elas.

Eu não estava num *dating game*. Estava era num jogo de damas, e era obrigado a comer.

Vá para 63.

Mayumi mora no 410 de um cabeção-de-porco próximo a uma favela. É um quitinete, apelido para cozinha minúscula. Nem chego a entrar nela. De meias, ponho a mesa de tampo de vidro junto à janela; na qual sentamos para comer à luz de postes e lâmpada de 60 watts.

Em Tupperwares retangulares ela tinha disposto: creme de vagem, polenta cortada, arroz maluco, carne assada e empadinhas de queijo. Me servi de um pouco de tudo.

Não consegui comer muito.

Sua boca de botão se movia transversal, educada, para mastigar, o queixo apenas ondulando; fazia isso num tempo, sorrindo com os olhos sem usar as pálpebras. Pairava o garfo e a faca sobre o prato sem nunca largá-los. Me olhava a intervalos regulares, quando não estava fitando a comida, selecionando o próximo bocado com muito cuidado, ou a rua pela janela. Eu me comovia, e não comia. Entreguei o prato semicheio.

Ela foi lá dentro e voltou com duas gelatinas vermelhas e colheres.

– Tem pudim também – disse ela antes de depositá-las na mesa.

Eu disse que gelatina estava bom. Apanhei a colher e comecei a comer. Fui colocando a goma na boca e engolindo sem esperá-la se dissolver; repeti o movimento até esgotar meu pote.

– Mayumi – disse eu, me dobrando sobre a mesa. Toquei nos dedos dela, que envolviam o pote de gelatina. Ela me olhou com uma surpresa um tanto ensaiada. Não importava. – Sinto muito. Sinto muito mesmo.

A expressão dela mudou de suave curiosidade para estranheza e, por fim, esgazeou-se na morte. Só então puxei a espada de volta, limpando-a na barra da toalha. Suspirei. Não era um dever fácil, o meu.

Revirei o apartamento e catei os itens de valor mais fáceis de carregar. Alguns ingredientes exóticos, tecidos, joias. Mayumi mesmo não dropou nada.

Bem, é um MMO. Ela vai respawnar e nem vai lembrar do que aconteceu. Tudo está bem.

Se você falou com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 84](#).

Se você falou com Elza na ZYX Traduções, [vá para 178](#).

161

As regras são areia movediça. Não há lugar seguro para se esconder e nem para simplesmente descansar.

Só sei de uma coisa. A dúvida é linda, mas preciso acreditar em algo e segurar firme. Senão nunca vou ter a certeza necessária para me mover. Ficar onde estou não dá.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para **142**.

Se você **NÃO** recebeu o **E-mail de confirmação** e teve **prejuízo de 10%**, vá para **142**.

Se você **NÃO** recebeu o **E-mail de confirmação** e **NÃO** teve **prejuízo de 10%**, vá para **136**.

Desejei naquele momento que faltasse luz, mas não fui atendido. Tivemos que ver os corpos um do outro. Se fosse meu apartamento, eu teria o controle; Rosana em sua casa faria do seu jeito.

O jeito dela foi me apertar os ombros e sair de baixo de mim; eu sabia o que ela estava fazendo. Continuei olhando o teto, portanto, até que ela declarasse o quarto pronto para mim.

– André. Vem.

Mudar de cômodo deixa a gente um pouco tímido; por um milionésimo de segundo me vem a tentação de encontrar um bibelô com que brincar fixamente; mas me lembro de tudo o que fizemos na sala e retomo o ritmo. Na verdade, caio aos pés dela e, meu Deus, *inovo*: levanto as pernas dela e opero delicadamente com a boca. A certeza de ter sido isso uma boa ou uma péssima ideia demora, e enquanto retenho o par de pés lá no alto, é preciso persistir no escuro. Sorte que estou bêbado. O que estou fazendo é usar a boca e os dedos. Ela reage. Muito bem. Sou atacado. Ela decidiu retribuir o favor? Não, ela decidiu me cavalgar. Isso é bom para os dois. De alguma forma, após uma vida de fracassos, a serenidade tinha tomado conta de mim – percebo.

Se você tem o item **Tupperware de Mayumi**, vá para 59.

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** E esteve numa boate, vá para 244.

Se você NÃO tem o **Tupperware de Mayumi** E NÃO esteve numa boate E falou com Elza na ZYX Traduções, vá para 178.

Se você NÃO tem o **Tupperware de Mayumi** E NÃO esteve numa boate E falou com Dafne na ZYX Traduções, vá para 84.

Se você NÃO tem o **Tupperware de Mayumi** E NÃO esteve numa boate E NÃO falou com Dafne nem com Elza na ZYX Traduções, vá para 88.

A **pistola** respondeu à pressão no gatilho com um clique e nada mais. O açougueiro gargalha com as mãos na barriga, me chamando de otário.

– Vai brincar de polícia e ladrão, vai.

Usar outra coisa:

Nota de cem reais – Vá para 257.

Moedeira (cheia) – Vá para 207.

Panfleto – Vá para 109.

Chave-mestra – Vá para 15.

Olhei pela janela – a real – e vi que o dia começava a amanhecer.

Respondi à elfa-diaba que sim. Ela me estendeu a pedra e desapareceu numa névoa roxa. Foi só aí que anunciei aos outros:

– ACHEI área secreta e MATEI um puto gold. Ganhei um **amuleto**.

Ninguém respondeu de imediato. Estávamos dispersos pela fortaleza, embora tivéssemos combinado o contrário antes de entrar. Eu estava prestes a conferir as propriedades da tal “Faust Stone” quando o Rodrigo respondeu:

– Tá tarde.

– Ou cedo.

– Vou bater uma e dormir.

– Boa noite e boa sorte.

– Fui.

E eu também fui.

Vá para 140.

Depois de arrancar a flecha do braço de Samara, botei Rosana sentadinha no chão feito buda. Procurei em seu alforje algum antídoto para curare, mas Samara se apoiou num cotovelo, cabelos escorrendo para trás, e disse:

– Efquesce, André, já eftou melhor – e apontou para os pés, que mexiam.

Soltei um suspiro de alívio e me aproximei de Samara. Apoiei o tronco dela contra o meu.

– Pera que... – protestou.

Ajeitei-a para liberar seu cabelo aprisionado sob a omoplata.

– Melhor?

– Sim.

Ficamos em silêncio algum tempo, observando o campo de batalha que foi sem nunca ter sido. E Rosana, que nos olhava sem nos ver, o que era inquietante.

– Você vai deixar ela assim para sempre? – perguntei.

– Talvez.

– Não seja má.

Samara sacudiu os ombros violentamente.

– Quem quer ser do bem? – redarguiu, com um olhar duro à frente.

– Samara...

– Ela merece! Além do que, é jeca ser do bem.

– Você pode ser neutra, pelo menos.

– Neutra e caótica – diz ela, me olhando por cima do ombro.

Não reprimo o riso.

Vá para 138.

Saí dali com ódio. Eu estava finalmente entendendo como as coisas funcionam.

Na minha cabeça, estar jogando com Rosana levaria ao meu final. Eu esperava então poder descansar um pouco. Sabe, quando a última cutscene acaba e você é autorizado a desabar no colchão manchado de gordura de pizza pra sonhos abençoadamente pretos? Nesse momento.

Mas o próprio estilo de jogo de Rosana apontava para outra coisa. Esse jogo não era só dating sim. Era também um MMO. As implicações eram terríveis.

Esse universo ou é infinito, ou está em constante expansão; sendo assim, não vai ter filminho no final. Não vai ter nada de final.

Mas ficava pior. Num dating sim MMO, mulher também era loot. Ou seja, Fernando também tinha chance com as mulheres. Meu instinto me avisava que aquele **console vintage original** não tinha vindo de graça. Fernando estava tentando entrar no meu jogo. Fernando estava tentando comprar a entrada no meu jogo.

E Rosana estava fazendo perguntas sobre Fernando. Muitas perguntas. Perguntas demais. Assim que eu os apresentasse, ela haveria de se sentar com ele e arregalar os olhos ao ver a variedade de consoles que ele possuía. Jogaria de tudo um pouco e ouviria suas histórias da Alemanha, falsas ou verdadeiras. E me trocaria por ele.

Eu precisava me impor na mente de Rosana como um parceiro digno. E impedi-la de conhecer Fernando. Quando ela me pediu o sobrenome dele, eu falei errado.

Vá para 59.

Enquanto terminava o serviço, virei para Laila e perguntei em voz baixa:

– Laila, posso fazer uma pergunta meio indiscreta?

Ela me olhou surpresa.

– Você está solteira?

– Sim, por quê?

– Você não sairia comigo não?

– Não, não rola. – disse ela com um sorriso pétreo que minguou em seguida.

– Que pena.

Perguntar por Elza – Vá para 122.

Perguntar por Dafne – Vá para 17.

Ficar calado – Vá para 267.

Ensanguentada, arfante, munida de uma besta, Rosana rolou desde a floresta até meus pés, onde continuou por terra, exaurida.

Life: 21%

– Matei a bruxa. – falou Rosana, apoiando a cabeça entre as pernas.

– Que bruxa?

– Mayumi. Ela confessou, André. Está mancomunada com essa aí.

“Essa aí”, também conhecida como Samara, tinha caído no pequeno vão entre o pavor e o ódio, e sem se debater. Estirada no chão, meio reclinada, fuzilava Rosana com o olhar.

– O que você fez com ela?

– Paralisei... ataques físicos e poderes. – disse Rosana, tomando fôlego.

– Mayumi não moeeeu. Safa demais p’a isso. – falou Samara, com a boca mole.

– E infelizmente minha seta *não* travou a língua... ainda. – disse Rosana, se curando.

Life: 61%

Vá para 155.

CHAMADO DE SAMARA

O quarto onde fica o computador de Samara é o que chamam de “reversível”. Ele atravessa a casa, junto à cozinha, e sua porta tinha sido movida para apontar para o corredor dos demais quartos, isto é, para dentro.

O cabelo dela estava roxo. Era incrível como meu padrinho nunca estava em casa quando eu vinha. Às vezes eu tinha a impressão de que era de propósito.

– O que foi agora?

– Você é tão confiável. Sempre vem quando a gente chama... – disse Samara.

Não sabendo o que fazer da indireta, ignorei-a e abri a máquina. Era uma besteira: a fonte da menina tinha queimado porque ela chutara o plugue do mouse PS/2. Vendi uma fonte nova (ela quis a mais barata) e um mouse USB, mais mão-de-obra. Mal olhei para ela enquanto remontava a máquina.

Na verdade, eu estava meio convencido porque finalmente eu tinha uma vida, coisa que tantas vezes Samara já me mandara arranjar. Não que eu precisasse de ordens para isso, mas, agora, eu tinha contato frequente com outras 5 (cinco) mulheres, e não precisava mais me sentir culpado por tratar aquela quase-mulher quase-pegável, porém chatíssima, do jeito que ela merecia.

Enquanto eu ligava a máquina, ela anunciou:

– Vou pegar suco de pêssego. Quer?

– Não ‘brigado.

Samara pulou para fora da cadeira, puxou a porta e a fechou com estrondo. Aí, ouvi passarem a tranca.

– Samara?

Testei a maçaneta. Trancado mesmo.

– Samara? Não tem graça isso. Abre. Abre essa porta.

– “Abre a porta, Mariquinha...” – cantarolou ela lá de fora.

– ABRE A PORTA!

Esmurrei a porta. Nada.

– Samara? Samara? SAMARA?

Se você tem **chave-mestra**, vá para **213**.

Se você NÃO tem **chave-mestra**, vá para **67**.

Sento em frente ao laptop dela.

Abro o arquivo do romance inacabado.

Rolo a tela até onde tinha parado e começo a ler.

Lá está a cena do parque Lage, o arqueólogo, a relíquia. Depois, um branco.

Ergui minhas mãos sobre o teclado e então as pousei, pensativo.

Quem sabe comer uma deusa não me fazia deus também? Será que a camisinha cortava isso? Poder sexualmente transmissível... seria divertido.

Aliás, se eu fizesse um filho nela, ele teria poderes? Poderes como os dela?

Quando vi, já tinha digitado quase meia página. A luz se acendeu.

– O que você está fazendo?

Laila anda sem fazer barulho. Agora era tarde. Eu não tinha nenhuma desculpa. Observo congelado ela aproximar a face da luz azul da tela e ler o que escrevi.

– Seu miserável.

Hum, ela está pegando um bloquinho e uma caneta do telefone.

Rápido! O que você faz?

Impede-a de escrever – Vá para 121.

Tenta se explicar – Vá para 250.

– Não, Samara. Você está confusa. Você não é nada disso. O que você está falando não faz o menor sentido...

Eu disse isso enquanto a abraçava e fazia cafuné em sua nuca.

– Você sabe de tudo? Está em todos os lugares? Conhece até os pensamentos da minha cabeça, domina os universos paralelos? Não. Então para de querer ser deus, menina.

Dei-lhe um beijo na testa, rindo devagar. Fingi que não vi a lágrima escorrendo de seu olho.

Nisso, o Mestre entrou no quarto. Não sei o que ele pensou da cena. Não fez cara nenhuma, não falou nada. Pegou um livro e saiu.

Vá para 230.

Com o computador provisoriamente estável, Mayumi salvou tudo o que tinha guardado nele para o seu pen drive e o desligou. De uma vez por todas.

Pegamos nossas bolsas e rumamos para a saída. Eu preparava algum comentário tolo sobre o tempo quando, abruptamente, ela se aproximou de mim no segundo degrau da escada, a saia roçando meu jeans:

– Quanto é?

– Nada.

– Nada?

– Não usei material nenhum, não gastei nada. Relaxa.

– Você gastou seu tempo. – insistia ela. – Acordou cedo num sábado. Não tem nada que eu possa fazer para retribuir?

Isso me lembrou a elfa-diaba. Sorri. Enquanto isso, a japa sacou da bolsa um iPod branco protegido por uma capa translúcida e apertou os botões.

– Eu tenho um idêntico – declamei, enrabiado.

– Escuta essa. Acho que combina com essa vista do Centro.

“Combina com um boletim de ocorrência na DP do Lavradio”, pensei. Coloquei um fone de ouvido e escutei. Felizmente estávamos no topo da escada da Biblioteca e não fomos assaltados.

– Já que te arrastei até aqui em pleno sábado, deixa eu te pagar um almoço?

Por que não?

– OK.

Passamos pelo Municipal, andamos sobre paralelepípedos, atravessamos um beco e fomos parar num restaurante semivegetariano ali perto. Almoçamos. Conversamos. Escutamos as músicas um do outro. Fiquei sabendo que ela recebia dinheiro de Dafne para ajudá-la na pesquisa de doutorado. Finalmente entendi sua função na empresa: todas. Era a estagiária.

No ônibus, percebi que tinha enfiado o iPod dela na bolsa por engano. Ela devia, portanto, estar com o meu.

Novo item: iPod de Mayumi

Quando cheguei em casa e abri o e-mail, Samara tinha me mandado uma corrente com uma história ridícula sobre ser amaldiçoado se não a repassasse em 24h. Deletei no ato.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para [78](#).

Se você recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para [41](#).

Rosana surgiu toda suada e vermelha e berrou:

– Que que tu tá fazendo, porra?

– Nada. – disse, me endireitando.

A verdade é que, enquanto eu ponderava, fui de alguma forma tomado por um torpor sorrateiro, começando a marcar o ritmo de uma musiquinha imaginária com o pé. Que vergonha.

Ela me olhou com tanto ódio que pensei que fosse enterrar a espada no meu ventre desprotegido. Mas só a fincou num canteiro e disse:

– Se você quer estar nessa guilda, tem que aceitar missão! Fica com level baixo, depois não sabe por quê.

– OK, acho que essa besta não foi uma boa ideia pra mim. Vou tentar um machado.

– Armas leves, André. – disse ela pressionando levemente a própria têmpora.

– Alabarda?

– Espada. Vou te mostrar uma boa quando a gente chegar em casa. – disse ela, reembainhando a sua – Enquanto isso...

Rosana passou por mim e entrou na loja mais próxima – um açougue.

Ela assuntou o homem de avental branco, ouvindo atentamente, gesticulando, e agradecendo com um sorriso.

Ao sair da loja, ela também me deu um sorriso. De outro tipo.

– Viu, era só perguntar. – e indicou a direção.

Vá para 93.

Quando ela percebe no que se meteu, hesita. Minha mão, porém, permanece estendida.

Ela vem. Cada passo seu risca o chão, como se ainda tentasse classificar aquilo de travessura. Se recosta em mim, mole; a cabeça no meu ombro fita a janela.

Acaricio seus cabelos roxos, ásperos na ponta. Acaricio por algum tempo. Samara se desloca para o meio do meu peito, nebulizando. Ergue a cabeça e me oferece os lábios; dessa vez a beijo sério.

Ela não é virgem. Mas nunca fez sexo casual. Está nervosa.

Prossigo com cuidado, sem queimar etapas. Por nervosismo, ela começa a desenvolver atividades sem consequência: desabotoar minha camisa (botão por botão), escutar meu coração, morder minha orelha etc. E isso começa a *me* deixar nervoso.

– Você quer continuar? – pergunto.

Mal ouve isto Samara balança a cabeça em afirmativa, feliz de ser mulher. E me beija como uma. É assim que esqueço as dúvidas.

Apoio suas costas em dois travesseiros e me concentro na visão incomum do rosto mimoso entre madeixas roxas que, junto à nuca úmida, tingem os meus dedos. Mas é um rosto muito jovem. Me viro um momento para puxar a única camisinha da carteira. Me sinto monstruoso ao subir nela, bem rente para que ela não tenha que ver meu pau. Mas passa.

Vão-se uns quinze minutos. Ela grita muito e não é pirotecnia, está descontrolada mesmo. Tapo sua boca. Penso vagamente em paredes finas mas percebo que consegui fazê-la gozar. Aí relaxo também.

O trinado declina até voltarmos a ouvir o chiado da tarde condominial, deitados na caminha dela, olhando para o teto, mão sobre mão.

Em algum momento precisava perguntar se ela queria contar aquilo pro pai dela e em que termos. É lógico que eu preferia não contar. Ela, menos. Só que eu suspeitava que o Mestre apenas se fazia de cego para as bobices da filha. Quando queria, sua perspicácia beirava a telepatia. Fatalmente perceberia alguma coisa. Se um de nós parasse de aparecer no RPG também atrairia suspeitas. No mínimo, meus sábados passariam a ser um martírio: eu sabendo, ela sabendo, o pai não sabendo – até quando, não se sabe.

E eu conhecia Samara. Ela recairia em algum comportamento anômalo. Talvez ela parasse de aparecer aos sábados, acabrunhada. Talvez ela achasse uma boa me acoxar pelos cantos da casa, com o têsão do perigo, ou, se julgando esperta, lançasse em público (ou, meu Deus, na internet) indiretas que pensaria erroneamente que só eu poderia captar. Talvez ela eludisse a frustração entrando numa fase rebelde – sem ensaios, pra valer. E no final tudo viria à tona. Como culpa minha.

Se você tem o item **Tupperware de Mayumi**, [vá para 59](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 84](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Elza na ZYX Traduções, [vá para 178](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e NÃO falou com Dafne nem Elza na ZYX Traduções, [vá para 88](#).

Meus advogados eram melhores que os do povo. Eram os mais caros.

Eu também contava com legistas e especialistas independentes.

Naturalmente, fui absolvido.

Não pensei em nada ao agarrar a mão de Laila para escrever aquela frase. Se tivesse pensado, veria que burlava a Regra do Palito Premiado – de que o autor teria que acreditar na importância do que escreve, blábláblá.

Acho que, quando juntamos nossas mãos para escrever aquela frase, nos tornamos coautores. Ela podia não acreditar na importância do que estava escrevendo, mas eu tinha absoluta certeza.

E ganhei na Mega Sena.

Tenho muito dinheiro, mas poucas têm coragem de vir buscar. Exceto pelas que curtem a aura de Barba Azul.

THE END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

A **pistola** respondeu à pressão no gatilho com um clique e nada mais. O açougueiro gargalha com as mãos na barriga, me chamando de otário.

– Vai brincar de polícia e ladrão, vai.

Usar outra coisa:

Nota de cem reais – Vá para 4.

Moedeira (cheia) – Vá para 200.

Panfleto – Vá para 109.

Eu me lembro.

Eu me lembro.

Eu tinha perdido

a memória, mas

agora

começo a me lembrar.

Semana toda vieram

pedaços

de quem eu sou

do que vim fazer aqui.

As mãos de Samara entravam pelos cabelos de pontas roxas e forçavam as raízes.

*Tinha a ver com o **amuleto**. Eu te enviei um para salvar sua vida.*

E balançava a cabeça como se doesse.

ai, que confuso...

Você diz:

– Você é que está fazendo isso comigo? – Vá para 265.

– Você está confusa. – Vá para 263.

Punhos fechados, cortes bruscos; mãos em lâmina, sequências fluidas. Elza alterna e mistura esses dois estados e chama isso de dança. Fica bom quando ela faz. Isso requer que eu dance também, mas me limito ao básico. Um dos vocalistas do Go Bitches provoca a plateia.

– All da biatches out dere say yeeeee!

– YEEEA! – faz a plateia.

Na frente do palco, centenas de mãozinhas compenetradas pirateiam o show. O meio, onde nos situamos, não está tão cheio. Tenho que estar atento. Sempre sem avisar, Elza trota mafuá de gente afora, trocando palavras com conhecidos. Essas, Gê e Fabi, ela chama de amigas. E com elas papeia por um bom tempo.

– André, amanhã a Gê e a Fabi vão acampar em Mauá. Tem outra barraca... topa ir com a gente?

Topo – Vá para 68.

Não, obrigado – Vá para 88.

Atrás da loura havia um cubículo de uns 40 m². O que me traiu as expectativas não foi o tamanho do apartamento, mas sim seu uso – não residencial.

Apesar do ar condicionado e do equipamento de ponta, a compressão das instalações evocava uma fábrica indonésia clandestina de tênis. Eram cinco funcionárias em 40 m², ao longo de uma bancada com telefone-fax e cinco monitores LCD.

DAFNE era a revisora. Olhos grandes, sardenta. Foi quem me ofereceu café.

ELZA era tradutora. Era negra e atlética; do seu cabelo despontavam mechas coloridas. Dois piercings na orelha esquerda. Usava uma roupa colada.

MAYUMI era uma japonesinha de olhos azuis. Ela vestia uma saia comprida bem delicada e uma blusa rendada. Não era um cosplay, mas era quase. Não entendi bem a função dela.

ROSANA, além de tradutora, era o comercial. Usava um par de óculos gracioso e um comprido rabo-de-cavalo. Estava de jeans e camiseta branca.

Fui apresentado sucessivamente, cuidando de fechar a boca depois de dizer meu nome. Recebi meu café.

Elas não tinham secretária nem faxineira.

De joelhos no chão trabalhei com a chave de fenda e as máquinas abertas, e as meninas, sem poder trabalhar, numa roda à minha volta. Atrapalhavam, mas fiquei quieto sob a jaula de pernas.

Quando uma delas pediu o meu cartão, todas colheram o seu do estojo que eu tinha estendido. Isso me desconcentrou, porque aprendi tudo o que sei sobre o amor com dating sims. Passou pela minha cabeça a possibilidade de aquele ser o meu harém, de eu estar destinado a selecionar *pelo menos* uma das mulheres, a entendê-la, agradá-la, e amá-la...!

Besteira. *Besteira*, eu repetia pra mim mesmo. Mas agachado ali no meio delas, o pensamento era inevitável: se o talismã da elfa estava mesmo transformando minha vida em jogo, que bom que era um dating sim.

Eu gostava de dating sims. Já tinha jogado dezenas deles quando era mais novo. O que eu mais gostava em dating sims, fora o óbvio, é que não se podia morrer neles – pelo menos na maior parte deles. O pior que podia acontecer era ficar com o bad end, o final ruim. Mas para cada final ruim costumam existir uns dezesseis bons, o que estatisticamente é um consolo. E há os jogos salvos. Mas, que eu saiba, a vida não tem save.

Se você tem a **cópia do HD de Laila**, vá para [209](#).

Se você tem a **chave-mestra** e o **HD externo de Edgar**, vá para [117](#).

Se você tem a **chave-mestra** e NÃO tem o **HD externo de Edgar**, vá para [240](#).

Demos o nosso preço para a placa-mãe nova, mais backup dos dados importantes e instalação do novo sistema. Ela barganhou. Nós fizemos jogo duro. Ela barganhou fazendo beicinho. Oferecemos 5% de desconto. Ela chorou mais um pouco, mas acabou aceitando o nosso preço final. Fizemos a nota. Ela se chamava Laila Cardano Zenha. Pagou o sinal e se foi.

Antes de voltar ao trabalho, Edgar e eu nos entreolhamos como se tivéssemos combinado. *Como ela era gostosa.*

Pois bem. Estava eu no meu canto tentando escapar de um banheiro cercado por zumbis, quando uma formiga me picou. No ombro. Irritado, fui ver como andava a transferência do HD bichado dela para o nosso. Ainda não tinha acabado, mesmo com tanto tempo transcorrido. Parecia que a transferência tinha emperrado em alguma pasta pesada. Devia ser a dos jogos.

Não era.

Vá para 42.

Saco a **pistola** que nem sei como foi parar na mochila e aponto para a cara do açougueiro. Ele ri.

– Rá! Isso aí é de brinquedo. Palhaço.

Você

aperta o gatilho – Vá para 176.

guarda a **pistola** e tenta outra coisa. O quê?

Nota de cem reais – Vá para 4.

Moedeira (cheia) – Vá para 200.

Panfleto – Vá para 109.

No caminho Elza me chama e mostra algo em sua bolsa de pano. Um monte de flor e folha.

– É trombeta.

Do fundo da sacola, flores branquíssimas espreitavam com o mesmo brilho azulado do fim de tarde. Correspondi ao sorriso malicioso de Elza e ela fechou a bolsa.

Jantamos principalmente *marshmallow* com cerveja, em volta da fogueira. Cozinhei também um miojo. Ficou horrível. Metade joguei fora.

No fim de noite, o perfume da floresta e o cheiro da fogueira implicavam. Só era possível fugir de um aspirando o outro. Não se falava mais nada, nem terrores. Com um beijo estalado nas bochechas dos que ficam, as namoradas vão para sua barraca e fecham o zíper. Olho para Elza.

– Hora do cháááá. – disse ela. E correu para a bolsa.

– Você vai fazer mesmo isso? – perguntei.

– É legal. Dá barato, tipo cogumelo.

– Já tomou?

– Não. Mas tá a nossa chance. Dizem que é coisa do outro mundo. Sensações superfortes.

Tomar o chá – Vá para 75.

Sugerir outra coisa – Vá para 190.

DEUS É BOM

André olhou para o céu e deu um passo adiante.

O céu era paralaxe, como num velho jogo de tiro em primeira pessoa. Azul pontilhado de nuvenzinhas brancas. Ele ajoelhou na areia.

Uma série de baques atingiu o solo, formando uma pilha. Chapas de armadura élfica e todo o arsenal de André receberam a cobertura camuflada de uma farda. Antes que ela pousasse completamente, dois corpos seminus se atracavam na areia. Era quase uma luta pela forma como posicionavam os pés e as mãos, mas não as bocas. Não havia ninguém exatamente por cima.

A luta abrandou até se tornar um tai chi chuan lateral. A água gelava os dezoito dedos de pés. A pele da elfa recendia a amoras; ela era alegre como seu nome prometia, envolvendo tudo num ar leve, inconsequente. Ágil, rodopiou sobre o osso da bacia para oferecer a perspectiva inversa, agarrando o rosto dele com as coxas. O humano achou agradável corresponder à iniciativa.

“E essa calcinha que não sai?”, pensou André, no que foi prontamente atendido. “Ah. Obrigado.”

Vá para 204.

Quando cheguei em casa, havia um novo trecho do livro de Laila no meu e-mail. Aparentemente ela tinha criado uma explicação para a existência do **amuleto** que envolvia uma ninfeta que se baseava num dos sistemas de RPG do pai para criar uma campanha em cima da vida de “André, seu amigo de infância nove anos mais velho”. Aparentemente, suas fantasias desencadeavam reflexos na vida real sem que ela soubesse – até o clímax do livro, quando a mocinha se dava conta de seus poderes psíquicos.

– Não é um pouco demais? – indaguei.

– Não.

Suspirei e fui me ocupar de outra coisa. Eu queria muito que Laila parasse – já não vinha sendo inofensiva há tempos –, mas já tinha percebido que, quanto mais eu falasse, pior. Então calei minha boca.

Se você disse a Samara que NÃO tiraria os poderes de Laila se pudesse, vá para 148.

Se você disse a Samara que tiraria os poderes de Laila se pudesse, vá para 128.

O irmão de Fernando estava na sala assistindo novela. Sua mãe pressionava sua mão contra o sofá como se tivesse medo dele evaporar, e o pai tinha acendido um cigarro junto à janela para contemplar o filho pródigo. Parecia a deixa para eu ir embora. Me virei para fazer isso, mas Fernando me reteve.

– André, você é parceiro. Estou te devendo *muito*. E acho que sei como vou começar a te pagar.

Ele foi até a área de serviço e pediu licença à mãe para passar com uma escada de pedreiro pela sala. Armou-a em frente ao armário do seu quarto, onde subiu quatro de cinco degraus e, abrindo a portinhola mais alta, começou a desovar caixas sobre meus braços estendidos, que por sua vez as depositavam na cama. Espirrei. Na quarta caixa ele falou:

– Pronto. É seu.

Baixei a caixa cinzenta vagarosamente. Não podia crer. Sentei com ela no colo.

– Por quê?

– Porque vai te fazer bem.

Novo item: console vintage original

Se você tem falado sobre um livro com alguém no chat, vá para 153.

Se você NÃO tem falado sobre um livro com alguém no chat e esteve numa boate, vá para 156.

Se você NÃO tem falado sobre um livro com alguém no chat e deu o **amuleto** para alguém, vá para 34.

Se você NÃO tem falado sobre um livro com alguém no chat, NÃO esteve numa boate e NÃO deu **amuleto** a ninguém, vá para 223.

SÁBADO

Fui dormir cansado depois de repartir minha atenção entre Laila e Rosana. Mas pensei, *tudo bem, amanhã é sábado*.

Fui acordado por uma ligação aflita.

– Eu tenho um prazo. Não posso perder o trabalho de hoje. Estou aqui desde as oito da manhã.

Bolsa-carteiro no ombro, avanço em meio ao populacho para resgatar a donzela em perigo.

Mayumi estava no saguão, torcendo as mãos e andando de um lado para outro, esperando seu paladino. Veio andando a passos largos quando me viu.

– Você tem backup desse seu trabalho? – e traduzo – Tem cópia dele em outro lugar?

– Não – diz ela inocentemente. – Por quê?... Era bom ter, né...?

Sinto o impulso de dar um tapa na testa e exclamar “idiota”. Mas só olho para o chão, embaraçado por aquela inépcia informática. Ela retoma a súplica:

– Eu só preciso salvar o que fiz até agora. Outro laptop eu arrumo. Não consegue dar um jeito para mim?

– Onde está?

– Lá dentro. Quer que traga aqui?

– Não, não precisa.

Minha preciosa maleta de trabalho não podia entrar na Biblioteca. Trancafiei-a num escaninho e entrei.

Vá para 19.

Limpei a garganta e me dirigi a Elza.

– Elza. A Laila está dizendo que você vai no Glow Festival. Eu também vou. Quer companhia?

– Você vai no dia dos Go Bitches?

– Claro! Já comprei o meu.

– Ah, ótimo! Porque como o ingresso tá meio caro, fiquei sozinha. Mas *preciso* ver eles! Primeira vez no Brasil, vai ser antológico!

– Com certeza!

– *Feel the haze*. – cantou ela, dando passos de dança no lugar – *Fell the haze! Yo! Tu-tirutu, tutirtutu*.

– Te levo pro *mosh*, quer? Faço a segurança.

– Vou te dar meu celular.

– Certo.

Passei num posto de gasolina para comprar meu ingresso para os Go Bitches. Elza não estava brincando quando falou que era “meio caro”, exceto pela parte do “meio”.

Se você esteve numa boate, vá para 27.

Se você NÃO esteve numa boate, vá para 267.

Encontrei Rosana pela primeira vez sem seu rabo de cavalo. Ela tinha lavado os cabelos, que secavam estendidos intermináveis sobre seus ombros. iam quase até a barra do short caseiro que ela vestia, mostrando as pernas branqueadas e um pouquinho flácidas.

– Você sumiu ontem. – diz ela.

Vá para 57.

Pego algo que ficou quase esquecido na mochila por um dia inteiro.

Abrir item: **Tupperware de Mayumi**

Novo item: coxinha

Tem que comer a **coxinha** toda de uma vez pra funcionar, como num concurso de quem come mais cachorro-quente. Sim, é nojento.

Comer item: coxinha

Me vi segurando aquela **coxinha** de padaria que não existe mais, feita com recheio farto e farinha boa, de comer chorando, saborear aos pouquinhos e não deixar farelo nem achar defeito, e a enfiar *inteira* na boca, garganta abaixo, deglutindo-a sem mastigar feito uma sucuri. Imediatamente, como que por mágica, as forças me voltaram até as pontas dos dedos, e de desfalecido passei a frenético.

Life: 100%

Durante toda a deglutição da **coxinha** meu inimigo permanecera estático e abobado. Ele despertou apenas para ser despachado para o inferno.

Vá para 266.

Fiz cara de sacana, me cheguei e disse:

– Sei de mais uma coisa que também dá sensações *bem* fortes. Mas só se é feita direito...

– Rá Rá Rá Rá Rá! SAFADEENHO! – disse Elza, me aplicando um tapa na bunda que quase me destronca. – Sério? Rá Rá Rá! Eu crente que cê era gay.

Eu e Elza enchemos a cara de vinho garrafão e fomos improvisando. Variando. Levanto sua perna, ajusto seu quadril, giro seu tronco uns graus. E prossigo. E repito. Lá pela quarta vez, mal conseguia existir enquanto a deixava fazer o trabalho. Elza só consentiu em parar quando avisei que o entorno da barraca começava a clarear. Ao ouvir isso, ela caiu dura como se tivesse ficado sem pilha. Finalmente me senti autorizado a fazer o mesmo.

Vá para 70.

Me volto.

– Deixa eu dizer que eu não esperava aquela performance de você aquele dia.

Samara ergueu uma sobrancelha, fazendo pose.

– Idem desse lado.

– Tudo bem, Samara. Eu só queria checar uma coisa.

– Hum.

– Você não teve uma sensação de que você não estava sendo você mesma?

– Você não gostou?

– Não, eu gostei. – não disse para ela em voz alta, mas o desejo por mais daquilo chegava inclusive a constituir uma queimação permanente. – É que, naquele momento... eu fui um invólucro, um recipiente de uma fantasia externa, a fantasia de quase todo homem, entende? Eu não era eu. Não podia ser eu.

– Não era sua fantasia também? Ser homem-objeto por um dia? – antes que eu responda, ela me corta, empurrando meu braço – Olha, não acredito que eu estou tendo que te falar uma coisa dessas, mas não precisa ficar tão encanado com isso. Deixa. Se todo mundo se divertiu...

– Me preocupo de você ter feito aquilo só pra me impressionar.

– Foi pra me divertir. Eu nem gosto de mulher.

Gostava de mim, no entanto, inexplicavelmente, visivelmente. Ela tinha elaborado aquela noite em alguma medida. Eu a olhava desconcertado, tentando propor desculpas para aquela menina linda ter cismado comigo. É que eu estava sempre lá. É que eu era tabu, primo-irmão. É que ouvir falar daquilo ia matar o pai dela. Nada fazia sentido.

Abracei-a ainda desconcertado.

Vá para 258.

De repente me senti estúpido. Laila estava usando aquilo mais como tema, como um meio de sair da vida tosca e ganhar dinheiro. Eu era o público tosco que realmente gostava daquelas coisas toscas e ia deixá-la rica. Eu era o meio justificado pelo fim. Eu era a mosca que pousou no cocô do cavalo do bandido.

Mas esse vale no meu gráfico de autoestima durou apenas um momento. Porque, sim, estava na cara que eu e Laila conversávamos de lugares diferentes, mas de boa vontade. Isso era o mais importante. Tanto que, pouco a pouco, ela estava abrindo a guarda. Deixando de se empedrar no seu tipo de seriedade. E eu também me contaminava da dela; prova disso era minha minicrise existencial.

Vá para 60.

O livro era *Te mostro o monstro* de autoria de Walnice Carreiro. Estava aberto num capítulo sobre teratologia – “estudo das monstruosidades” – que explicava que a palavra, na origem grega, significava “narração de coisas maravilhosas”.

Estranho que Mayumi estivesse fazendo pesquisa num livro daqueles. Além de não ser um assunto sério, a capa ainda era toda desenhada, aludindo a livros de RPG.

O importante é que o computador estava provisoriamente funcional. Mayumi salvou tudo o que tinha guardado nele para o seu pen drive e o desligou. De uma vez por todas. Pegamos nossas bolsas e rumamos para a saída.

Vá para 46.

A casa de Dafne era enorme e vazia. Tinha mobília completa, mas parecia desabitada feito um mostruário de loja de decoração. A falta de televisor não me surpreendeu tanto quanto a ausência de livros e quadros.

Mesmo assim, sentamos no sofá da sala e conversamos por uma hora. Dessa vez ela até me deixou falar.

Mais de dez da noite, bateu a fome e perguntei por algo para comer. Dafne estendeu um polegar para trás, para a cozinha. Fui até lá e abri a geladeira.

Que estava absolutamente oca. Nem pilha e água.

– Eu podia ter passado num lugar e trazido jantar. – gritei a ela.

– Hum.

– Não está com fome não? – perguntei, voltando.

Ela fez que não.

– É regime? Você está ótima.

– Não, só não passei no mercado.

O monólogo perigava trocar de protagonista, e eu não tinha confiança para ocupar o palco sozinho.

Pensei que poderia passar por cima da fome abrindo o único vinho que restava na despensa igualmente precária, mas mal Dafne encostou os lábios na taça sua energia decaiu vertiginosamente. Mostrou-se catatônica perante minhas tentativas de diverti-la e apática perante as de instigá-la. Pressão baixa, pouco sal no sangue, diagnostiquei.

Tocar no assunto – vá para 157.

Pedir comida – vá para 143.

Antes de falar mais sobre preço e serviço, contei a história do laptop de Mayumi. Laila disse que iria admoestá-la sobre a necessidade de backup. Respondi que já tinha feito isso. Ela replicou que era bom dar um reforço e sem mais tardar iniciou um regateio feroz com vistas a conseguir um desconto obsceno no serviço dos computadores. Defendi meu lado o melhor que pude. Fechamos num preço 10% menor do que eu costumava cobrar.

Novo item: Prejuízo de 10%

De jeito nenhum Deus poderia ser tão prosaico. Deus não pechincha. Aquela coincidência do livro dela com a minha vida certamente pertencia a uma conspiração ainda maior, conspiração essa de que Laila era tão vítima quanto eu.

Era só usar a lógica. Os indícios eram gritantes. O **amuleto** tinha aparecido na minha vida antes dela, e sem nenhuma conexão com ela, que nem jogar MMO jogava; no trecho que eu tinha lido, Laila usava as amigas como personagens, mas não se usava; também nenhum sinal de Samara, que ela não conhecia – e, nesse caso, cadê onipresença e onisciência?

Se seu livro não refletia tudo o que estava acontecendo comigo, a verdadeira fonte dos estranhos acontecimentos que vinham me acometendo só podia estar além – acima – de Laila. Por enquanto, tudo apontava para o mundo virtual, para o **amuleto**. Eu precisava investigar mais. Por enquanto, por segurança, continuaria agindo no meu personagem.

Vá para 235.

Eu saí daquele hospital sem querer ver Elza novamente.

O problema daquela menina era a muita vontade de ficar doida. Era muito empenho nesse sentido, muita energia investida. Quando a droga batia, qualquer uma, batia forte e mal porque ela ajudava. Querer é poder.

Eu queria alguém mais normal.

Se você tem conversado com alguém a respeito de um livro, vá para 148.

Se a afirmativa anterior for falsa, vá para 230.

– Mayumi? – chamo.

Com um leve meneio, todo o rosto se descortina. É ela.

– Sua coxinha estava muito boa. – e sentando a seu lado, devolvi-lhe o **tupperware** vazio.

O riso aberto de Mayumi era lindo. Iluminou a estação.

– Obrigada!

Esperei que ela continuasse. Um tempo pleno de olhar para ela.

– Você jantou? – perguntou afinal.

Fiz que não. Era verdade. Estava morto de fome. Ia comer em casa.

– Eu moro daqui a duas estações. Se você quiser vir jantar comigo... seria um prazer – disse ela, sorrindo de novo.

– Se não for incomodar.

Se você deu o **amuleto** a alguém E ficou no carro de Fernando na favela, vá para 160.

Se você deu o **amuleto** a alguém E foi atrás de Fernando na favela, vá para 264.

Se você NÃO deu o **amuleto** a ninguém, vá para 203.

A tarde de domingo **dBASer** passou com **Roxanne**. Com a desculpa de testar o **amuleto** da elfa-diaba, ficamos seis horas perambulando pelas ilhas mágicas.

Olhos secos, dedos doloridos, costas travadas, nariz coçando. Desligo os alertas de sobrecarga, realinho as prioridades. O importante é seguir jogando.

O personagem principal de Rosana estava inúmeros levels acima do meu. Ela era bem mais dedicada a *Wisdom Islands* do que eu, que me dividia entre tantos outros.

– Não quer me dar esse **amuleto** para ver se eu testo ele no meu level? – disse ela – Eu até te deixo, não sei, uns 10 mil ouros como depósito. Que me diz?

Dá o **amuleto** – Vá para 55.

Não dá o **amuleto** – Vá para 61.

- O que esse HD está fazendo espetado aí, Edgar?
 - Tô copiando os vídeos da moça – e deu uma risadinha – para uso pessoal.
 - Que isso, cara. Não pode.
 - Eu não estou copiando material em que ela aparece. A putaria é *dela*, não *com ela*.
 - Não interessa. É a privacidade do cliente.
- Edgar fez um barulho desdenhoso com a boca e virou a cara. Me encrespei.
- Edgar, você *obviamente* vai punhetar com muito mais vontade por saber que uma gostosa siriricou assistindo isso. É isso que eu não posso permitir.
- E, dizendo isso, arranco o HD externo do computador e ponho debaixo do braço.
- Caralho, tu é um empata-foda mesmo, hein. Porra, vou te contar. Não é nada de mais. Se eu quiser sei os nomes dos vídeos, baixo tudo agora mesmo.
 - Então vai lá baixar, Edgar, porque os dela você não vai copiar.
 - Tira ele de baixo do braço. Meu HD não é recheio de pizza. – resmungou Edgar.
 - Tá com nojinho? Fica pra mim.
 - Claro que não. Me dá meu HD.
 - Dou. Assim que eu formatar bem formatado.

Novo item: HD externo de Edgar

Vá para 33.

O açougueiro responde:

– Não, obrigado.

Usar outra coisa:

Nota de cem reais – Vá para 4.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 181.

– Hoje não, Mayumi. – digo, me levantando.
Ela flutua para fora do vagão e me deixa só. Respiro aliviado.
Ouço o apito. O trem se move. Entra no túnel.
A caminho da próxima estação.
Estou alerta. Nada pode me tirar dos trilhos agora. Não vou dormir nem desviar o olhar.
Estamos no meio do túnel quando a luz do vagão dá uma piscada. Quase imperceptível, mas estou totalmente atento. Aperto a alça do banco à frente.
Apenas uma piscada. Logo chegamos à estação.
A princípio, penso que ela sofreu alguma reforma.
ESTAÇÃO TERMINAL, grita o locutor. DESEMBARQUE OBRIGATÓRIO.
Eu não estou maluco. Não entrei no trem errado.
Ainda assim, estou de volta à estação inicial.
Puxo o celular do bolso.
Ele marca 11:56.
Sinto alguém se aproximando por trás. A voz suave me pergunta:
– Vem comigo?
Tenho medo de me virar.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 152.

Estou esperando o último trem direção norte – de novo.

Ele vem. Entro nele. Ouço o apito. O trem se move. Entra no túnel.

A caminho da próxima estação.

Estou alerta. Nada pode me tirar dos trilhos agora. Não vou dormir nem desviar o olhar.

Estamos no meio do túnel quando a luz do vagão dá uma piscada. Quase imperceptível, mas estou totalmente atento. Aperto a alça do banco à frente.

Apenas uma piscada. Logo chegamos à estação.

ESTAÇÃO TERMINAL, grita o locutor. DESEMBARQUE OBRIGATÓRIO.

Eu não estou maluco. Não entrei no trem errado.

Ainda assim, estou de volta à mesma estação.

Puxo o celular do bolso.

Ele marca 11:56.

Sinto alguém se aproximando por trás. A voz suave me pergunta:

– Vem comigo?

Tenho medo de me virar.

Você vai com ela. – Vá para 5.

Você não vai com ela. – Vá para 202.

Você se joga nos trilhos. – Vá para 106.

Mayumi mora no 410 de um cabeção-de-porco próximo a uma favela. É um quitinete, apelido para cozinha minúscula. Nem chego a entrar nela. De meias, ponho a mesa de tampo de vidro junto à janela, onde sentamos para comer à luz de postes e lâmpada de 60 watts.

Em tupperwares retangulares ela tinha disposto: creme de vagem, polenta cortada, arroz maluco, carne assada e empadinhas de queijo. Me servi de um pouco de tudo.

Não consegui comer muito.

Sua boca de botão se movia transversal, educada, para mastigar, o queixo apenas ondulado; fazia isso num tempo, sorrindo com os olhos sem usar as pálpebras. Pairava o garfo e a faca sobre o prato, sem nunca largá-los. Me olhava a intervalos regulares, quando não estava fitando a comida, selecionando o próximo bocado com muito cuidado, ou a rua pela janela. Eu me comovia, e não comia. Entreguei o prato semicheio.

Ela foi lá dentro e voltou com duas gelatinas vermelhas e colheres.

– Tem pudim também – disse ela antes de depositá-las na mesa.

Eu disse que gelatina estava bom. Apanhei a colher e comecei a comer. Fui colocando a goma na boca e engolindo sem esperá-la se dissolver; repeti o movimento até esgotar o pote.

– Mayumi – disse eu, me dobrando sobre a mesa. Toquei nos dedos dela, que envolviam o pote de gelatina. Ela me olhou com uma surpresa um tanto ensaiada. Não importava. Fiz o único movimento possível, ou a única pergunta possível, para falar a verdade não me lembro, apenas que tudo começou a parecer um sonho.

Ficamos no sofá, namorando, falando bobagem, fazendo cafuné. Em algum momento da madrugada, ela levantou e colocou um vinil, uma música bonita que estranhamente falava em separação: *Here's where the story ends*, The Sundays. Ela me fitou como se eu fosse entender. Ela sorria. Eu sorri.

Sucumbi ao sono lá mesmo, notando que amanhecia. Pelo menos dessa vez não foi por causa de jogo. Talvez eu vá deixar pensarem que foi.

GOOD END

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

DEUS É ESCROTO

De repente me vi todo envolto numa espécie de pântano. Me debati para me livrar da areia pesada que me abraçava o corpo.

Então percebi que se tratava dos meus lençóis, da minha cama, empapados de suor... não só de suor. Minha mãe irrompeu no quarto abrindo as cortinas e dando *bom dia*. Escondi a cara sob o edredom gasto. Ela entendeu isso como uma tentativa de dormir mais e tentou puxar a coberta.

– NÃO, mãe. Já acordei, ó. Tô levantando. – disse eu me erguendo e arregalando os olhos.

Ela fechou a porta ao sair e eu respirei aliviado.

É, eu sei, preciso de uma mulher de verdade. Fala isso para elas. Eu já estou cansado de saber.

BAD END

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

Enquanto terminava o serviço, virei para Laila e perguntei em voz baixa:

– Laila, posso fazer uma pergunta meio indiscreta?

Ela me olhou surpresa.

– A Elza está solteira?

Laila dá um sorriso conspirador e diz:

– Que eu saiba, sim.

E me puxa para perto:

– A Elza curte música eletrônica e contato com a natureza.

– Ah, eu também. – digo.

– Então acho que vocês dois podem se dar bem. Chama ela pra sair. Convida ela pro Glow Festival.

Vá para o 187.

– Você não é a Mayumi. Quem é você?

– ...

– Quem é você?

A cara dela virou pro lado.

– O que você sabe fazer?

A cara dela virou pro outro lado.

– Não sabe mais falar?

Não falava.

– Perdeu a língua? Senta.

Não quer mais falar. Depois de tudo o que você fez comigo. Então ouve. Está vendo isso? (A bonequinha agitada na frente dos seus olhos) Me deu um problema, Mayumi. (depositei-a no braço da cadeira) Desde que eu conheci ela. E você. Parece vodu. É vodu, Mayumi? É? É com isso que você mexe? É macumba? Bruxaria? Hacking? Marketing? Fala! Por que todos os caminhos levam a você? Eu não quero estar aqui. Eu não quero fazer isso! Eu não quero apertar o seu braço. Eu não quero dar porrada na sua cara, Mayumi. Eu não quero tirar sangue do seu nariz, Mayumi! (A fila de figuras, brinquedos, pela sala, sete ao todo, exibia uma estranha ordem na desordem.) Eu não quero raspar seus lindos cabelos para ver sua linda cabeça nua. Merda. Me toco. É uma cutscene. Esse apartamento é maldito. Está vendo como improvisado uma inquisição com os utensílios de cozinha? Vê o martelo de carne, o espremedor de alho, o quebra-nozes, o ralador de queijo e o uso criativo que faço de cada um? A expressão óssea de Mayumi toda cortada me fitando enquanto eu a sangro como um médico medieval? Isso não sou eu.

Se você tem a **chave-mestra**, vá para [97](#).

Se você NÃO tem a **chave-mestra**, vá para [146](#).

O açougueiro responde:

– Não, obrigado.

Usar outra coisa:

Nota de cem reais – Vá para 257.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 9.

Chave-mestra – Vá para 15.

– Você não sabe como é difícil – dizia a verdadeira Mayumi – Só nós duas... sempre fiz tudo por ela.

“Não posso interná-la. Ela não seria qualificada como doente. Ela é praticamente normal. Só não gosta de falar. Nem de sair de casa. Nem de mobília. Só de bonecas. De vez em quando, fica violenta – mas não levo a mal. Não é culpa dela.”

“Um dia ela me pediu para levar alguém a ela. Foi a única coisa que ela me pediu na vida. Eu não tive como dizer não. Eu sentia que devia isso a ela. Não, não vem ao caso por quê. Basta você saber que, naquele dia, você e Samara vieram para a casa dela comigo, mas quem assumiu meu lugar – quem entrou naquele quarto com vocês – não fui eu.”

– Mas desde então ela ficou diferente. Só de ela sair, ir te buscar... – suspirou Mayumi. – Ela se obcecou.

Ela me lançou um olhar que não demonstrava o cansaço que aturar por vinte anos o que eu aturava há quinze dias deveria provocar. Para quebrar aquilo, mostrei-lhe o saquinho pubiano. Mayumi examinou o conteúdo quase com displicência.

– Meu nome, meu cabelo. Bruxaria. Viu as bonecas? – perguntou, a sobrancelha levantada.

Claro que eu tinha visto. Rememorando agora, além da action figure de Joy, havia seis pela sala: uma Emília de pano; uma boneca adulta loura e peituda do tamanho de uma criança; um dedoche de olhos puxados; uma enorme nega-maluca encostada a um canto; uma boneca de papel nua; e uma de porcelana, com longos cílios pintados e óculos de aro dourado.

– Vi, sim.

– Não imagino o que ela queria com aquilo.

Eu imaginava.

– Você matou ela? – perguntou de repente.

Só então percebi que a conversa se dera comigo todo coberto de sangue – e ela ciente disso.

Vá para 239.

Laila havia se juntado a algumas amigas da faculdade e formado uma cooperativa. Trabalhavam para um par de grandes empresas, mais peixes pequenos pescados por Rosana.

Foi o que Rosana me contou enquanto parávamos na padaria em frente para discutir as “necessidades do projeto” (palavras de Laila). Eu defendia alterações mais radicais nos computadores – alterações cujo custo estimado assustava a “jovem empreendedora”. Laila franziu o nariz quando usei essa expressão.

– Mas você é. – retruquei.

– Você tem olheiras muito profundas – disse Laila, estreitando os olhos para me inspecionar.

Não sei porque eu não tinha vergonha daquela mulher. Em vez de me ofender, resolvi topar o jogo dela, “Vamos Falar Mal do André Agora”:

– É, eu viro noites jogando *Wisdom Islands*. Preciso parar com isso.

Ao ouvir isso, a expressão de Rosana se suavizou:

– Você joga?

– Por quê? Você joga?

– Estou tentando parar. – riu ela.

– Está certa você. Faz dois dias, por exemplo – dei uma conferida na expressão dela, parecia interessada –, encontrei um talismã num forte perto de Korda, na baía de No-roma, e estou até agora obcecado tentando descobrir pra que serve. Quer dizer, encontrei, não; recebi de uma elfa-diaba numa área secreta. Parece ser um troço bem raro. Ninguém sabe o que é.

– Já testou ele em batalha?

– Já. Não deu em nada.

– De repente ele destranca alguma missão em algum santuário.

– Ainda não testei em todos. Esses dias minha vida real anda meio... estressante. Parece até um videogame.

Dei risada. Rosana também riu. Já Laila estava me olhando estranho. Eu sabia que tinha falado algo errado, mas nem suspeitava do quê.

Você

deixa pra lá. – Vá para 26.

pergunta o que foi. – Vá para 229.

Feito isso, assumi o volante e toquei para a casa de Fernando. Ele precisaria descansar bastante até se restabelecer por completo.

MISSION CLEAR

Vá para 185.

Ela poderia fazer certos testes com o **amuleto** de que eu, no meu level pífio, não seria capaz. Mas eu disse que não lhe daria a pedra.

Ela quis aumentar o valor do depósito. Achou que era esse o problema. Falta de confiança nela.

Nada mais longe da verdade. Eu não confiava era no **amuleto**. De repente tinha sido ele quem começara aquela confusão toda na minha vida real.

Eu disse que preferia que o talismã ficasse comigo porque, se ele fosse um item hackeado ou bugado, possibilidades estas cada vez mais sólidas, quem estivesse com ele poderia ser punido pelos organizadores do jogo. Isso a tranquilizou.

Eu só estava preocupado com ela.

Vá para 82.

Achei que devia isso a ela.

Na noite do lançamento do livro de Laila, todas as amigas da ZYX Traduções compareceram. Rosana nunca parou de chorar enquanto durou o evento, a maior parte do tempo no ombro de Mayumi.

Não pensei em nada ao agarrar a mão de Laila para escrever aquela frase. Se tivesse pensado, veria que burlava a Regra do Palito Premiado – de que o autor teria que acreditar na importância do que escreve, blábláblá.

Só sei que quando juntamos nossas mãos para escrever aquela frase, nos tornamos coautores. Ela podia não acreditar na importância da ficção que estava escrevendo, mas eu estava coberto de certeza.

Pode ter sido coautoria ou ainda outra coisa. Eu mesmo nunca tinha escrito ficção. Nada garantia que eu não tivesse o mesmo dom que Laila desde antes. Ou então era mesmo um poder sexualmente transmissível. Eu nunca vou saber.

Laila se levantara do chão, reanimada, para se jogar da varanda, não sem antes mandar um e-mail suicida para as amigas. O porteiro não lembrava de ninguém ter entrado com ela. As câmeras de segurança estavam em manutenção justo naquele dia. E ninguém recordava de qualquer estranho entrando ou saindo do prédio.

Que azar, não?

Para isso me bastou escrever um pequeno conto intitulado *O crime perfeito*. Que nunca será publicado. Importante demais para isso.

Estou planejando um romance agora. Preciso calcular tudo meticulosamente. Ele precisa conter uma história fechada e um personagem – alguém que eu conheça, um inocente útil – que de algum modo me traga aquilo que desejo sem descobrir do que sou capaz. Ninguém mais precisa morrer.

THE END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

Tirei a **chave-mestra** do bolso e testei na fechadura. Fácil. Saí andando.

A porta da rua estava trancada com chave tetra. Isso a minha não resolvia. Decidi extorqui-la de Samara.

Cheguei sorrateiro à porta do quarto dela e...

...ouvi um ruído suspeito.

Espio pela fechadura.

Samara estava sozinha. Escanchada sobre o braço da poltrona de calcinha e top coloridos, ela ia e vinha, se esfregando com diligência e *gemendo*.

OK, fiquei mal agora.

A menina fica excitada por me trancar num quarto a ponto de copular com a mobília? Sérios problemas.

E que delícia.

Não, peraí. Nem pena nem volúpia. Eu preciso sair daqui.

Enfio a **chave** na fechadura e...

– SAMARA!

Ela pula tão alto que cai atrás do móvel. Eu já avanço em direção à sua bolsa de crochê vermelho. Enquanto a revisto, uma testa aponta de trás do móvel. A pequena tem lágrimas nos olhos. De puro susto.

Sua metade inferior permanece vedada pela poltrona, de propósito, e suas mãos repousam no encosto. Ela arfa levemente e olha para mim.

– Samara, preciso da chave tetra para sair – digo simplesmente. – Não achei na bolsa.

Fui abraçado com força e peso. Os olhos dela estavam espremidos. Os dedos dela cheiravam a sexo. Tentava me desvencilhar, mas a bandida me aplicava beijos pelo pescoço inteiro, por onde houvesse pele.

Quando consigo afastá-la, ela olha para baixo e verifica que conseguiu me deixar de pau duro. Aquilo está bom para ela. Ela ri, triunfante.

– Por que você me trancou? – pergunto, passando a mão pela cara, mesmo já sabendo a resposta. Imediatamente desisto e só estendo a mão.

– Dá a chave. – Vá para 80.

– Vem cá. – Vá para 174.

Por volta das quatro e meia da tarde, Josilton vai buscar nosso almoço. Enquanto mordemos nossos sanduíches, temos uma breve e relaxante conversa:

– Japonês é maluco.

– É.

– Você baixa um hentai perfeitamente inofensivo e sempre tem maluquice no meio. Eu sempre deleto essas coisas horríveis. Travesti, criança, incesto.

– Você só deixa o sadomasoquismo, o lesbianismo, os professores com alunas etc.

– Isso.

– Entendi.

– Você?

– Não baixo hentai. Prefiro o redtube. Sasha Grey tomando na raba, essas coisas.

– Eu não gosto de pênis na minha pornografia. Prefiro muito mais ver uma menina seminua, bem convidativa, insinuante... ou duas.

– Você prefere putaria quarta série.

– Se quiser chamar assim.

Vá para 12.

– Você é que está fazendo isso comigo? Os ataques, as mulheres, a favela?

No que falei isso Samara levantou a cabeça e deixou-a parada, apenas as pupilas percorrendo todos os cantos da órbita. Não olhava para mim.

– Pode ser – disse ela finalmente. – Confesso. Sou eu. Eu tenho... habilidades, André.

Sua voz estava diferente. Mais grave, adulta.

– Por quê?

Por que eu. Por que você. Ela não respondeu, só parou o olhar em mim.

“É você que eu quero” – as palavras exatas, como se ditas com a voz dela, ecoaram em minha cabeça.

Eu sentia o ar à volta mudar. Eu sentia o mundo pesar. A pressão pressionar. Minhas certezas trocavam de lugar, saltavam para o outro lado porque esse estava afundando.

Ela? Sorria e chorava, em plena felicidade. Estava fazendo coisas. Eu não sabia o que estava acontecendo, apenas que algo estava acontecendo. E que eu estava na mão dela.

De repente, tudo sossegou.

– O que você fez?

Eu devia mesmo estar ficando louco. Tudo o que havia ali era uma menina parada chorando na frente de um cara. Nada havia sido feito. Nada.

Ela se chegou e me envolveu, morna e macia.

– Não faz pergunta chata.

– E seu pai? – perguntei.

– Ele não vai entrar enquanto estivermos aqui.

O pai de Samara nunca chegaria, nunca nos interromperia. Aquele quarto era uma unidade autônoma. Para além da porta haveria o abismo. “Sente-se”, disse ela em minha cabeça; sentei-me. “Abra o Word.” Demorou um pouco até surgir a tela branca. “Digite”, e formaram-se as palavras *Capítulo Um*.

Chega (The End) – [Vá para 220](#).

Quero mais – [Vá para 77](#).

Life: 44%

Ao sair na rua, tomei um susto.

Cenário. Photoshop.

Olhei para o chão. Estendi a mão. Fazia sombra.

A lua ocupava um quarto do céu.

Continuei meu caminho. O mundo ostentava um azulado cuja faísca, conforme eu andava, percorria a curva dos fuscas parados. Os dentes e cabelos de um casal de velhinhos dum **panfleto** que me enfiaram na mão. De tanto evitar olhar para cima, percebi um objeto jogado na calçada, um retângulo branco brilhante com uma cruz no meio.

Abaixei.

Era um **kit de primeiros socorros**.

Ao puxar o zíper, senti-me invadido por um formigamento mui peculiar.

Life: 84%

Joguei aquilo longe. Vai que era algum golpe.

Se você tem a **chave-mestra**, vá para **89**.

Se você NÃO tem a **chave-mestra**, vá para **145**.

Limpei a garganta e me dirigi a Dafne.

– Dafne. Comentei com a Laila que queria ir na exposição do Seth Petric e ela me disse que você estaria a fim. Quer ir comigo?

– Você gosta do Petric?

– Claro. A arte dele é difícil, mas... tem quem goste.

Dafne concordou balançando a cabeça.

– Amanhã às sete está bom? – propus.

– Sim, está ótimo.

– Quer marcar no Grão-Mestre? O quindim de lá é ótimo.

– Humm! – rapidamente Dafne se recompôs. – É muito bom.

– Então até lá.

Coloquei um lembrete no celular: me inteirar da trajetória artística do sujeito para não passar vergonha.

Se você esteve numa boate, vá para 27.

Se você NÃO esteve numa boate, vá para 267.

218

Se aquela noite teria futuro ou não, estava nas mãos de Rosana. Ao homem cabe a iniciativa; às mulheres, determinar a continuidade – regular ou irregular – ou a interrupção do caso.

Queria poder entender com essa clareza o que me estava acontecendo. Podia ser tão inexplicável quanto o fato de acordarmos todos os dias e nos dirigirmos a um local que normalmente detestamos com o intuito de fazer um serviço que normalmente detestamos para gente que provavelmente chegaremos a detestar.

Se você esteve numa boate, vá para 244.

Se você tem o item **Tupperware de Mayumi**, vá para 59.

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e NÃO esteve numa boate e conseguiu falar com Elza na ZYX Traduções, vá para 178.

Se você NÃO tem o **Tupperware de Mayumi** e NÃO esteve numa boate e conseguiu falar com Dafne na ZYX Traduções, vá para 84.

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e NÃO conseguiu falar com Elza nem com Dafne na ZYX Traduções, vá para 88.

A tarde de domingo **dBASer** passou com **Roxanne**. Com a desculpa de testar o **amuleto** da elfa-diaba, ficamos seis horas perambulando pelas ilhas mágicas. Na verdade, nos desviamos frequentemente do nosso objetivo para socializar ou matar. Depois do anoitecer, ainda estávamos longe de esgotar os testes possíveis. E foi assim que entramos pela madrugada.

Se você NÃO teve um **prejuízo de 10%**, vá para 79.

Se você teve um **prejuízo de 10%**, vá para 39.

Infantaria era o título. Basicamente, a história dela usando a minha como adorno. Autobiografia picante de esperta mocinha desde sempre cercada de nerds (*pobrezinha!*). Um sugestionável rapaz caía numa autoesparrela paranoica após receber um amuleto bugado num jogo online, quando simplesmente a personagem principal, a jovem e bela *Samanta*, tinha tomado aulas com um dos amigos de seu pai em troca de um pouco de exibicionismo e calcinhas usadas, revelando-se um talento hacker fora de escala. A princípio por esporte, ela começava a perseguir o cara. Depois a sensação de poder a deixava viciada. “Eu estou sempre por perto. Sei tudo da sua vida. Intercedo por você.”, anotava ela em seu diário criptografado em 256 bits. Ela acessava o e-mail dele, acompanhava seus movimentos nos jogos, suas investidas nas mulheres, interferindo tanto on como offline, tudo isso enquanto vivia suas próprias (muitas) aventuras amorosas com outros adolescentes e adultos. Por fim ela percebia que assediar um só ser com tanto empenho podia ser classificado como amor e se declarava, no que era prontamente correspondida. Tudo verdade, tudo real, e eu que tive que ajeitar, embora fosse dela o nome na capa. Ao Mestre foi dito que certas cenas eram pura imaginação; e que ela tinha escrito o livro sozinha. Ele acreditou, ou fingiu acreditar, ocupado em sentir orgulho da filha que enfim aceitara seu legado (“ainda que não em exatas”).

Ninguém quis publicar aquilo, graças a Deus.

THE END

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

You joined Fernando's party!

Life: 94%

Contornei a multidão e caí pela janela do carona. Como se combinado, naquele exato momento seu Gian conseguiu remover dona Lúcia e Fernando arrancou.

O carro dele era feito os de jogo de corrida depois que você bate: amassado. E andava igual: claudicando. Acho que ele tinha comprado a máquina por uma ninharia ao chegar no Brasil, e planejava modificá-la com calma durante as férias. Mas antes disso, Fred tinha sido levado. Era conveniente chegar lá o mais rápido possível.

Conforme subíamos a Conde de Bonfim, mais impaciente ele ia ficando. Não estava tudo parado; estava naquele passo primeira-segunda-primeira, calor da porra. Fernando começou num zigue-zague com o volante, depois foi acelerando, costurando na contramão para ultrapassar os veículos mais lerdos. Minha mão esquerda levitava sobre a marcha como que para avisar: *cuidado, olha a merda*, mas dizer, não disse nada. Furávamos a linha dupla. Transeuntes protestavam. Carros buzonavam. Fernando insistia. Até que a viatura surgiu bem na nossa frente. Nosso carro fechado pela contramão. Gelei. Observei o polícia piloto desfazendo a torção do volante, entrando na travessa à direita, o fuzil do carona desfilando pelos nossos narizes – não, não era com a gente.

Respiramos aliviados.

Depois desse trecho o tráfego melhorou e colamos na pista certa. Uma patricinha atravessando fora da faixa quase foi atropelada e ficou lá atrás nos xingando. Fernando deu um cavalo de pau com o Maverick e pegou a mão oposta. A mocinha, depois de um instante de paralisia, ganiu e correu, mas não era com ela.

Fernando freou em cima da calçada, a centímetros de um poste já com marca de batida. Quando vi, ele tinha extraído uma barra de ferro do porta-malas e andava resoluta em direção a um boteco.

Vá para 147.

- Eu nem gosto de MMO – confessou Laila – Tentei uma vez, detestei.
- O que você joga, então? – perguntei.
- Qualquer coisa com um jogador. Eu contra a máquina.
- Eu ri. *Garota de prazeres solitários*, pensei. Quase indaguei: “nunca a dois?”. Quase.
- Mas sei muito bem que um jogador só não dá samba, ou melhor, livro. – continuou ela. – Então apelei pro MMO.
- Quer um consultor? – ofereci.
- Se precisar, falo com a Rosana. Até porque ela nunca ia me perdoar se descobrisse que preferi te usar.
- (Ai.)
- E crítico? Eu gosto de ler.
- Dafne já está no doutorado em Letras.
- Ai. Não sei onde fui arrumar coragem para continuar insistindo.
- Mas eu vou ser mais sincero que elas. Como você disse, não sou seu amigo.
- Isso a fez hesitar. Ótimo, finalmente algum dano.
- E talvez uma opinião masculina seja útil, já que você só tem leitoras. Além disso, tenho muito mais tempo livre que uma futura doutora.
- Isso foi uma mentira deslavada. E rematei:
- Além disso, estou curioso.
- Vou pensar. Mas saiba que registrei minha obra hoje.
- Aquele acréscimo me chateou e ela percebeu. Ela tentou consertar:
- Não é que eu confie ou desconfie de você especificamente. Não dá pra confiar em ninguém hoje em dia. E eu, menos. Ponha-se no meu lugar um pouco.
- Você quer se pôr no lugar de Laila?

Sim – Vá para 35.

Não – Vá para 268.

QUINTA-FEIRA

Meu trabalho é um trabalho sem chefe, o que não quer dizer que ficou todo mundo feliz com a minha meia falta mal explicada no dia anterior. Para me redimir, assumi de pronto as tarefas mais chatas. Instalei drivers e mais drivers naquela quinta. Pelo menos tinha em vista um bom programa depois das seis.

Lá pelas 17h30 notei um símbolo incomum na tela do meu celular.

“Correio de voz. Olhai por nós”, pensei.

Teclei o número para ouvir a mensagem. Uma gravação de Samara falou comigo:

“André, aqui é a Samara. Preciso muito que você venha aqui em casa, está acontecendo uma coisa muito estranha com o meu computador... Beijo.”

Você

vai fazer o planejado – Vá para 255.

vai ver Samara – Vá para 169.

Idiom é governado por um Rei e uma Rainha. O Rei não sabe, mas a Rainha tem poderes psíquicos capazes de manipular todos à sua volta (inclusive o Rei) para atingir seus desígnios.

Idiom não é um game massivo. Nem poderia ser. Você escolhe se quer jogar como Rei, Rainha, Cavaleiro ou Dama de Companhia.

Está sendo desenvolvido pela Halogen Games, empresa do Fernando, com roteiro de Laila e design de personagens meu.

Laila não entendeu porque eu quis dividir com ela o crédito pela concepção do jogo se a ideia foi “toda minha”. Respondi que nunca poderia ter tido a ideia sem a ajuda dela.

– Ah! Está dizendo isso por quê? Porque é jogo de mulherzinha. Adventure. Cheio de intriguinhas e puzzles “ilógicos”.

– De jeito nenhum! É só que eu queria ver seu talento melhor aproveitado do que com... você sabe.

– O que você quer dizer com isso?

– Ah... francamente? Aquele livro é imaturo, Laila. Não faz jus ao seu talento. Um dia você vai começar outro muito melhor.

– Mas eu gosto dele. Ainda termino ele.

– Com certeza – dissimulei, preocupado. Era uma *ameaça*. E ela nem sabia.

– Tá duvidando? Assim que este jogo estiver na praça, eu sento e...

– Você quer salvar a literatura brasileira. Tá bom. Enquanto isso, você pode ganhar dinheiro, ser designer de jogos e... musa da comunidade gamer. Não é pouca merda.

Minhas palavras fizeram-na se calar, pensando talvez pela primeira vez nas implicações do projeto que aceitara.

– Dinheiro é bom.

– Fazendo o que gosta.

– Mas ainda não vi a cor desse dinheiro. Não sei se um jogo desses vai fazer sucesso.

– Tenha fé.

– E nem gosto dessa história de musa.

– Mas é. Literalmente.

– Como assim?

– Vai dizer que não percebeu que a Rainha, apesar de ruiva, parece uma certa pessoa...?

– Não sei por que pareceria.

– Sonsa.

Ela me olha com uma careta de desagrado. Que logo se desmancha num pequeno sorriso. Temos nos encontrado muito, o disfarce dela tem se descamado – ousou suspeitar que de propósito.

GOOD END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

Comecei a andar para trás. Devagar.

- André? – disse ela. – Você? Na minha casa?
- Desculpe... eu...
- Como você entrou aqui?
- Eu só quero ir embora, Mayumi. Por favor.
- Não. Espera.

Era uma ordem das mais doces, mas eu não sentia a menor vontade de obedecer.

– Tchau, Mayumi. – mergulhei em direção à porta, mas ela avançou com o taco.

– Você esteve com a Noemi, não foi? Você pensa que esteve comigo mas esteve com ela. Do 409. Ela te fez mal?

Então era isso. Gêmeas. Boa e má.

– É, eu sei. É um clichê. Às vezes os clichês acontecem.

Mayumi apoiou o indicador e o olhar no bastão.

– Eu tenho isso por causa dela. – e encostou-o na parede, deixando-o lá – Vem, vou fazer chá.

Vá para 208.

Cheguei em casa, larguei a mochila na cama e sentei ao computador. Assim que me viu online, Laila falou comigo:

– Vem cá, você chegou a jogar com a Rosana no fim de semana?

– Sim. Por quê?

– Ah... porque ela não veio hoje. Nem deu notícia.

Disfarcei. Mal.

– Ela deve ter tido algum problema pessoal.

– É... Ela tem esse “problema pessoal” toda segunda agora. Eu tento dar um desconto – a gente nem tem tanto trabalho sempre –, mas faltar pra ficar jogando, como eu sei que ela fica? Ah! E hoje teve o que fazer. Chegou material de localização de programas, a gente precisou dela e... deixa. Não é problema seu.

Não é mesmo, pensei.

– Ela nem me avisou. Nem atendeu o telefone. Então, se encontrar com ela nesse jogo de vocês, diga que estou chateada... não, diz só que estou atrás dela.

– Tá certo.

Vá para 103.

Preferi continuar jogando *Wisdom* do que escotar aquela pirralha que na certa só queria ficar bêbada na minha comanda. Ficando em casa, não só eu me pouparia da sensação de estar sendo usado como também seria muito mais divertido e honesto do que me meter em boate – todo mundo sabe que homem não dança. Além disso, este homem estava jogando ao lado de uma mulher – não, eu não parava de me maravilhar com esse fato –, que, ainda por cima, jogava muito sério.

Varamos a madrugada entre sidequests inúteis e análises intermináveis sobre as limitações do mecanismo do jogo.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação** e NÃO teve **prejuízo de 10%**, vá para 79.

Se você NÃO recebeu o **E-mail de confirmação** e teve **prejuízo de 10%**, vá para 39.

Se você recebeu o **E-mail de confirmação**, vá para 252.

A história de Laila estava incompleta – embrionária, diria. Pela data de criação do arquivo, ela tinha começado a escrever aquilo há pouco mais de um mês. Boa parte das páginas consistia de uma lista de obras inspiradoras para o livro, como *Dom Quixote e Fausto*. Depois vinha a história.

Já no segundo parágrafo, eu tinha sido tomado por uma imensa estranheza.

“André” era um jovem comum cuja vida de repente virava um videogame. Isso acontecia a partir do momento em que um misterioso **amuleto** lhe era oferecido num jogo online. Estava cheio de lacunas, mas pude reconhecer ali algumas das colegas dela também. Havia ação, drama e sexo.

A parte mais coerente terminava com ele sendo convidado para jogar MMO por uma garota, coisa que nunca tinha acontecido na mísera existência dele. Ou na minha.

Fui distraído da leitura por outra janela. Alguém tinha me achado pelo apelido no *Wisdom Islands* que eu esquecera aberto e estava me convidando para jogar. Era uma Troll Maga, de óculos.

– Rosana? – perguntei.

– Certa a resposta. Mas, aqui, é “Roxanne”. E aí, topa uma missãozinha?

Eu é que não ia recusar.

Vá para 29.

– O que foi?

– Você viu, né? – disse Laila.

– Viu o quê? – repliquei, sem alterar a expressão.

Nós dois nos fitamos por tanto tempo que eu pensei que as duas perguntas iam ficar no ar para sempre. Mas Laila na verdade lutava consigo mesma para dizer do jeito certo:

– Meu livro.

– Que livro? – redargui.

– Você não leu ele? Claro que leu – Laila exalou descrente. – Seria coincidência demais.

Vendo que eu não me pronunciava, Laila tornou a explicar:

– Estou escrevendo um livro que o personagem principal tem o seu nome. Mas ele não tem nada a ver com você. Quer dizer, sei lá – não te conheço. É que, obviamente, meu André já existia antes de eu encontrar com você, senão não poderia estar no computador que você consertou.

Continuei em silêncio. Aquilo não tinha explicação razoável. Ela aprontou uma expressão de enfado, disse tchau e foi embora. Eu a vi abrir o carro do outro lado da rua, entrar e partir.

Se você tem a **cópia do HD de Laila**, vá para [25](#).

Se você **NÃO** tem a **cópia do HD de Laila**, vá para [123](#).

Nunca termina.

Você é que nem uma celebridade estabelecida. Você diz: *batalhei muito para chegar até aqui*; mas na verdade, a corrente que você formou já está te puxando há muito tempo, e você boia de costas. Você está velho, está cansado, quer sair – mas sua marca fantasia é forte demais.

Exceto que *eu* não sou tão bom assim.

Nunca falta trabalho, há sempre prêmios em vista, mas não sou mais um novato atraindo olhares com minha escalada vertiginosa; estacionei num lugar confortável sem me tornar um dos maiores. É o limbo da medalha de prata: você – ou melhor, eu – não empolga ninguém.

Falo com pessoas que me dão incumbências e listas de requerimentos que me levam a outros lugares e pessoas e requerimentos, que cumpro pouco a pouco, esparsamente. Nada de perder o fio da meada. Fecho o que está em aberto antes de abrir outras missões. É malabarismo – pelo menos, malabarismo em câmera lenta. Até evito falar com gente: eles podem me pedir mais coisas. Já tenho muitos bicos que exigem que eu passe por diversos cenários. E nem todos pagam bem. Tanto em dinheiro como em experiência.

Então aqui estou eu, motoboy do nada, correndo em minha motocicleta com Gancho AntiPipa-com-Cerol. Atravessar a Linha Amarela sem esse equipamento seria suicídio. Decapitação instantânea, cortesia de uma criança brincando. Nada pessoal. Devo cumprir minha missão. É o que faço. Se até o momento (com tantas tentativas) esta cidade não me matou, deve haver um motivo.

ISTO NÃO É UM FINAL

Tente de novo – Volte para o 1.

– Cara, come isso aqui – lembrei.

Estendi-lhe o **Tupperware de Mayumi** onde jazia uma apetitosa **coxinha**. Fernando a devorou sem pestanejar.

Life: 100%

Feito isso, assumi o volante e toquei para a casa de Fernando.

MISSION CLEAR

Vá para 185.

Item: cópia do HD de Laila

Se você usa a mesma pornografia que alguém para se masturbar, é praticamente sexo.

Sei que seus olhos absorveram cada frame desse vídeo. Reagiram a cada fisgada no rosto dos atores. A cada pequena variação dos vaivéns.

É como se a janela na minha frente pudesse ser apenas uma rede de ping-pong entre dois jogadores. Laila está do outro lado. Eu bato e ela rebate.

Ou melhor: ela esgueiraria a mão pelo meio das pernas escorregadiças, desabotoado o jeans apertado, e jogaria a cabeça para trás, segurando o peito, se entregando... ah Laila, Laila, Laila.

Será que ela se encantou com a guinada dos cabelos da atriz pouco antes de receber a porra no meio do rosto ou preferiu a parte em que ela foi içada de repente por dois brucutus, lançando as pernas pro alto como se preparasse uma cambalhota?

Respiro fundo. Resisto. Está tão bom que quero mais.

Outro vídeo.

Neste, noto a má disposição inicial da ruiva, que lá pelo terceiro ator, no entanto, se empolga. Safada. Mal preciso me tocar. Penso em Laila gemendo como a ruiva. Gemendo com a ruiva. Devo preenchê-las de porra.

Aparo tudo com a meia.

Fico com a sensação grandiosa de ter tirado o maior proveito dos recursos a meu dispor. Sinto até pena de Laila por não ter estado aqui.

Saciado, resolvi jogar um pouco de *Wisdom Islands* para arrematar a noite.

Vá para 2.

TERÇA-FEIRA - MANHÃ

Acordei suado, sem lembrar do meu sonho. Uma pena, devia ter sido ótimo: tive até um pequeno acidente.

É, eu sei, com essa idade. Preciso de uma mulher de verdade. Mas fala isso para elas, eu já estou cansado de saber.

O mais próximo de mulher me dando mole na minha vida era Rosana jogando *Wisdom* comigo e Samara me amolando com mensagens sobre uma miscelânea de asneiras. Isso podia ter sido obra e criação de Laila. Ou efeito do tal **amuleto**. Ou... na verdade, quanto mais eu as pesava, mais essas suspeitas pareciam frágeis. A explicação mais plausível para tanta anormalidade eram alucinações. Mas que alucinações seriam essas, tão palpáveis e envolvendo tanta gente?

Vá para 93.

VOCÊ ESTRAGOU TUDO

Opções díspares resultam em falta de coerência interna: eu me desmancho como um ovo muito cozido. MUITO OBRIGADO.

Se você chegou até aqui, vá para a puta que pariu.

SÁBADO - FIM DA TARDE

Vamos ver quem veio hoje.

LOURENÇO, o gordo de amarelo, é analista de sistemas. Terminou o segundo grau aos trancos e barrancos. Não que fosse burro, mas não gostava da escola: invadir sistemas era mais seu tipo de desafio. Antes que fosse definitivamente cooptado pelo crime, foi contratado por um banco para tapar os buracos em sua segurança virtual, e hoje comanda um time dentro de uma empresa especializada.

RAMIRO, o magrelo com cabelo de molinhas, é engenheiro mecânico. Casou cedo e continua casado, sem filhos. É funcionário de uma grande estatal. Na maior parte do tempo, parece uma estátua, mudo e imóvel. Quando está envolvido no jogo, é o mais preciso em suas intervenções.

GOMES, o sujeito com cara de prefeito, ensina física no Ensino Médio. Tem caspa em profusão e a mania de rir das próprias piadas. Apesar de tudo, é o líder do party – na maioria das vezes, reconheço, bom líder. Exceto quando faz merda.

PEDRO é o que parece de louça: branquinho, lisinho e frágil. Mantém o cabelo comprido numa tentativa de parecer *indomado*. É formado em jornalismo e nunca teve ocupação definida. Tem um blog bem visitado com o qual faz algum dinheiro (bem pouco).

E eu.

Por último, sentou-se à mesa o imponente bigode do Mestre, pai de Samara, meu padrinho, pronto a presidir nosso RPG.

Vá para 47.

Depois de muitas voltas pela sala e olhadas tenebrosas na minha direção, Rosana finalmente falou:

– Nós temos que nos decidir.

– Sobre o quê?

– Side quest ou main quest.

– Como assim?

– Com main quest, você sabe: isso, o que quer que seja, vai acabar rápido. Dificilmente vamos voltar a coletar tanto loot pro resto da vida.

– Sei.

– Side quests: ganhamos mais experiência e temos mais chances de acabar com o chefe final de primeira.

– Sei.

– E então? Qual vai ser?

Side quests (missões secundárias) – Vá para 94.

Main quest (missão principal) – Vá para 54.

“Deus filho da puta, quem pensa que é pra fazer isso comigo? Vai me matar? É? Tudo bem. Essa vida, essa que você me deu, estava uma merda mesmo. Só queria me divertir um pouco. Vai se foder.”

– Aaaaah!

GAME OVER

Voltar para a escolha mais recente – Vá para 65.

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

Mal Fernando passou correndo, semiapaguei. Voei longe também. E o barulho. Explosão. Entendi. Tinham lançado uma granada contra ele e me acertado. Sentia minha vida decair vertiginosamente. Se pelo menos eu tivesse algum item que...

Se você tem o **Tupperware de Mayumi**, vá para 189.

Se você não tem o **Tupperware de Mayumi**, vá para 53.

Aquela garota era a sã da família, repeti para me lembrar.

– Você não pode sair na rua assim. Você precisa de um banho e de uma muda de roupa.

Ela foi lá dentro, demorando o que pareceu uma eternidade. Voltou com um pano preto – uma camisa tamanho GG, bem gasta. Desdobrei-a. Confortável e macia. Identifiquei a estampa da máscara branca sobre fundo preto. Sorri. Entendi que ela estava me emprestando sua blusa de dormir preferida.

– Eu lavo e te devolvo

Estrebuchei até o chão com o choque imprevisto. Registrei tardio que Mayumi segurava um *taser*. Babei sobre seu capacho em réplica.

– Isso foi pela crueldade desnecessária. Mas estou feliz de ter me livrado daquela vaca. Grata.

– Nhmm...

– Só fiquei um pouco chocada de encontrá-la daquele jeito – estrebuchada, toda sangrada, pendurada no ventilador.

– Baa...

– Eu precisava me expressar. Você logo vai poder se mexer.

– Ummha...

– Eu sei. Você não sabe o que deu em você. Eu também não. Vai ver que minha irmãzinha estava certa: aquele apartamento é maldito.

–...

Enquanto Mayumi punha a mesa para o chá e meus músculos paralisados se soltavam, me convenci de que qualquer explicação não daria conta daquele caso, e que procurá-la só poderia trazer mais problemas. Sentei-me à mesa com ela e, enquanto mordida o primeiro pão de queijo, mastigando concentradamente, recebi um carinho no rosto.

– Ideias do que fazer com o corpo?

GOOD END

Iniciar novo jogo – Volte para o 1.

Laila havia se juntado a algumas amigas da faculdade e formado uma cooperativa. Trabalhavam para um par de grandes empresas, mais peixes pequenos pescados por Rosana.

Foi o que Rosana me contou enquanto parávamos na padaria em frente para discutir as “necessidades do projeto” (palavras de Laila). Eu defendia alterações mais radicais nos computadores – alterações cujo custo estimado assustava a “jovem empreendedora”. Laila franziu o nariz quando usei essa expressão.

– Mas você é. – retruquei.

– Você tem olheiras muito fundas – disse Laila, estreitando os olhos para me inspecionar.

A tentativa brusca de mudar de assunto surtiu efeito, menos por ser um golpe direto na minha autoimagem (qual!) do que por me deixar ainda mais intrigado com aquela mulher. Foi o que me fez topar o jogo dela, “Vamos Falar Mal do André Agora”:

– É, eu viro noites jogando *Wisdom Islands*. Preciso parar com isso.

Ao ouvir isso, a expressão de Rosana se suavizou:

– Você joga?

– Por quê? Você joga?

– Estou tentando parar. – riu ela.

– Você é que está certa. Faz dois dias, por exemplo – dei uma conferida na expressão dela, parecia interessada – eu encontrei um talismã num forte perto de Korda, na baía de No-roma, e estou até agora obcecado tentando descobrir pra que serve. Quer dizer, encontrei, não; recebi de uma elfa-diaba numa área secreta. Parece ser um troço bem raro. Ninguém sabe o que é.

– Já testou ele em batalha?

– Já. Não deu em nada.

– De repente ele destranca alguma missão em algum santuário.

– Ainda não testei em todos. Esses dias minha vida real anda meio... estressante. Parece até um videogame.

Dei risada. Rosana também. Para Laila eu olhava de soslaio. As diferenças físicas entre elas me fascinavam. Não era favorável para nenhuma das duas, pensando bem, se deixarem expor assim lado a lado. Ressalta os limites das duas belezas. Denuncia que a beleza não pode ser total. Ou melhor: põe na sua cara que a beleza não é uma só. Por isso que cada mulher quer se afastar das outras, se alçar à foto publicitária de fundo branco, ser poderosa, isolada, única. Mas aí estavam Laila e Rosana, feito uma humildade, lado a lado no balcão da padaria. Será que elas sabem? Será que isso lhes passa pela cabeça? Se sim, que maravilha. Isso seria pegar a competição pelas orelhas e afogar no vaso. Seria bullying com a competição.

Só então dei pela falta de Laila. Eu a localizei do outro lado da rua, lidando para entrar num carro e partindo.

Imagine que a garota estava comendo Tubetes e assistindo *Malhação* enquanto eu temia pela minha vida. Só me dei conta disso depois, porque já saí do quarto berrando:

- PUTA MERDA, garota! Isso é CÁRCERE PRIVADO! Podiam prender você por isso, sabia?
- Eu não. Meu pai! – respondeu a insolente – E eu só ia deixar você tentar escapar por cinco horas.

Depois ia te perguntar se você queria desistir.

- Louca!!
- Eu pensei que você tivesse senso de humor.
- Aqui eu não volto. Nunca mais. Explica isso pro teu pai.
- André! Peraí! Foi mal!

Varei a porta miraculosamente aberta, emboquei na escada, vencendo-a o mais rápido possível com as pernas bambas de adrenalina. Quando finalmente cheguei no térreo e cruzei a portaria, percebi que o elevador pousava junto. De relance, o retângulo de vidro trazia um pedaço de cabelo roxo. O choque foi tão grande que me pus a correr, enquanto o elevador se abria com violência; mas nisso eu já varava a porta da frente e chamava um táxi. O porteiro não deve ter entendido nada.

Como eu não tinha dinheiro para uma corrida longa, paguei o táxi e saltei na próxima rua principal. No essencial, minha vida continua patética.

Se você tem o item **Tupperware de Mayumi**, [vá para 59](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 84](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e falou com Elza na ZYX Traduções, [vá para 178](#).

Se você NÃO tem o item **Tupperware de Mayumi** e NÃO falou com Dafne nem Elza na ZYX Traduções, [vá para 88](#).

ESCORT MISSION

Respondi que sim, é claro. Na verdade, Samara queria aparecer com alguém, qualquer um, na frente do ex, e provavelmente pensou (certo) que eu iria correndo, mas isso não me passou pela cabeça até estar lá.

Ele, porém, não estava. Quem estava era Mayumi, cercada de espaço vazio. Samara, vendo alguém da sua altura e quase da sua idade, puxou-a para o sofá sem cerimônia e se disse “grande admiradora da cultura japonesa”. E desatou a discorrer sobre mascotes fofinhos, dinossauros, robôs gigantes, cores de tinta para cabelo e eu ali sobrando. Para meu espanto, vi que Mayumi entendia do assunto e, às vezes, conseguia até se sobrepor à matraca de Samara por alguns segundos.

Tentei participar da conversa delas, mas elas enveredaram pelo assunto mais excludente que puderam encontrar: mangá de homem com homem, *yaoi*. Fui pegar uma cerveja.

De repente entra uma música do Bowie. Eu, tendo já desistido daquelas duas, vibrei do meu canto na pista e empunhei uma *air guitar* mais ou menos precisa. Eu sabia as cifras não porque já tivesse aprendido guitarra e participado de uma banda; sabia porque era uma das músicas que Rodrigo (microfone), Luizão (bateria) e eu (guitarra) mais praticávamos no Rock Band. De repente fui atropelado; Samara e Mayumi estavam dançando juntinhas e me puxando para perto. *Wham bam, thank you ma’am*.

Vá para 49.

Fui aplaudido por todo o escritório ao chegar com os dois computadores recém-montados dentro de um carrinho de supermercado fornecido pela portaria do prédio. A instalação foi rápida e, assim que elas se deram por satisfeitas com a novidade, saíram para almoçar. Laila ficou testando os PCs e esperando um PF. Pedi um para mim também.

– Sou viciado em MMO. Mas de mundo aberto e sandbox eu quero distância.

– Possibilidades demais? – sorriu Laila.

– Sim. É cansativo, sabe? Saber que o caminho que eu escolhi é só um de um porrilhão, e que o fim que eu vi está longe de ser o único... O pior é ter que voltar lá pro começo e explorar cada caminho pro jogo valer o preço. Deixa de ser prazer, vira obrigação.

– Engraçado. O que eu curto é exatamente esse excesso de caminhos. No jogo e na vida. Se eu pudesse viver minha vida de novo, com certeza não pegaria sempre o mesmo caminho.

– É, mas na vida você só tem uma vida. – retruquei.

– Mas vida é exploração não linear. E você acabou de dizer que não gosta.

– Exatamente por ter só uma vida na vida.

– Não, você disse que não gosta de ter que voltar ao começo várias vezes e tentar outros caminhos.

Chata.

– Então o que estou dizendo é que eu estou tão conformado com a minha vida que, mesmo que pudesse vivê-la de novo não faria nada de diferente. Ou seja, minha vida é linear, mas para mim tem *replay value*.

Ela dá risada.

– Você trabalha num boxe.

– E você, numa baia.

– Pois é. Detesto.

– Detesta? – isso realmente me surpreendeu.

– Não suporto. Quero fazer outra coisa. E exatamente por ser um jogo de exploração não linear é que eu posso fazer isso.

– Mas lembre-se que se der merda não tem save.

– Ha ha ha. Obrigada. Pelo apoio.

E me estendeu o terceiro pré-datado, enfim preenchido.

– Atrás tem meu celular – comentou. – Qualquer problema.

– Não precisava.

Laila soprou um muxoxo e meneou a cabeça.

Se você tem falado sobre um livro com alguém, vá para 192.

Se você NÃO tem falado sobre um livro com alguém, vá para 60.

Ao sair dali, percebi que ainda dava para me enfiar numa das novas bocas de metrô nascidas naquele bairro. Foi o que fiz. Comprei um bilhete e percorri os corredores e escadas e corredores e escadas até chegar bem a tempo de perder o penúltimo trem. Agora teria que esperar cerca de dez minutos.

Liguei para minha mãe e disse que não se preocupasse, eu já estava chegando.

Desliguei e olhei à minha volta. No metrô à meia-noite, cada um tinha que cuidar de si. Fiz uma discreta varredura pelos arredores.

No outro extremo do banco onde eu tinha sentado, havia uma moça malcurvada sobre si própria. Ela lia um livro sobre o colo. O fio alvo de um fone sobressaía contra seu cabelo longo e negro.

Parecia Mayumi. Tentei discretamente divisar seu rosto, mas o cabelo impedia. Ele era sua tenda de leitura. Sua privação de sentidos.

Tenta falar com ela – Vá para 108.

Deixa ela – Vá para 92.

Respondi à ex-cativa que não queria o **amuleto**. Parecendo meio decepcionada, ela desapareceu numa névoa roxa.

Se ela podia fazer isso, por que não tinha escapado assim antes? Ora, porque o designer do jogo é um idiota. Ou então era uma armadilha.

...dBASer se desconecta do jogo:..

Nem me despedi da minha camarilha – Rodrigo e Elias, dispersos pela fortaleza –, embora tivéssemos combinado de não fazer isso antes de entrar. Rolei da cadeira para a cama e apaguei. Meus dentes devem estar podres.

Vá para 140.

- Eu sei que você não me quer. Mas me ouve – disse Samara.
- Ouvi.
- O tecido da realidade está se esgarçando, André.
- Ela disse isso com toda a solenidade de quem não está nem aí. Normalmente eu a acusaria de estar lendo mangá demais, mas levando em conta meus dias recentes, estava bem mais disposto a continuar ouvindo.
- Como assim?
- Estou tentando impedir que você se foda. O universo está contra você. É como se houvesse uma seta vermelha apontada pra sua cabeça.
- E você faz parte dessa seta, não é?
- Mas não como você pensa, André. Eu sou a parte da seta que te protege.
- Me mandando e-mails com maldições e tal.
- Você só chegou vivo até aqui por causa da minha ajuda.
- Que ajuda?
- Seria melhor se você aceitasse o que digo sem questionar. Eu não quero ter que explicar certas coisas.
- Ah, mas explique.
- Tudo bem, mas veja como respondo todas as suas perguntas. Se eu fosse outro tipo de pessoa, não faria isso.
- Você não está respondendo essa.
- Eu inseri um personagem e um objeto de ajuda no seu jogo. O **amuleto**, André.
- Caralho.
- Eu tive que fazer um monte de coisas.
- Você que fez isso comigo.
- Não não. Eu interfeiri quando já tinha começado.

Vá para 96.

Quando cheguei à ZYX Traduções só encontrei Laila, Elza e Dafne. Naquela tarde eu só tinha vindo remediar os computadores menos caquéticos. Dois deles teriam que sofrer um upgrade radical. Laila preferia as soluções mais baratas; as cooperadas que quisessem o que ela considerava “luxos” teriam que pagar do próprio bolso. Elza teria que pagar pelo som do seu computador e Dafne, a diferença de preço do HD normal para o mais espaçoso.

Enquanto acariciava placas com cotonetes e borrachas escolares, virei para Laila e perguntei em voz baixa:

– E como vai o seu livro?

– De vento em popa. Tá com tempo agora? Quer ler um trecho novo?

Meu coração pulou, mas disfarcei. Disse com ar levemente interessado:

– Pode ser.

Pouco depois ela tinha aberto um arquivo – “vou te deixar à vontade, adiantar um trabalho pra amanhã” – e se afastado.

Vá para 105.

Fiquei pensando se uma pessoa jurídica podia sentir gratidão. Enquanto isso, ela pegou um guardanapo e traçou um diagrama. Começou a falar em estruturas ultrapassadas e deslocamento de umbigos. Perguntei se aquilo era do seu doutorado.

– Não sei. Não sei se vou entregar a tese... No fundo o doutorado não me interessa. Esse negócio de “fazer meu nome”... tsk.

Quando o silêncio perdurava ela me contava histórias pessoais.

– Doe todas as minhas roupas chiques para os mendigos. Coloquei tudo numa mala bem grande, fui até o meio do acampamento deles e VLAM! – larguei lá no meio e fui embora. Mais tarde passei para ver e uma mendiga estava usando várias peças sobrepostas. Um longo vermelho, uma blusa de flanela, uma echarpe, um chapéu florido, vários anéis. Ficou *ótimo!*

Eu ria. Me sentia cansadíssimo, mas ria.

Andamos até o metrô no Centro deserto e escuro. Passando pela roleta, ela iria para um lado e eu para o outro. Enquanto ela falava, eu pensava que nunca poderia levar ninguém para a minha casa. Não com minha mãe podendo chegar a qualquer momento. Eu precisava propor alguma coisa se quisesse revê-la.

– Que me diz de um cinema na sexta? A gente vê o que tiver estreado no Espaço Arte.

– Pode ser.

Se você deu o **amuleto** a alguém, vá para 104.

Se você NÃO deu o **amuleto** a ninguém, vá para 142.

Desde bem pequeno meu padrinho me fornecia jogos e livros, mas tive minha própria parcela de culpa no cartório. Foi uma conversa que tive comigo mesmo quando entrei na puberdade:

“Eu não quero pensar demais, o que você sugere? Como ocupar minhas tardes?” – perguntei.

“Baixe uns joguinhos...” – respondi.

Baixar era uma das poucas opções, o país era pobre, meus pais também e eu não menos. Mas, graças a isso, hoje pago por eles. Na maioria das vezes.

A cada jogo que eu zerava, uma âncora tinha sido largada num ponto distante da realidade. Usá-los como fuga deliberada, depois de algum tempo, deixara sequelas permanentes – era o que eu via agora.

Em parte, eu jogava porque não queria pensar demais. Não queria ser um garoto-problema, queria só me aplicar e vencer – e isso se aplicava até mesmo ao entretenimento que escolhi. Ali, era possível vencer a copa, conquistar a menina e ser astro do rock.

Mas também isso estava cobrando o seu preço. Eu não imaginava virar o típico louco ele-era-tão-quietinho aos 25 anos de idade.

De repente era a falta de sono.

Fácil de resolver. Rolo para o colchão, fecho os olhos e durmo.

Vá para 20.

– Ahm... é uma fanfic, Laila. Não gostou?
– Você me comeu só pra deturpar minha história.
– Você não disse que não queria poder?
– Mas quem foi que disse que quero te dar ele! – grita ela, escrevinhando furiosamente. De repente depõe o bloquinho e se senta ao meu lado. No sofá.

Sorrio. Sorrio para Laila. Sorrio mais. Não consigo parar de sorrir.

A decoração da casa de Laila é muito clean, reparo. As bordas de cada objeto são muito bem definidas. As cores da sala são praticamente chapadas. Viro para Laila para comentar aquilo e noto sua nova roupa.

“VESTIDO ROSA?”, pergunto.

Não me lembro de falar desse jeito antes. É como se não produzisse som de verdade. Como se falar fosse apenas esperar as letrinhas correrem até completar a frase.

“VOCÊ É UMA PRINCESA?”

“HALP!!!”, diz Laila sem som, sendo abduzida por dois enormes urubus.

Corro atrás dela, mas tropeço num matinho e dou com a cara no chão. Sacudo a poeira e tento alcançá-la, mas ela é levada pelas aves para um castelo muitos horizontes atrás. Continuo correndo, agora no mesmo lugar, enquanto toca uma melopeia elementar. Letras começam a correr sobre a minha cabeça, explicando a missão.

Tudo fica escuro para o título aparecer:

BETRAYAL – THE GAME

Pulo na cabeça do primeiro inimigo. Dou com a bunda nele, ele repisca e some. Entendi. Devo subir até o cume da floresta, enfileirando mortes desferidas com a bundinha de forma a chegar o mais rápido possível.

No que descubro e investigo um buraco camuflado nos arbustos, o mundo se desintegra.

Vá para 113.

- Sim.
- É mesmo?
 - Você pode fazer isso por mim?
- Samara cofiava a ponta roxa dos cabelos. Parou. Jogou-os para trás.
- Não sou sua empregada.
 - Por favor.
- Eu estava vendo que, por medo de um possível despertar de Laila, Samara não queria mexer com ela. Parei o olhar nela enquanto vasculhava as ideias em busca de um argumento.
- Samara, você diz que quer me proteger mas só interfere pela metade. Faz direito.
 - VOCÊ que peça direito. Diz o que pensa! – agora os olhos dela estavam enormes – *Burro*. Eu vejo o que você pensa.
 - “Samara, você se mete na minha vida dizendo que quer me proteger mas só mete metade. Mete tudo!”.
 - Pronto...!
 - Eu não disse isso.
 - Você DISSE isso.
 - VOCÊ me fez dizer isso. Eu só pensei. “Eu não queria te magoar; escolhi as palavras”.
- Samara deixa cair os braços. Eu abro a boca, dessa vez por vontade própria:
- Talvez isso eu tivesse dito sozinho. Mas agora você nunca vai saber.
- Viro as costas e caminho.

Se você entrou num quarto fechado usando uma **chave-mestra**, vá para **102**.

Se você esteve numa boate, vá para **191**.

Se nenhuma das afirmativas anteriores é verdadeira, vá para **184**.

SEGUNDA-FEIRA

Quando cheguei à ZYX Traduções só encontrei Laila, Elza e Dafne. Naquela tarde eu só tinha vindo remediar os computadores menos caquéticos. Dois deles teriam que sofrer um upgrade radical. Laila preferia as soluções mais baratas; as cooperadas que quisessem o que ela considerava “luxos” teriam que pagar do próprio bolso. Elza teria que pagar pelo som do seu computador e Dafne, a diferença de preço do HD normal para o mais espaçoso.

Enquanto acariciava placas com cotonetes e borrachas escolares, eu olhava discretamente para

Laila – Vá para 167.

Elza, a tradutora negra com piercings – Vá para 205.

Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes – Vá para 130.

410 era o apartamento vizinho ao de Mayumi, mas tudo o que eu queria era sair dali. Rumei para a portaria. Quando finalmente me lembrei de olhar para baixo, percebi porque nenhum táxi ou ônibus parava para mim: o apartamento maldito tinha me evacuado todo coberto de sangue.

Recorri a um transporte alternativo e ilegal, especialista em não fazer perguntas, que me deixou na porta de casa e nem sequer me cobrou passagem. Gentileza gera gentileza.

Se você falou com Dafne na ZYX Traduções, vá para 84.

Se você falou com Elza na ZYX Traduções, vá para 178.

Se você NÃO falou com Elza nem Dafne na ZYX Traduções, vá para 88.

Cerca de quinze minutos depois, eu chegava à minha rua sem ter tocado no chão. Eu me balançara em barras, quicara entre paredes próximas, me equilibrara sobre cabos de aço, deslizara por cordas e até corraera pelo muro. A chuva estiava. Minha rua era transitável. Caminhei em direção ao horizonte e ao meu apartamento. Rosana estava online, me chamando para jogar *Wisdom*, e dessa vez tive que dizer que hoje não; o dia terminaria sem maiores perturbações não fosse Laila me mandar o seu trecho novo descrevendo precisamente tudo aquilo por que eu acabara de passar, *inclusive o convite de Rosana*.

– Você tem ideia do que está fazendo? – perguntei pelo chat.

– Como assim? – respondeu Laila.

Fiquei vagando pela casa no escuro. Não podia dizer que estava odiando o que Laila, provavelmente sem saber, vinha operando na minha vida. GOSTOSAS – CARROS – DINHEIRO – SUCESSO. Deveria fazê-la escrever mais? Eu tremia. Ela estava online. Era o momento ideal para contar tudo para ela.

Conta – Vá para 111.

Não conta – Vá para 132.

– Um Super Nintendo? E... funciona?

– Claro.

– Quero ver! Tem cartucho?

– Tem.

Ainda estatelada, Rosana sustinha as mãos sobre a caixa como se ela fosse uma fonte de calor num mundo pós-apocalíptico.

– Como você conseguiu isso?

– Se eu contar você não vai acreditar.

– Pois conte.

Contei que meu amigo Fernando, guru dos games, tinha voltado da Alemanha. Contei do irmão sequestrado. Contei do carro e da missão. Entre uma cerveja e outra, contei a história toda, sem tirar nem pôr. No final, Rosana me olhava meio entorpecida, os olhos cerrados:

– Que imaginação você tem.

Inferi, porém, que ela tinha decidido nem acreditar nem duvidar de mim. Estava ali para jogar e pronto.

Sentamos na frente da caixa e desafivelei a primeira lingueta de papelão. Puxei a segunda aba, que se encaixava na primeira para maior contenção, e estiquei o dedo para virar a tampa à qual se encadeava para trás; empurrei então a última tampa de papelão, inteira, de uma vez, expondo a barreira final: uma fina folha de isopor. Rosana estendeu as mãos e infiltrou os dedos pelos lados da caixa, deslizando o console para fora. Ela parou e ficou olhando para ele acondicionado em sua caixa. E eu olhava para ela. Era a primeira vez que eu via Rosana sem seu rabo de cavalo. Ela tinha lavado os cabelos, dos quais subia o inigualável cheiro de menina limpinha, que se misturava ao cheiro de videogame novo que, inexplicavelmente, havia sido preservado naquele sarcófago por duas décadas. Ascendi ao nirvana por alguns segundos, e ao voltar me encontrei tão próximo da pele de Rosana, e ela da minha, que ao mesmo tempo nos tocamos e beijamos.

Se você NÃO tem conversado com uma garota sobre um livro, [vá para 52](#).

Se você tem conversado com uma garota sobre um livro, [vá para 162](#).

Na cabeça de todos os homens da Terra tinha essa fantasia. Um roteiro que se desenrolava milhares de vezes ao dia, em milhares de cabeças de milhares de homens de toda idade e condição social, praticamente nunca se concretizando mesmo com o emprego de teralitros de álcool e muita engenhosidade, estava acontecendo comigo, comigo!, de forma não-orquestrada e casual.

Situações assim não acontecem na vida real.

Entramos no prédio onde Mayumi mora. É um cabeção-de-porco em Copacabana. Estranho o estado do apartamento, desnudo de mobília e carcomido de infiltrações. Mayumi se posiciona no centro da sala, joga a bolsa de lado e começa a desabotoar a blusa. Samara pula em mim e me beija sobre o chão de tacos. Enquanto isso sinto alguém puxar minhas calças e, depois, me arrastar para o quarto pelos pés. Machuca um pouco as costas.

Vá para 159.

O açougueiro responde:

– Não, obrigado.

Usar outra coisa:

Moeira (cheia) – Vá para 207.

Panfleto – Vá para 109.

Pistola – Vá para 9.

Chave-mestra – Vá para 15.

- Nooba.
...digo em seu ouvido. Ela aquiesce.
– Eu sou nooba. Eu trapaceio.
Não é para você admitir que é nooba, sua nooba. Você tem que me refutar, lutar para provar que estou errado. Não desista assim logo de cara, porra.
– Não seja má.
Ela sacudiu os ombros violentamente.
– Já tinha pensado nisso? – insisti.
– Quem quer ser do bem? – redarguiu, nariz para cima.
– Samara...
– É jeca ser do bem.
– Você pode ser neutra, pelo menos.
– Neutra caótica. – diz ela em meu ombro.
Não reprimo o riso.

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e NÃO teve um **prejuízo de 10%**, vá para **184**.

Se você NÃO tem o **E-mail de confirmação** e teve um **prejuízo de 10%**, vá para **116**.

Se você tem o **E-mail de confirmação**, vá para **125**.

Não perdi o primeiro nem o segundo, mas perdi os dois seguintes – o segundo de forma tão súbita que fiquei parado com cara de tacho. Trocamos olhares por cima dos laptops.

– Melhor de cinco? – propus.

– Vamos dar uma descansada – disse ela.

Recostando-se no preto desbotado do meu sofá, ela correu as mãos pelo colo e braços e me fitou como se eu não tivesse visto o visto. Notei que seus bicos dos seios estavam duros e que ela vestia uma insuficiente blusa de mangas cortadas.

– Você está com frio? – perguntei. – Quer um casaco?

Fui lá dentro e voltei com um casaco; ela estava de pé no meio da sala.

– Distendi o ombro fazendo exercício – explicou, levantando a manga para expor o ombro emplastrado. – Segura o meu cotovelo, por favor.

Segurei, e ela fez um contorcionismo para entrar no casaco.

– Obrigada – disse ela.

Senti uma umidade se estampar no meu rosto, a mais ou menos um centímetro e meio do canto do lábio. Ela se afastou devagar e, como eu não fiz nada, ela virou para o sofá e desvirou imediatamente, colhida pelo pulso.

– Aonde é que você vai?

A região beijada secava com um frio localizado, e Laila gemeu porque eu tinha puxado o braço ruim. Beijeí seu ombro. Me certifiquei que passou. Respirei por cerca de três segundos com a testa colada na dela, tentando restaurar o momento. Por fim, dei uma risada nervosa, e ela me empurrou para longe, dando um tapa na coxa, sacudindo a cabeça; e riu também, e me puxou de novo.

THE END

Iniciar novo jogo – [Volte para o 1.](#)

Entendi.

Puxo o queixo dela e a beijo na boca.

Sim, pois é.

Vá para 28.

MISSÃO 1

Agora que consertei o problema – o HD do sistema estava podre, salvei os dados e pus um novo com o Windows XP SP3 –, Samara restaurou uma partida de *The Sims*. Não há nenhum mal em perder um mês ou dois de vida com um jogo desses, ela devia estar pensando, como eu pensava com a idade dela. *Depois eu estudo essa matéria*, devia pensar também (e isso explicava as notas dela).

– Senta aqui – disse ela.

Ela tinha alternado o *The Sims* com uma página de internet. Na página havia um teste de pureza, daqueles que perguntam se você já fumou maconha e já fez sexo ao ar livre, atribuindo-lhe uma pontuação por isso.

– Faz aí.

Obedeci. Menti para cima nas respostas. Ela escrutinou meu resultado sem muita empolgação.

– Hum.

Me olhando com uma característica torção nos lábios, puxou de um livro de física da estante, o abriu e pescou de lá o resultado dela, impresso.

Percorri a folha sem me deter muito e acenei com a cabeça, reconhecendo a massacrante derrota. Pedi o cheque que o pai dela tinha me deixado. Samara abriu a gaveta com chave para mim, mas, retendo o cheque e estudando a minha cara, observou:

– Que que você tem, André?

– Estresse.

– *Desânimo*. – sentenciou ela.

– *Desânimo*. – consenti, com sono.

– Você não foi trabalhar com computador porque gostava?

– E hoje eu odeio.

– Ué, vai fazer outra coisa.

– É o que estou dizendo. Não existe trabalho divertido.

– Muda de profissão. Ainda tá em tempo pra você.

– *Obrigado*.

– Isso aí. *Ganbatte!!*

Aquela sucessão de frases de incentivo com certeza saída de algum anime de quinta me irritou profundamente. Decidi furar o roteiro dela:

– Você é muito novinha. Depois vai ver o mundo como ele é.

Imediatamente me veio uma onda de mal-estar por ter dito aquilo para aquela menina que ainda nem tinha começado a vida. Ela pareceu estilhaçada pelo meu comentário, e me deu conta disso me encarando de forma dura, punitiva.

Eu tenho 25 anos. Ela, 16.

Recolhi as coisas, o cheque, disse o que tinha de dizer (“até mais”, “qualquer coisa me liga”), e me aproximei da saída. Ela tinha retomado o *The Sims*. Mas de repente olhou para trás e mandou:

– André. Gosta daqueles jogos de fuga do quarto?

– Gosto. Por quê?

– Pra saber.

Revirei os olhos e fui.

Se você aceitou o **amuleto**, vá para **11**.

Se você **NÃO** aceitou o **amuleto**, vá para **101**.

– Isso não acabaria bem – respondeu Mayumi. – Ou Samara acorda e destrói vocês dois, ou Rosana mata vocês dois. Você desautorizou as duas. Mas exatamente por isso, eu pude fazer alguma coisa.

– Então você não morreu?

Mayumi ignorou minha pergunta.

– Te dei uma oportunidade. Tudo isso pode ser esquecido se eu preencher o espaço que elas ocupavam. Para isso, temos que ir para outro momento. Basta você concordar.

Ela me estendeu uma mãozinha de porcelana.

Você vai com Mayumi – Vá para 203.

Você não vai com Mayumi – Vá para 8.

– Não, Samara. Você está confusa. Você não é nada disso. O que você está falando não faz o menor sentido...

Eu disse isso enquanto a abraçava e fazia cafuné em sua nuca.

– Você sabe de tudo? Está em todos os lugares? Conhece até os pensamentos da minha cabeça, domina os universos paralelos? Não. Então para de querer ser deus, menina.

Dei-lhe um beijo na testa, rindo devagar. Fingi que não vi a lágrima escorrendo de seu olho.

Nisso, o Mestre entrou no quarto. Não sei o que ele pensou da cena. Não fez cara nenhuma, não falou nada. Pegou um livro e saiu.

Vá para 48.

Mayumi mora no 410 de um cabeção-de-porco próximo a uma favela. É um quitinete, apelido para cozinha minúscula. Nem chego a entrar nela. De meias, ponho a mesa de tampo de vidro junto à janela; na qual sentamos para comer à luz de postes e lâmpada de 60 watts.

Em tupperwares retangulares ela tinha disposto: creme de vagem, polenta cortada, arroz maluco, carne assada e empadinhas de queijo. Me servi de um pouco de tudo.

Não consegui comer muito.

Sua boca de botão se movia transversal, educada, para mastigar, o queixo apenas ondulando; fazia isso num tempo, sorrindo com os olhos sem usar as pálpebras. Pairava o garfo e a faca sobre o prato sem nunca largá-los. Me olhava a intervalos regulares, quando não estava fitando a comida, selecionando o próximo bocado com muito cuidado, ou a rua pela janela. Eu me comovia, e não comia. Entreguei o prato semicheio.

Ela foi lá dentro e voltou com duas gelatinas vermelhas e colheres.

– Tem pudim também – disse ela antes de depositá-las na mesa.

Eu disse que gelatina estava bom. Apanhei a colher e comecei a comer. Fui colocando a goma na boca e engolindo sem esperá-la se dissolver; repeti o movimento até esgotar meu pote.

– Mayumi – disse eu, me dobrando sobre a mesa. Toquei nos dedos dela, que envolviam o pote de gelatina. Ela me olhou com uma surpresa um tanto ensaiada. Não importava. – Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Andei pela rua desolado. Tendo aquela aventura paralela, eu estava cumprindo os desígnios de Rosana: *te ordeno, seja livre*. Não podia dar a Mayumi o final feliz que ela queria. E algo me dizia que era melhor não brincar com ela.

Com nenhuma das duas.

Se você falou com Dafne na ZYX Traduções, [vá para 84](#).

Se você falou com Elza na ZYX Traduções, [vá para 135](#).

– Você é que está fazendo isso comigo? Os ataques, as mulheres, a favela?

No que falei isso Samara levantou a cabeça e deixou-a parada, apenas as pupilas percorrendo todos os cantos da órbita. Não olhava para mim.

– Pode ser – disse ela finalmente. – Confesso. Sou eu. Eu tenho... habilidades, André.

Sua voz estava diferente. Mais grave, adulta.

– Por quê?

Por que eu. Por que você. Ela não respondeu, só parou o olhar em mim.

“É você que eu quero” – as palavras exatas, como se ditas com a voz dela, ecoaram em minha cabeça.

Eu sentia o ar à volta mudar. Eu sentia o mundo pesar. A pressão pressionar. Minhas certezas trocavam de lugar, saltavam para o outro lado porque esse estava afundando.

Ela? Sorria e chorava, em plena felicidade. Estava fazendo coisas. Eu não sabia o que estava acontecendo, apenas que algo estava acontecendo. E que eu estava na mão dela.

De repente, tudo sossegou.

– O que você fez?

Eu devia mesmo estar ficando louco. Tudo o que havia ali era uma menina parada chorando na frente de um cara. Nada havia sido feito. Nada.

Ela se chegou e me envolveu, morna e macia.

– Me inseri no livro dessa Laila via sugestão mental. Ela é perigosa. Ao contrário de mim, ela não sabe os poderes que tem.

– O de tornar realidade o que escreve.

– Nada! Ela só põe no papel o que capta.

– Então também não foi ela.

– Por que você fica tentando encontrar um culpado?

– Não tem nada a ver com culpa. É só... responsabilidade. – Refleti um instante. – Você poderia impedi-la de escrever?

Samara se afasta, me olha, e devolve:

– Se você pudesse, você a impediria?

Sim – Vá para 251.

Não – Vá para 139.

“Por que jogo isso se eu sei melhor que ninguém que não é nada realista, você pergunta?”

“É. A rapidez com que trocam os pentes nesse jogo é ridícula, também não sei de fuzil que nunca emperre, nem os russos. Mas é bom pra se distrair. Só sinto falta mesmo é de aguentar o ritmo do coice no braço.”

“Cês têm uma ideia muito errada da gente. Eu não vivo de arma na mão procurando encrenca. Nada disso. Ando armado quando quero impor respeito ou por segurança. Gosto de tranquilidade. Agora, por exemplo, estou na minha, jogando videogame... Eu hoje estou jogando um violento mas também gosto de outros tipos. Verdade que prefiro esses. Me sinto tão bem. Parece que inspirei alguma coisa, sabe? Inspirei tudo errado, mas inspirei. É muito doido isso, cara, muito doido. E esse eu fui na loja e comprei, original. Fiz questão. Jogar minha vida original.”

Ele dá risada, ha ha ha. O teto cai sobre sua cabeça. A metralha é tão rápida que ele ainda segura o controle, morto.

O cativeiro onde mantinham Fred foi estourado. Fred está bem.

MISSION CLEAR

Vá para 185.

Ao sair dali e ouvir os roncões do céu preto, me meti no primeiro ônibus que remotamente me servisse.

Vá para 64.

Penso que, na verdade, eu era péssimo nisso. Deixa para lá.

Vá para 235.

Glossário

“[FULANO] JOINED YOUR PARTY!”

“[Fulano] juntou-se ao seu grupo”. É a expressão usada em RPGs para anunciar que, de agora em diante, determinado personagem vai andar com o personagem principal e ajudá-lo nas batalhas que porventura surgirem.

ACTION FIGURE

Boneco articulado que representa um personagem de ficção, geralmente de videogames, quadrinhos, filmes ou seriados.

ADVENTURE

Gênero de jogo mais focado na história em que é preciso combinar objetos e resolver puzzles (enigmas) para prosseguir. Exemplos: *Myst*, *King's Quest*, *Monkey Island*.

BACKUP

Cópia de segurança. Caso haja perda de dados, arquivos podem ser recuperados a partir dela.

BESTA (OU BALESTRA)

Arco horizontal montado sobre uma base que serve para atirar setas, exigindo menos força do atirador do que o arco tradicional.

BESTA TESTER

Testador da versão preliminar (versão beta) de um programa ou jogo eletrônico. O leitor da versão preliminar de um texto costuma ser chamado de *beta reader*.

BOXE (OU BOX)

Cubículo alugado que funciona dentro de uma loja maior com dezenas de cubículos idênticos. Muito comum para a venda de produtos e serviços de informática no Brasil.

BUGADO

Que tem *bug* (defeito de programação).

CAMARO

Carro clássico da Chevrolet cujo projeto original tinha um motor bem potente e barulhento.

CHAT

Sistema de mensagens instantâneas, com ou sem vídeo/áudio, que duas ou mais pessoas podem usar para conversar à distância, cada uma em seu computador.

CHEAT CODES

Códigos para trapacear no jogo. Dependendo do código, o personagem pode obter mais armas, mais vidas, invencibilidade, pulos mais altos, etc.

COOLER

Ventilador que refrigera o interior de um gabinete de computador para evitar superaquecimento das peças, especialmente da fonte. SevenTeam é uma marca famosa.

COSPLAY

Do inglês *costume play*. Quer dizer se fantasiar como um personagem de desenho ou videogame.

CUTSCENE (OU CINEMATICS)

Vídeo não interativo entre duas seções interativas do jogo eletrônico. Teoricamente, pode servir para desenvolver melhor os personagens e a história. Muitas vezes serve como nexos entre dois níveis do jogo.

DATING SIM

Também *dating game* e outras denominações. Jogo (às vezes pornográfico) com protagonista masculino no qual o objetivo é cortejar e conquistar garotas; nesse caso, é chamado de *bishôjo*. Também existe a versão com protagonista feminina em busca de garotos, denominada *otome*.

DRIVER

Programa de computador que faz a ponte entre o sistema operacional e um equipamento físico do computador.

DROP

São os artigos que um inimigo deixa cair ao morrer. *Taxa de drop* é a probabilidade de um inimigo deixar algo cair ao morrer. *Dropar* é deixar cair ao morrer.

DUNGEON

Masmorra.

EASTER EGG

Literalmente, “ovo de Páscoa”. Surpresa escondida dentro do jogo que, geralmente, faz referência à vida real ou a outras obras.

EMOTICON

Símbolos formados com sinais de pontuação e letras que, vistos de lado, se parecem com carinhas humanas. São usados para expressar emoções em textos pessoais na internet. XD, por exemplo, significa uma risada com os olhos apertados.

EMPOWERMENT

Palavra que costuma ser traduzida pelo neologismo *empoderamento*. Vem dos movimentos de direitos civis dos Estados Unidos. Significa dar a alguém (por exemplo, aos trabalhadores de uma empresa) os meios para adquirir mais controle sobre as próprias decisões.

ESCAPE GAME (OU JOGO DE FUGA)

Subgênero de jogo *adventure* em que é preciso encontrar e combinar objetos para escapar de um recinto fechado. Sua duração costuma ser mais curta do que a de um jogo normal.

ESCORT MISSION

Ou *missão de escolta*. Em jogos, missão que consiste em defender um ou mais civis indefesos levando-os por uma área perigosa, com inimigos. Se essa(s) pessoa(s) morrer(em), a missão fracassa. Apesar de aparecer frequentemente, é abominada pela maioria dos jogadores.

FANFIC

Abreviação do inglês *fan fiction*, ou “ficção de fã”. Texto criado em cima de personagens e situações de um autor por outra pessoa, um fã.

GAMER

Aficionado por jogos eletrônicos.

GTA

Grand Theft Auto. Série de jogos polêmica que consiste em uma cidade digital em tempo real a ser explorada pelo jogador cumprindo missões criminosas, pilotando veículos e desafiando a polícia, com

subtemáticas sexuais.

HACKER

No contexto desse livro, é alguém envolvido com invasão e modificação de sistemas de computação com uma abordagem *punk* e uma motivação pessoal. *Hackear* seria fazer isso e *hackeado* seria o objeto de jogo modificado ilegalmente.

HASTE

Apressar em inglês. Num jogo eletrônico, é um tipo de magia que um personagem usa para apressar ações – suas ou dos outros.

HENTAI

Termo genérico usado no Ocidente para designar pornografia desenhada japonesa.

HIGH SCORE

Pontuação mais elevada no pódio de um jogo.

LED

Sigla de “diodo emissor de luz” em inglês. Tipo de lâmpada utilizada em aparelhos eletrônicos (especialmente no botão liga-desliga).

LEVEL

Tem dois sentidos. Pode ser a *fase* de um jogo, que pode conter um subchefe a ser derrotado; e pode ser o *nível* do personagem (especialmente em RPGs), que vai subindo conforme ele adquire experiência e engloba subitens como vitalidade, resistência e magia.

LIFE

Vida em inglês. Dado do jogo que simboliza a vida do personagem. A vida é representada geralmente como uma barra no canto da tela ou número de pontos (HP, *hit points*), e diminui conforme o personagem vai sofrendo danos. Pode aumentar de novo se o personagem descansar ou usar um dos itens de recuperação disponíveis no jogo (por exemplo, kits de primeiros socorros e alimentos).

LOOT

Despojos de batalha dos inimigos derrotados. Em português, poderia ser traduzida por *butim*; quando usada como verbo (*to loot*), quer dizer *saquear*.

MAIN QUEST

Missão principal do jogo. Concluí-la conclui o jogo.

MAVERICK GT (GRAN TURISMO) V8

Carro clássico da Ford que foi fabricado no Brasil entre 1973 e 1979. Sua primeira configuração nacional tinha motor V8.

MMORPG (OU SIMPLEMENTE MMO)

“Massive multiplayer online role playing game”. RPG jogado em rede entre milhares de jogadores ao mesmo tempo, em que a história avança mas não há um final. Exemplo: *World of Warcraft*. (Ver RPG)

MOD

Modificação visual ou funcional em um jogo ou aparelho feita por terceiros (que não os fabricantes originais).

MUNDO ABERTO

Quando o jogo tem poucas ou nenhuma restrição de movimentação geográfica. O que limita a movimentação do jogador na realidade é o seu nível de habilidade. Exemplos: *GTA*, *Red Dead Redemption*, a maioria dos MMOs.

NOOB, NOOBA

Grafia alternativa de *newbie* (“novato”, em inglês). Alguém que ainda não absorveu as normas sociais de determinado ambiente, especialmente um ambiente virtual. A forma feminina *nooba* é invenção brasileira.

NPC

Non-player characters (personagens não jogadores). São os figurantes e coadjuvantes do jogo, controlados por inteligência artificial.

OWNED

Exclamação de vanglória dita ao perdedor após uma derrota humilhante – não necessariamente por aquele que o derrotou, mas por qualquer testemunha da derrota. E não necessariamente em jogos. (variações: *ownar*, *ownado*, *ownage*, *pwned*...)

PARTY

Seu grupo aliado num jogo de RPG.

PUZZLE

Literalmente, *quebra-cabeça*. Problema, enigma ou dilema a ser resolvido com astúcia, e não pela força, dentro de um jogo.

QUEST

Missão em um jogo.

RESPAWNAR

Forma aportuguesada do verbo inglês *to respawn*. O inimigo respawna quando renasce no mesmo local algum tempo depois de ser morto – geralmente algum tempo depois que o jogador saiu.

ROUBAR KILL OU KILL STEAL

“Roubar kill” é quando um jogador espera outro quase matar um inimigo e só entra na briga para desferir o golpe de misericórdia, “roubando” assim os pontos daquele que teve a maior parte do trabalho. É um ato considerado extremamente antiético, e pode acontecer sem querer (ver **level**).

RPG

“Role playing game”. Originalmente, um jogo de mesa sem tabuleiro em que cada jogador do grupo interpreta um papel em um mundo de fantasia coordenado por outro jogador (o “mestre”). Surgiram muitas variações, entre elas o livro-jogo de aventuras para jogar sozinho, com dados e outros materiais. Há também o RPG eletrônico. Em qualquer um deles, conforme a aventura se desenrola, o personagem de cada jogador vai acumulando pontos de experiência, destreza, força, inteligência, entre outros, com o objetivo de se tornar mais forte e derrotar os inimigos.

SAFE SPOT

Lugar imune aos ataques de inimigos em jogos.

SANDBOX

Jogo que não tem um objetivo ou roteiro declarados e foca na liberdade de ação do jogador. Exemplo: *Minecraft*.

SAVE GAME (OU SIMPLEMENTE SAVE)

Jogo salvo em um determinado ponto de seu progresso para ser continuado depois.

SAVE POINT

Ponto que permite ao jogador salvar seu progresso até o momento.

SCHRÖDINGER

O gato de Schrödinger é um experimento mental criado para demonstrar alguns supostos absurdos deriváveis da aplicação da física quântica de Bohr. Nele, um gato é lacrado em uma caixa que irá liberar veneno caso uma partícula subatômica decaia (o que é um evento aleatório). Segundo a escola de Copenhague, seria preciso considerar o gato vivo e morto ao mesmo tempo até o experimento terminar, mas ao abrir a caixa o observador teria certeza do estado do gato ao vê-lo vivo *ou* morto, e não um gato zumbi. André comete um erro ao tentar encaixar a situação que viveu nesse conceito; ele só poderia culpar alguém dentro da história por *ter aberto a caixa*, e não por *ter criado a caixa* ou *matado o gato*.

SIDE QUESTS

Missões secundárias do jogo, opcionais. Histórias auxiliares ao fio condutor da história do jogo. Geralmente é preciso completar algumas *side quests* para tornar a *main quest* (missão principal) mais fácil de superar. Outros jogadores as completam por querer ver mais do que o jogo tem para mostrar.

SPAM

E-mails não solicitados, especialmente de propaganda para produtos e serviços pagos.

SPOILER

Do inglês *to spoil* (estragar). Spoiler é a revelação de algum detalhe crucial do enredo de uma história

TASER

Arma de choque, fabricada pela Taser (nome comercial).

THE SIMS

Simulador da vida humana cujo objetivo é fazer os personagens, criados e controlados nos mínimos detalhes pelo jogador, terem vidas gratificantes e realizadas.

TOP DE LINHA

Jargão para modelo de computador com as melhores tecnologias do mercado em uma determinada época.

UPGRADE

Atualização de modelo ou versão antiquado de computador ou programa.

WALKTHRU (OU WALKTHROUGH)

Guia detalhado de como completar o jogo, inclusive indicando onde segredos podem ser encontrados. Também conhecido como *detonado* ou *passo a passo*. O walkthru é visto como muitos jogadores como trapaça. Outros o consideram um recurso legítimo a ser usado apenas em caso de extrema necessidade. Pode deixar qualquer jogo sem graça caso seja usado em demasia.

Agradecimentos

à equipe de *Owned – um novo jogador* – Filipe Moura (designer) e Vinícius Lima (ilustrador) – por terem ido além de seus papéis, oferecendo tantas boas ideias (e videogames emprestados);

a Rodrigo Sousa pela consultoria técnica (e videogames emprestados);

a Helloara Ravani pelo incentivo para começar;

a Antônio Xerxenesky, Daniel Galera e Daniel Pellizzari pelas dicas de leitura sobre games;

a Bruna Beber pelas dicas de marketing viral;

a Fabiano Vianna pela sugestão de nome de domínio;

a Diana de Hollanda pelos papos matemático-literários;

a Oswaldo Chateaubriand, por generosamente me deixar frequentar sua aula de Lógica Matemática, e a todos os seus alunos;

aos beta testers e amigos (ainda não citados) Aline Coelho, Alexandre Rodrigues, Ana Maria da Silva, Anastha Machado, André Pontes, Bolívar Torres, Carla Pilla, Carolina Leal, Cecília Cavaliere, Christianne Basílio, Desirrê Oliveira, Dimitri Rebello, Felipe Gomes, Félix Cornejo, Fernanda Lobo, Gabriel Dias, Guilherme Bezerra, Hector Lima, Henrique Nobre, Henrique Santos, Isabelle Americano, Ismar Tirelli Neto, João Paulo Cruz, Juliana Fausto, Laís Alcântara, Leonardo Ferreira, Márcio Senna, Marina Boscato, Marina Hofmeister, Mariana Rêgo, Marília Garcia, Marjorie Toledo, Martin Motloch, Melqui Barros, Mônica Surrage, Nataniel Strack, Olavo Amaral, Paulo Scott, Pedro Henrique Muniz, Péricles Júnior, Rafaela Machado, Roberto Cardadeiro, Sabrina Carvalho, Stephanie Fernandes, Thadeu Santos, Thiago Ibsen, Victoria Saramago, Wilson Reis;

a Ada Augusta Byron King, Lady Lovelace, mãe da computação;

a minha mãe, Sandra, por me ensinar a não desistir;

a meu pai, José Henrique, por me fornecer livros desde criancinha e me emprestar material sobre lógica;

e ao meu padrinho, Antonio Dias, por ter me dado tantos videogames de presente.

Preferi listar as muitas **influências e recomendações** relativas a *OWNED – Um novo jogador* no site, www.novojogador.com.br. Há livros, videogames, filmes e outras obras.

Sobre gêneros

Texto escrito em maio/2010 e publicado na Revista de Não Ficção n. 3, Não Editora, de junho/2011.

Quem quer resistir à classificação de videogames como arte costuma procurar argumentos na interação destrutiva proporcionada por alguns deles. Frequentemente sem terem fruído do que criticam, desconhecem que muitos jogos justapõem elementos estratégicos, educacionais e criativos aos de fantasia e carnificina. Assim como na literatura, não há gêneros puros nos jogos eletrônicos.

Outro problema é que o que seria chamado de *kitsch* segundo critérios estéticos tradicionais está bem à vista (e é posto em uso) em muitos videogames – pelo menos, nos que ganham espaço na imprensa e, portanto, a atenção dos detratores. É como se toda a literatura fosse julgada com base em Dan Brown e Bruna Surfistinha.

Para alguém que *não* cresceu jogando, a justaposição mal interpretada somada ao desgosto de ver o (às vezes suposto) *kitsch* em destaque desestabiliza ou invalida os critérios tradicionais de admissão ao cânone – fica-se sem saber como julgar e, portanto, o que pensar. Para alguém que cresceu jogando todo tipo de jogo, como eu, o ostracismo sumário dessa mídia por preconceito e falta de bases teóricas parece a maior das injustiças.

Talvez, como nos estudos de literatura, seja bom começar a criar bases teóricas. Não me proponho a tanto; pretendo apenas, nesse artigo, falar um pouco sobre gêneros de jogos, sua história e ao que eles se propõem. Sendo assim, eu gostaria de começar por um gênero de jogo com um forte paralelo literário: o adventure.

1. Twisty little maze of passages

No gênero de videogame conhecido como adventure, o jogador precisa digitar, clicar ou selecionar a ação, opção ou resposta do personagem à situação em que se encontra – em geral, uma enrascada. A *Colossal Cave Adventure* (1976), descendente direta de RPGs¹ como *Dungeons & Dragons*, inaugurou o gênero. Trata-se de uma aventura composta somente de texto feita para funcionar num pré-histórico mainframe. No decorrer dos anos, com o advento do computador pessoal (PC), empresas como a Sierra e a LucasArts adicionaram gráficos, humor e inventividade aos textos; os adventures viraram minas de dinheiro, até definharem em meados da década de 90. O aumento da capacidade de processamento dos PCs permitiu aventuras totalmente gráficas, sonorizadas e *velozes*, praticamente matando os jogos que se baseavam em texto.

No campo literário, livros infanto-juvenis onde “você era o herói” foram muito populares nos anos 80. Escolha a Sua Aventura, ficção interativa, livro-jogo, RPG – atendiam por muitos nomes e possuíam inúmeras variantes, mas a ideia era a mesma: aventuras cujos caminhos se bifurcavam consecutivamente, desembocando em finais diferentes. O leitor fazia sua opção e saltava à página correspondente à

alternativa escolhida, até atingir um dos finais. Se quisesse ver outro final, deveria voltar ao início.

Além de colocar o jovem leitor como epicentro de aventuras fantásticas, esses livros eram propalados como incentivo à leitura. De fato, ofertar opções é um ótimo meio de mostrar a graça da leitura – *mostrar, não contar*. Ao solicitar a intervenção ativa do leitor, o autor ressalta o mecanismo que faz a leitura funcionar: a participação do leitor. Fazer o leitor trabalhar mais do que o normal é que pode despertá-lo para os prazeres de preencher as lacunas do texto com sua mente.

Li poucos livros do gênero, mas joguei inúmeros adventures estrangeiros no PC. Eu não sabia inglês, mas fui aprendendo enquanto jogava, debruçada sobre o dicionário, tropeçando na sintaxe, tal era a tensão ficcional que os jogos eram capazes de produzir. A história não prosseguiria sem minha intervenção. Era muita responsabilidade...

Desde os 7 anos eu jogava todo tipo de coisa no PC do meu pai. Mas foi meu padrinho que me mostrou os primeiros adventures, que obtinha por BBS. Aos 13 (1996), quando fui levada à obrigatoria Disney, arrematei um lote desses jogos (e um de tiro em primeira pessoa) num shopping com os dólares que meu pai tinha me dado. Para mim, foi o ponto alto da viagem. Nessa época, com algum esforço, eu entendia cada piada do jogo. Quando obtive acesso à internet, uns dois anos depois, rastreei até mesmo “antiguidades” de mecanismo pré-Windows, em que era preciso digitar comandos, como *King’s Quest* (roteirizado por uma mulher, Roberta Williams) e *Leisure Suit Larry* (jogo de humor pornô para maiores de 18, mas não, não esperei ser de maior para jogar).

2. Fantasia e perigo

Falando em mulher e em proibidão, façamos um resumo bem grosseiro da história dos estereótipos femininos nos games, deixando claro que, aqui e ali, houve exceções e brincadeiras com eles, como em *Jill of the Jungle*, *Metroid* etc.

Era esquisito uma menina gostar de videogames nos anos 80. Você não tinha muito com o que se identificar: passava o jogo inteiro cativa na jaula de algum monstro e só se via no final, beijando o herói. Nos anos 90, você passou a poder ser também metralhada pelo herói e comida pelo herói (*Duke Nukem*), e lá pelos meados da década veio a Lara Croft (*Tomb Raider*), que abriu precedente para heroínas duronas, independentes e/ou seminuas. Só nos anos 2000 é que protagonistas femininas bem-desenvolvidas e um pouco mais vestidas começaram a aparecer regularmente em videogames, como April Ryan (*The Longest Journey*) e Jade (*Beyond Good & Evil*). Até hoje o mais comum é a mocinha apaixonada ou a *femme fatale*.

Mas isso não foi invenção dos videogames. Basta olhar para a história do mundo, de Helena de Troia ao *star system* de Hollywood, passando por Madame Bovary e Manon Lescaut: a mulher costuma ser muito usada como tela em branco. É nela que a humanidade projeta seus desejos, metas e medos. Mulher é graal. E eu acho isso interessante.

Na minha adolescência havia literatura destinada às moçoilas, mas a maioria era metida a engajada ou “diário íntimo” com *soft porn*. Eu também não me identificava ali. Corri para os videogames, que pelo menos não me tratavam como um maldito botão de rosa. Eles me envolviam, me desafiavam e, muitas vezes, me deixavam escolher o caminho. E eu não gostava só de jogos pacíficos. Passava dias metralhando demônios e aliens e pensando em munição e estratégias de batalha (em um PC, aliás, comprado com dinheiro oriundo das espingardas do meu avô caçador), pausando apenas para estudar,

comer e jogar voleibol. Às vezes, usava algum código trapaceiro para cometer um monstrocídio e passear tranquilamente pela fase vazia, não tanto para reconhecer o ambiente virtual, mas para dele desfrutar – diziam que a rua carioca real era muito perigosa... especialmente para uma menina. Comecei a construir fases² baseadas no bairro em que eu morava. E outras completamente fantasiosas.

Só voltei a ler literatura (adulta) no ensino médio. Foi então que bateu a vontade de escrever. E, depois de um ano de trabalho, saiu *No shopping*, meu primeiro livro, publicado aos 17 anos. Em 2000 a última moda era disparar contra os colegas de escola, mas, no meu caso, afoguei o ímpeto destruidor e deixei brotar o criador.

Criação e destruição. Isso é importante. Para as moças, é muito mais difícil encontrar formas socialmente aceitas de dar vazão ao impulso destruidor. Muitas descambam para os jogos psicológicos – fofocas, *bullying*, agressividade passiva, ciúmeiras, arrivismo –, isso quando não voltam sua energia agressiva contra si próprias e começam a se cortar ou esfaimar. *No shopping*, por sinal, é praticamente feito de jogos de poder.

3. Romance e narrativa

Walter Benjamin já disse que narrativa é comunicação de experiências. Essas experiências não precisam nem mesmo ter sido vividas em primeira mão – a pessoa pode ser muito lida, por exemplo. A experiência que minha geração tem a transmitir passa necessariamente por jogos eletrônicos. Recorro a metáforas de jogo até ao dar um conselho sentimental para uma amiga.

Tentar dar conta disso em um romance pode ser problemático. E digo *romance* na conotação benjaminiana de jornada do herói até a morte com análise psicológica, em contraponto à *narrativa*, que se alastra em diversos personagens e evita explicações. Pense n’*As 1001 noites*. Sherazade não se preocupa em aprofundar psicologicamente seus heróis nem em explicar a fonte dos eventos mágicos, mas retém a atenção do sultão até a última história. É tudo fantástico, mirabolante e nem um pouco coeso. Isso é narrativa.

Ora, se *As 1001 noites* se preocupassem em explicar e aprofundar tudo, seriam bem mais longas. E chatas! Sherazade não viveria até o final do livro, decepada por um sultão entediado.

Por toda a história do pensamento ocidental, autores da banda de cá creem que as pessoas ficarão insatisfeitas sem uma explicação; precisam provar que são capazes de encontrar uma, e *moralmente satisfatória*. A mocinha é promíscua *porque* sofreu abuso sexual na infância; o rapaz é feroz na guerra *porque* chacinaram sua família. Há menos espaço para o mistério em favor da informação inequívoca.

Um efeito colateral disso pode ser identificado no cinema de entretenimento atual, que recorre a personagens demais e elipses demais na tentativa de instigar o público e proteger o segredo do desfecho. Resultado: filmes de três horas com ação e reviravoltas frenéticas, mas com personagens tronchos e paradas bruscas para explicar a situação (para o público médio ou para o fantasma iluminista).

Por trás dessa esquizoinflação está a imagem que a indústria ou o produtor cultural faz de seu público e do mercado. Há nessas estratégias uma vontade de agradar a todo mundo ao mesmo tempo, ou melhor, um medo de serem decepados por espectadores entediados – tiro que sai pela culatra. Talvez falte a sabedoria de admitir que nem tudo cabe numa só história. Especialmente uma história linear. Quando ela procura abarcar tudo, fica inchada ou problemática.

4. Interlúdio

Quem está acostumado a histórias lineares tende a pensar que um final é o único final possível. Todos os momentos que o antecederam só poderiam conduzir a ele. No romance tradicional bem-construído o caso é esse.

Mas uma geração criada com videogames não fica feliz com “felizes para sempre”. Se a partida foi boa, queremos voltar e explorar várias possibilidades, até mesmo as ruins. E, se as encontramos, seja antes ou depois dos desfechos *bons*, não há frustrações – há desafio. Não há desespero – somente novas tentativas. Se morremos, há outras vidas, outras partidas. Nada precisa ser definitivo. Afinal, não há risco real. Há envolvimento emocional, mas não há risco. (Se isso pode gerar uma certa passividade com relação à vida real, aí já é outro problema.)

E quanto ao apego? E quando queremos que algo seja definitivo? É possível se determinar o quão “para sempre” queremos manter certa linha narrativa como nossa versão final? Como resguardar nossa versão preferida? É a primeira em que chegamos? É aquela que elogiamos para os amigos? E o mais importante: ainda existe tal preocupação com um final-final?

5. Tit for tat

Há tempos que penso no jogo como uma das formas de convivência possíveis entre concisão e prolixidade na literatura. Na metade de 2008 surgiu a ideia de escrever um livro-jogo com temática de jogos que exacerbasse o jogo textual, levando em conta mais de um tipo de leitor modelo. Além disso, queria dizer algumas coisinhas sobre a falsa dicotomia mulher sujeito-mulher objeto.

Inscrevi essa missão autoproposta no Petrobras Cultural 2009 e, em 2010, fiquei sabendo que foi contemplada. Esse projeto, chamado *OWNED*³ – *Um novo jogador*, vai estreiar como livro-jogo na internet, mas também existirá em papel.

Baseada no Dilema do Prisioneiro,⁴ gerei toda uma partida imaginária na minha mente. Nela, o leitor pode se tornar meu oponente ou jogar do meu lado. Eu sou prisioneira da linguagem, e o leitor, da minha narrativa. Dependendo das cooperações e traições, podemos atingir finais ótimos ou terríveis.

O livro-jogo está constituído de forma a mobilizar o prazer de agência do leitor⁵, para que ele se sinta gratificado ao entrar na pele genérica do personagem, interferir e obter um resultado satisfatório (aventura, sexo, violência). De início, vai ser um prazer bobo, moleque. Mas suas escolhas terão consequências. Nas mãos do leitor, o personagem André pode ir de completo canalha (Lei de Gérson) a completo mané (homem cordial), com gradações intermediárias. Até a mais extravagante cena de sexo que escrevi tem sua ética – gerada por Andrés diferentes, moldados por leitores que buscam conhecer múltiplas possibilidades (ou moldados por mim ao pensar nesses leitores). Quero fazer o leitor se perguntar a cada final: *Esse sou eu? Minhas escolhas moldaram esse tipo de pessoa?* ou *Por que ela está fazendo isso comigo?*. E quero que, mesmo ao se sentir injustiçado, o leitor veja um propósito – melhor, *ache graça* – em cada final.

6. Livre arbítrio, uma ova

Sei que não estou inaugurando nada. Calvino e Cortázar estão entre os autores que concederam opções aos seus leitores. Afinal, *também para o autor* chega a ser doloroso ter que cortar caminhos alternativos. E dar opções ao leitor até adquire uma aura de socialização do poder, de esvaziamento do complexo de deus do autor. Do que discordo.

Embora cause fascínio, no fundo dar opções ao leitor é uma falsa liberdade e um falso risco. Eu, a autora, faço as regras. Eu sou o Houdini, amarrada e acorrentada dentro de um baú dentro de um aquário. Você pode pensar: *meu deus, como é que ela vai sair dali??* Ora, é tudo planejado! O escapista é um ilusionista. Você vai abrir aquário e baú e não vai ter ninguém dentro: vou reaparecer ao lado da minha assistente sã e salva. É tudo de mentirinha.

Não que isso seja pouco. O público do Houdini que o diga.

O fato das pessoas quererem um pouco de aventura, emoção e risco em suas vidas implica que sejam enganadas e manipuladas (numa ilusão consentida – a suspensão de descrença) *ou* em que incorram em algum risco real. Em *Dom Quixote*, o escudeiro Sancho Pança é constantemente engabelado pela louca certitude do cavaleiro-título, correndo riscos reais por conta de riscos imaginários. O romance fez tanto sucesso que, dez anos depois, Cervantes lançou o segundo volume, pleno da repercussão do primeiro. Na continuação, Sancho Pança inverte a relação e, prático, começa a tirar vantagens reais da loucura do amo, até porque toda sorte de ricaço entediado acha graça naquela loucura e financia estratégias para trazê-la à baila. A suspensão de descrença vira uma coqueluche dentro do livro, como já virara antes entre o público de Cervantes, e, pela mão dos tais ricos, este público passa a *participar e engendrar* as peripécias de Dom Quixote.⁶ Praticamente um videogame – em 1615.

Eu disse que tentar dar conta de tudo isso com um romance pode ser problemático. O Cervantes, que era o Cervantes, precisou de *dois* romances.

OWNED e matemática

Publicado no blog da autora em junho/2011

Como preciso explicar pro meu editor o que ando fazendo, pensei em escrever um texto corrido sobre como está o trabalho com o *OWNED*, meu livro novo. É um livro que se bifurca em mil caminhos. A cada passo você vai ter escolhas, decisões a tomar; e essas escolhas vão ter consequências. O personagem principal é um técnico de informática viciado em videogames cuja vida começa a virar um videogame. É um livro para jovens acima de 18 anos e fala sobre mulher, amor e matemática.⁷

No início, estudei um pouco de teoria dos jogos para tentar simular a existência de leitores como jogadores. O fato de o leitor estar jogando contra ou junto comigo seria determinado pelas próprias escolhas dele. Claro que o fato de eu determinar quais escolhas do leitor seriam possíveis cercearia a liberdade absoluta, mas eu também não tenho liberdade absoluta, senão gssmj iuoius jk kelkj sjdkfnsd tatak. Macacos batucando máquinas de escrever dificilmente escreverão *Hamlet*, e um pouco menos dificilmente “um” *Hamlet*. Então se eu estou cerceada pelas baixas probabilidades de você entender totalmente meu *output* cru, você também está.

Conversei com a Diana de Hollanda sobre matemática num lançamento de livro e ela me contou das aulas de lógica que andava assistindo. Conversei com o professor, Oswaldo Chateaubriand, e ele gentilmente me deixou frequentar a aula. Depois que se inteirou de como era o livro e da matemática que já havia nele (principalmente teoria dos jogos), ele me encaminhou para o estudo de lógica dialógica.

Fazendo um grande parêntesis, eu não conseguia explicar para as pessoas porque eu andava necessitando de matemática e, depois, em que estava me ajudando estudá-la. E vou fazer mais uma tentativa agora.

Voltei a estudar matemática quando quase terminava de escrever o livro. Por quê? Para descobrir do que estive falando o tempo todo. Frequentei a aula e descobri que há abordagens “construtivas” e “não construtivas” à matemática – assim como em alguns finais de *OWNED*, eu e o leitor “perdemos” (não construímos uma narrativa válida). Às vezes, tive que escrever trechos em que eu “perco” (simulo perder), o que significava escrever cenas que faziam sentido para a série de escolhas que as precederam mas me desagradavam pessoalmente. Nos trechos em que eu “ganho” (simulo ganhar), há um final que eu me diverti em escrever, mas com o qual o leitor pode se sentir sacaneado.

Para além do fato de o livro todo ser uma simulação, digo que o leitor *pode* se sentir sacaneado porque o leitor real pode muito bem gostar do final que meu leitor simulado acharia uma traição. Na publicação e na leitura – quando o “programa” rodar todo na cabeça de leitores reais – *sei* que vou me surpreender, mas não *sei como*.

Uma ajuda que a lógica me deu foi para deduzir as regras do meu próprio jogo. Há uma brevíssima instrução de como jogar no começo de *OWNED* (meu pacto narrativo) que pode se passar por regra, mas o que estou chamando de regra aqui são os pressupostos ocultos com que trabalhei ao escrever. Por exemplo: “cada escolha do leitor é uma jogada; como autora empírica, eu posso cooperar ou trair”. Só que fui tão longe escrevendo que não tinha percebido que minhas regras tinham mudado, casado e tido filhos. Uma vez colocando as regras (as antigas e as novas) no papel, ficou mais fácil escrever as últimas linhas.

Sim, *as últimas linhas*. Bem, eu estava batendo cabeça com (para?) completudes, era isso. Eu tinha

começado com regras muito fortes, inexoráveis, e precisei flexibilizá-las para fazer caber a variedade mirabolante dos casos que tinham surgido (os caminhos que eu tinha escrito) depois de criá-las. Ou seja, eu sentia minha canoa furada; a matemática me ajudou a entender que talvez não haja barco perfeito e que não há canoa *certa*, há mais a canoa certa para o rio em questão. Fato: estou trabalhando no último trecho.

Enfim, estou estudando a tal lógica dialógica e descobri que era mais ou menos disso mesmo que eu estava brincando. Aliás, esses dias me passaram também um jogo de cartas relacionado.⁸

Eu não sabia onde estava me metendo. Não sabia onde meu livro ia me levar. Mas certamente não parti da ideia de escrever um livro bobinho, caça-níqueis, frívolo ou experimentalesco sobre videogames. A ressalva é porque, no Brasil, o adjetivo “sério” está grudado como uma craca ao conceito muito feliz de “não picaretagem”. Só que as demais acepções de “seriedade” vazam como uma caneta estourada para esse rótulo e contaminam público e crítica de uma terrível incapacidade de rir e brincar.

Nesse sentido não-picareta eu quero muito ser uma autora séria, mas também não quero abrir mão do lúdico, pode? ‘brigada. É que por mim eu podia jurar que não estou falando sozinha.

Depois vem um artigo, juro que menorzinho, sobre programação.

As regras de formulação do *OWNED*

Comecei com:

Cada escolha do leitor é uma jogada; como autora empírica, eu posso cooperar ou trair. É mais provável que eu coopere após receber uma cooperação e traia após ser traída, mas não há garantias.

Devo dar o que o leitor demonstra querer (por suas escolhas) – mas sempre a um preço.

O livro é mirabolante porque foi todo fabulado por Laila, que é uma escritora inexperiente e pretende ficar rica e famosa com seu livro de fantasia.

Os caminhos serão computacionalmente recursivos na cabeça do leitor. Ou seja, se ele ler *Owned* mais de uma vez, começará a notar que um caminho explica e complica o outro. Ficaré tentado a reler (conceito de *replay value*, eterno retorno) ~~até encontrar a Explicação Maior para a fonte do problema de André.~~

As que surgiram ou foram modificadas enquanto eu escrevia

As escolhas do leitor também vão influenciar sobre a partilha de poder entre André e as meninas. Ao favorecer uma menina (ou o que ela representa), André estará alocando poder para ela. Ao não favorecer nenhuma menina, André estará criando um vácuo de poder (que alguma delas, se oportunista, poderá tentar ocupar... ou não).

Os caminhos serão computacionalmente recursivos na cabeça do leitor. Ou seja, se ele ler *Owned* mais de uma vez, começará a notar que um caminho explica e complica o outro. Ficaré tentado a reler (conceito de *replay value*, eterno retorno) até encontrar a Explicação Maior para a fonte do problema de André. **Mas não há explicação maior porque as possíveis fontes do problema de André são desmembradas segundo a regra anterior (partilha de poder).**

Retcon (continuidade retroativa): juntando as duas regras anteriores, a explicação para a fonte do problema de André (e para todo seu caminho até ali) dependerá de suas escolhas, e tudo será revisado na cabeça do leitor segundo as mesmas. Um personagem só é completamente definido quando você apresenta a última linha escrita sobre/com ele. Sendo assim, dependendo da sua escolha, você pode descobrir que André esteve sendo traído o tempo todo na última linha; e a explicação daquilo por que André passou será diferente para cada caminho trilhado.

Por que o Laerte se veste de mulher

Publicado no blog da autora em julho/2011

Paralelamente à matemática necessária ao *OWNED*, meu livro novo, estudei programação por diversos métodos desengonçados, nenhum dos quais consistiu em aprender uma linguagem de programação o suficiente para criar um programa de computador; mas entendi a alegria da recursão (ou recursividade) computacional. Se eu precisar te explicar “papel”, posso escolher dizer que é uma “pasta fibrosa feita de árvore moída”, mas primeiro tenho que ter certeza que você sabe o que é “árvore”, “pasta”, “fibrosa” e “moída”, porque o conceito que preciso te explicar é recursivo – depende de objetos previamente definidos a cuja *memória* você vai recorrer. (Discute-se se todo conceito é assim, mas nem vou comprar essa briga.)

Tentei criar um livro que pudesse ser lido mais de uma vez. Isso é uma experiência comum para leitores: ler o mesmo livro de forma diferente a cada leitura. As memórias, não só de suas experiências pessoais como *a da própria leitura do livro*, interferem numa segunda (ou terceira ou enésima) leitura. Um livro cujo texto é *materialmente* diferente a cada vez, como o meu, só exacerba essa característica.

Agora vou pedir para você visualizar o *yin*, o princípio feminino-negativo que se opõe ao *yang*. *Negativo* não como ruim, mas como lado B, passivo, receptivo. (Ok, estou começando a soar hippie demais para o meu próprio gosto, mas fiquem comigo, por favor.)

Aí voltamos a toda a história da literatura (de toda arte) e à mulher como a tela em branco em que a humanidade projeta seus desejos, metas e medos. Como expressar algo que só vive na entrelinha? Existe autoexpressão no caso do passivo?

Não vou explicar demais e estragar a experiência, mas se você é absolutamente refratário à menor revelação de enredo ou explicação de obra, é melhor pular para o último parágrafo.

A recursão é um jeito de fazer a entrelinha falar. Cada final do livro é projetado para criar uma ligeira sensação de insatisfação, o que deve fazer o leitor ir atrás de outro final. Ao ler o livro uma segunda vez, ele vai satisfazer algumas de suas dúvidas quanto ao primeiro caminho, mas vai descobrir novas insatisfações e querer tomar outros caminhos para ler ainda outro final. Quando achar que está quase entendendo do que se trata, vai tomar outra puxada de tapete: as regras subjacentes são ainda mais complexas do que pensava. E assim por diante.

Tinha uma brincadeira que eu fazia enquanto trabalhava no *OWNED*: “é programação orientada a mulher-objeto” (assim como o *nouveau roman* é “romance orientado a objetos”). No entanto, elas são o conteúdo e a razão de ser do livro. Meu André nunca é caracterizado fisicamente, e sua caracterização psicológica depende da mulher que ele corteja e das escolhas que você fez por ele. André, como narrador que é, está irremediavelmente ancorado ao próprio umbigo; nunca pode ver as moças conversando sobre ele em sua ausência, *dizendo o que realmente pensam*.

Ou seja, André trabalha no escuro, projetando aquilo que cada mulher deve querer dele e tentando oferecer isso (ou não). Por sua vez, cada moça forma sua própria imagem de André; a maioria delas não está irremediavelmente interessada por ele; segundo as escolhas dele, ela simplesmente não vai estar mais disponível. As mulheres que André vai encontrando ao longo de suas tentativas têm suas próprias vidas, nas quais ele se integra das mais variadas formas; às vezes como acessório, às vezes como peça fundamental, às vezes até como intruso. E apesar de estar tão ancorado ao ponto de vista do narrador

quanto o próprio, o leitor que jogar suficientes vezes vai perceber que várias moças se conheciam independente de André.

Acho que as leitoras vão gostar mais do meu livro do que os leitores no sentido de que, apesar de fantasioso, ele apresenta a vida como ela é, não como deveria ser (Nelson Rodrigues, gênio). A bananização dos protagonistas masculinos de *chick lit* como seres incondicionalmente atrelados a uma única mulher, incapazes de acessar pornografia, achar chato um jantar romântico ou mesmo de *mudar de ideia se a mulher em questão é consistentemente parva e/ou maléfica* enerva a mim e a minhas amigas. Com *OWNED*, em vez de viver mais uma vez a angústia de não saber o que um rapaz de que gostam está pensando, como em tantos livros recentes para adolescentes e jovens adultas, as mulheres podem viver a angústia de não saber o que a mulher desejada está pensando de dentro da pele do tal rapaz. É um livro em prol da compreensão mútua. Afinal, ambos os sexos têm mais é que aprender a ler nas entrelinhas e não acreditar em toda manha e eufemismo do outro (e do mesmo).

Dicas gerais

Está pegando sempre o mesmo final ou finais parecidos? Não fique tímido(a): aceite o convite de Samara para sair. Muitos finais diferentes partem daí.

Ser legal com todo mundo o tempo todo nem sempre vale a pena. Quando Laila demonstrar que está chateada, Deixe-a para lá em vez de Perguntar o que foi e veja o que acontece.

O item **chave-mestra** abre duas cenas de difícil acesso. A **chave-mestra** aparece quando você Não copia nada para você após flagrar Edgar copiando material de Laila – não importando se você interferiu ou não no que Edgar estava fazendo. Uma das cenas destrancadas pela **chave-mestra** é com Samara, se você não esteve na boate; e a outra é um final bom com Mayumi “má”, se você esteve na boate.

O item **Tupperware de Mayumi** te ajuda a sobreviver caso você seja explodido(a) na favela. Ele pode ser obtido caso você olhe para Mayumi na Biblioteca. Mas é possível evitar a explosão na favela simplesmente Indo pela direita.

Há um final secreto a ser obtido caso você evite todas as mulheres do jogo. Basta dizer Não a tudo, não Olhar para Mayumi na Biblioteca e, quando surgir a opção, Olhar para Laila e, em seguida, para Elza ou Dafne.

Catálogo dos finais

1. Final bom com Mayumi “boa” (203)
2. Final bom com Mayumi “má” (239)
3. Final bom com Rosana (sem amuleto) (77)
4. Final bom com Rosana (com amuleto) (81)
5. Final bom com Laila (tendo falado sobre o livro) (224)
6. Final “Barba azul” (175)
7. Final “Crime perfeito” (212)
8. Final com Samara (autora de “Infantaria”) (220)
9. Final neutro: “Fatality” (125)
10. Final com a garota improvável (após Rosana perder a memória) (259)
11. Não-final: “Nunca termina” (230)
12. Não-final: “Você estragou tudo” (234)
13. Final ruim: ninguém (204)
14. Final ruim: “uma marionete” (115)
15. Morte: após rezar (74)
16. Morte: após amaldiçoar (237)
17. Morte: se foi pela esquerda na favela e não tinha o **Tupperware** (53)

Walkthru

(guia detalhado por personagem)

Este guia diz o que você deve fazer para passar por todas as cenas relevantes de cada personagem. O objetivo desse guia é ajudar a acessar as cenas que você não conseguiu ver jogando sozinho(a). Use com sabedoria.

Modo de usar

As escolhas a serem feitas por você são listadas na ordem em que aparecem no livro. Se estiver escrito *tanto faz*, escolha qualquer uma, pois não faz diferença para a história daquela personagem. Não deixe de anotar os itens que forem aparecendo em **negrito**: você vai continuar sendo perguntado sobre o que fez durante a história.

Obs.: Indico aqui apenas alguns dos caminhos que permitem ler todas as cenas com cada personagem. Há muitas outras combinações de leitura possíveis, é claro. Nesse guia, procurei colocar os caminhos mais interessantes primeiro e deixar as releituras o menos repetitivas possível.

Laila

“**Bad Romance/Não fale com ela**” – **Yes. (Sim)**; Você interfere; Copia os arquivos de Laila para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Pergunta o que foi; Olhar para Mayumi; Falar do livro; **Sim**; Escalar; Conta. (A partir deste ponto, há quatro finais diferentes envolvendo Laila.) **1. Convencê-la a escrever**; Impede-a de escrever; André ganha meu poder (leva ao Final 6). **2. Convencê-la a escrever**; Impede-a de escrever; André ganha Megasena (leva ao Final 7). **3. Convencê-la a escrever**; Tenta se explicar (leva ao Final 18). **4. Beijá-la** (leva ao Final 15).

“**Comentando Samara (perversinha)**” – **Yes. (Sim)**; Você interfere; Não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Pergunta o que foi; Ler o livro que ela está pesquisando; Falar do livro; Não; Você vai; Não conta; Não; Ir pela direita; Deixa ela. (A partir deste ponto, há três possibilidades diferentes envolvendo Laila e Samara.) **1. Você é que está fazendo isso comigo**; Não (leva ao Final 5). **2. Você é que está fazendo isso comigo**; **Sim** (leva ao Final 9). **3. Você está confusa** (leva ao Final 5).

“Comentando Samara (inocente)” – Yes. (Sim); Você interfere; Não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Pergunta o que foi; Ler o livro que ela está pesquisando; Falar do livro; Não; Você não vai; Escalar; Não conta; Não; Ir pela direita; Vai ver Samara; tanto faz (Dá a chave ou Vem cá). (A partir deste ponto, há três possibilidades diferentes envolvendo Laila e Samara.) **1. Você é que está fazendo isso comigo; Não** (leva ao Final 5). **2. Você é que está fazendo isso comigo; Sim** (leva ao Final 9). **3. Você está confusa** (leva ao Final 5).

“O improvável (far-fetched)” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro que ela está pesquisando; Dá o amuleto; Elza, a tradutora negra com piercings; Escalar; Não; Ir pela direita; Main quest (missão principal); Você acredita mais em Samara (leva ao Final 10).

Há alguns trechos extras de Laila caso você fale de trabalho com ela. Se quiser vê-los, trilhe o caminho “Uma nova jogadora” de Rosana ou o caminho “Império dos sentidos” de Mayumi (ver mais adiante). Você também pode levar um toco de Laila se trilhar o caminho de Joy Borg, a elfa-diaba (ver mais adiante).

Samara

“Hacker do amor” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro que ela está pesquisando; Não dá o amuleto; Você não vai; Elza, a tradutora negra com piercings; Escalar; Sim; Vai ver Samara; tanto faz (Dá a chave ou Vem cá); Não, obrigado. (A partir deste ponto, há 3 possibilidades diferentes envolvendo Samara e Rosana.) **1. Você é que está fazendo isso comigo; Chega (THE END)** (leva ao Final 8). **2. Você é que está fazendo isso comigo; Quero mais** (leva ao Final 3) **3. Você está confusa** (leva ao Final 11).

“Escape do quarto” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; copia os arquivos de Laila para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Deixa para lá; Olhar para Mayumi; Não dá o amuleto; Você não vai; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Escalar; Não; Ir pela esquerda; Vai ver Samara; Deixa ela; tanto faz (Tocar no assunto ou Pedir comida). (A partir deste ponto, há 3 possibilidades diferentes envolvendo Samara e Rosana: as mesmas do caminho “Hacker do amor” acima.)

Para ver outros finais e cenas com Samara, trilhe os caminhos “Comentando Samara (perversinha)” e “Comentando Samara (inocente)” (com Laila, mais acima). No caminho “Comentando Samara (inocente)” de Laila e no “Hacker do amor” de Samara, as cenas com Samara que se seguem à escolha entre “Dá a chave” e “Vem cá” são diferentes entre si, embora não influam nos finais. Portanto, vale a pena ler as duas.

Mayumi

“Império dos sentidos” – Yes. (Sim); Você interfere; Não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Pergunta o que foi; Olhar para Mayumi; Falar de trabalho; Elza, a tradutora negra

com piercings; Escalar; Não; Ir pela esquerda; Vai fazer o planejado; Tenta falar com ela (leva ao Final 1).

“**Bruxas**” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro que ela está pesquisando; Não dá o amuleto; Você vai; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Não; Ir pela direita; Tenta falar com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você se joga nos trilhos; Você vai com ela. (Deste ponto em diante, há 4 finais possíveis.) **1.** Entrar no apartamento 410 (leva ao Final 2). **2.** Ir embora; tanto faz (Tocar no assunto ou Pedir comida); Você é que está fazendo isso comigo; Chega (THE END) (leva ao Final 8). **3.** Ir embora; Você é que está fazendo isso comigo; Quero mais (leva ao Final 3) **4.** Ir embora; Você está confusa (leva ao Final 11).

“**Vítima**” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; copia os arquivos de Laila para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Deixa para lá; Olhar para Mayumi; Dá o amuleto; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Escalar; Sim; Tenta falar com ela. (Deste ponto em diante, há dois finais possíveis.) **1.** Não vale a pena, garoto (leva ao Final 9) **2.** Obrigado (leva ao Final 12).

“**Bruxa (sem chave)**” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; copia os arquivos de Laila para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Deixa para lá; Ler o livro que ela está pesquisando; Não dá o amuleto; Você vai; Elza, a tradutora negra com piercings; Sim; Tenta falar com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você não vai com ela; Você se joga nos trilhos; Você vai com ela; Topo; tanto faz (“Tomar o chá” ou “Sugerir outra coisa” leva ao Final 11).

Há ainda uma variação da cena do jantar com Mayumi inocente no caminho de Rosana “Goddess of War (side quests)”.

Rosana

“**Uma nova jogadora**” – Yes. (Sim); Você interfere; Não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Pergunta o que foi; Ler o livro que ela está pesquisando; Falar de trabalho; Sim; Você não vai; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Escalar; Não; Ir pela direita; Vai fazer o planejado; tanto faz (Tocar no assunto ou Pedir comida). (A partir deste ponto, há 3 possibilidades diferentes envolvendo Samara e Rosana.) **1.** Você é que está fazendo isso comigo; Chega (THE END) (leva ao Final 8). **2.** Você é que está fazendo isso comigo; Quero mais (leva ao Final 3) **3.** Você está confusa (leva ao Final 11).

“**Goddess of War (side quests)**” – Yes. (Sim); Finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Olhar para Mayumi; Dá o amuleto; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Escalar; Não; Ir pela direita; Side quests (missões secundárias); Tenta falar com ela; tanto faz (Tocar no assunto ou Pedir comida). (Deste ponto em diante, a história tem 4 finais possíveis.) **1.** Você acredita mais em Samara (leva ao Final 10). **2.** Você acredita mais em Rosana (leva ao Final 4). **3.** Você não acredita muito em nenhuma das duas; Você vai com Mayumi (leva ao Final 1). **4.** Você não acredita muito em nenhuma das duas; Você não vai com Mayumi (leva ao Final 10).

“**Lady Macbeth (main quest)**” – Yes. (Sim); Finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Olhar para Mayumi; Dá o amuleto; Elza, a tradutora negra com piercings; Escalar; Não; Ir pela direita; Main quest (missão principal). (Deste ponto em diante, a história tem 4 finais possíveis.) **1.** Você acredita mais em Samara (leva ao Final 10). **2.** Você acredita mais em

Rosana (leva ao Final 4). 3. Você não acredita muito em nenhuma das duas; Você vai com Mayumi (leva ao Final 1). 4. Você não acredita muito em nenhuma das duas; Você não vai com Mayumi (leva ao Final 10).

Há *cenas extras com Rosana no caminho “Rave Will Never Die” de Elza* (ver mais adiante) e no caminho *“Vítima” de Mayumi* (ver acima).

Elza

“Expandindo a consciência” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; copia os arquivos de Laila para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Deixa para lá; Ler o livro que ela está pesquisando; Não dá o amuleto; Você vai; Elza, a tradutora negra com piercings; Sim; Deixa ela; Topo; tanto faz (“Tomar o chá” ou “Sugerir outra coisa” leva ao Final 11).

“Rave Will Never Die” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro que ela está pesquisando; Dá o amuleto; Elza, a tradutora negra com piercings; Escalar; Sim; Deixa ela; Topo. (Deste ponto em diante, há 2 finais possíveis.) 1. Não vale a pena, garoto (leva ao Final 9) 2. Obrigado (leva ao Final 12).

Dafne

“Pensamento esquizoide” – Yes. (Sim); Você finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro que ela está pesquisando; Não dá o amuleto; Você não vai; Dafne, a tradutora sardenta de olhos grandes; Escalar; Sim; Vai ver Samara; tanto faz (Dá a chave ou Vem cá). (A partir deste ponto, há 3 possibilidades diferentes envolvendo Samara e Rosana.) 1. Você é que está fazendo isso comigo; Chega (THE END) (leva ao Final 8). 2. Você é que está fazendo isso comigo; Quero mais (leva ao Final 3) 3. Você está confusa (leva ao Final 11).

Há *uma variação macabra da cena da casa de Dafne no caminho “Vítima” de Mayumi* (ver acima).

CAMINHO de Joy Borg, a elfa-diaba – No. (Não); Finge que não viu; Mas não copia nada para você; Panfleto; tanto faz (Refletir ou Dormir); Ler o livro; Não dá o amuleto; Você não vai; Laila; Perguntar por Elza ou perguntar por Dafne. (A partir deste ponto, há 3 possibilidades diferentes envolvendo Joy.) 1. Tá. Eu li o walkthru. E daí? (leva ao Final 14) 2. Eu não li NADA! Cheguei aqui SOZINHO!; tirou número par (leva ao Final 13) 3. Eu não li NADA! Cheguei aqui SOZINHO!; tirou número ímpar (leva ao Final 13).

Final-coringa: Trilhar o caminho **Vítima** de Mayumi e, na última opção, escolher “Não vale a pena, garoto”. Ou trilhar o caminho **Rave Will Never Die** de Elza para uma interpretação mais sombria da mesmíssima cena.

Um grande *spoiler* só para quem leu bastante o livro

Há uma personagem dentro do *OWNED*, Laila, que está escrevendo um livro que relata o que está acontecendo com André, mas ela não sabe disso. Para ela, o André que existe em seu livro é só um personagem homônimo de seu técnico de computador – uma coincidência. Abaixo de Laila na escala de poder deveria ter a Samara, uma *demiurga* (falsa deusa) que se julgaria a todo-poderosa do mundo só porque não estava vendo ninguém por perto com tanto poder. E, na verdade, Samara estaria incluída também dentro da história de Laila. Então três níveis: eu escrevendo e sabendo dos meus poderes, Laila escrevendo e não sabendo de seus poderes, e Samara, sem escrever, sabendo que tem poderes. Originalmente, na minha cabeça, essa estrutura complexa deveria se revelar aos poucos para o leitor, à medida que ele jogasse cada caminho, e ele só entenderia toda essa questão se jogasse tudo; as histórias das demais garotas lidariam com outras questões não metaforicamente-metafísicas, mas também de poder.

Comecei com a pretensão de que, ao esgotar todas (ou muitas) leituras possíveis, o leitor deveria perceber apenas a versão dos acontecimentos descrita acima e nenhuma outra. O núcleo da história era André, Laila e Samara. Mas como havia outras personagens (além de André, sete moças), e elas foram se desenvolvendo conforme eu escrevia, surgiram outras possibilidades interessantes que explicariam a videogamização da vida de André, causando inconsistência nessa minha pseudometafísica. Eu poderia suprimir essas possibilidades, mas me sentiria péssima, desonesta. Até porque no fundo eu não queria que Laila, por ser a escritora, concentrasse poder. Eu amava todas elas.

Além disso, havia outros problemas inerentes a cada versão para a causa do que se passava com a vida de André.

Se a Laila está dentro do livro que está escrevendo, ela não pode estar ciente disso ou gerará um paradoxo. Se ela ficar ciente (quando André CONTA a ela que ela vem “controlando” a vida dele, escrevendo as coisas absurdas que lhe acontecem *antes* de acontecerem), o livro tem que terminar imediatamente, no limiar do paradoxo (o final da Marionete).

Se André sabe que Laila está escrevendo o livro, ele é uma testemunha perigosa. Das duas, uma: para não sofrer as consequências de uma autora maior (eu) tentando evitar paradoxos, ele deve se afastar da suspeita de que ela está controlando a vida dele sem saber (a opção “falar de trabalho”) ou, tendo acreditado que ela está controlando a vida dele sem saber, não pode contar isso a ela (*workaround* quântico: Laila *escreve em seu livro* que foi sempre tudo culpa de André).

Quer André se afaste por si só da suspeita de que Laila está controlando a vida dele sem saber (ao “falar de trabalho”), quer não, ele terá de lidar com Samara, que *quer avidamente* controlar a vida dele e, dependendo das escolhas do leitor, vai ganhar poder para isso (dependendo das escolhas feitas na história, ela pode ser telepática ou super hacker). Na confrontação final com Samara, André dá um jeito de convencê-la/mostrar que não vale a pena estar apaixonada/obcecada por ele, ou resigna-se a ela. Os dois ficam bem.

Há, no entanto, conforme apontado pelo próprio André após “falar de trabalho” com Laila, alguns buracos na teoria de que Laila, e somente ela, estaria controlando a vida dele (trecho 195). Ela não conhece (pelo menos conscientemente) todos os personagens do livro, como Samara; Samara ainda não apareceu no livro de Laila até aquele momento. Então como Samara teria se envolvido na vida do André “real”, ainda mais desde pequena? Por continuidade retroativa?

Além disso, para piorar tudo, Samara aparece como tendo poderes “semidivinos” e Rosana como tendo compartilhado do problema videogâmico de André *mesmo que André jamais tenha descoberto que Laila está escrevendo o livro* (mesmo assim, Laila terá agido estranho com ele, saindo injuriada da padaria depois que André menciona ter encontrado o amuleto; isso pode ser atribuído a pura e simples maluquice de Laila, a ciúmes que Laila sentiu por André e Rosana se entenderem ou ao pressentimento súbito de Laila de que André teria dado uma olhada em sua pornografia). Ou seja, ofereço indícios de que de fato Laila não é a única *culpável* pelo problema. Mas num dos finais em que André nem descobriu que Laila escreveu um livro, depois de uma confrontação com Samara e Rosana, ele fica com ela e descobre que ela escreveu *um* livro, mas ela não o mostra nem fala sobre ele.

Só consegui destrinchar (e solucionar) o problema exposto neste último parágrafo após fazer as aulas de lógica. Para evitar os paradoxos e inconsistências, flexibilizei os postulados iniciais que tinha usado para ordenar a escrita do livro-jogo – deixei que as regras fossem ditadas pela forma como o próprio livro-jogo havia se desenvolvido. Assumi a continuidade retroativa – você só conhece realmente um(a) personagem (e aquela faceta da história) quando ler a última frase escrita sobre ele(a) naquela linha temporal. O poder passou a ser distribuído por André conforme as escolhas do leitor.

Simone Campos © 2011

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação editorial

Isadora Travassos

Produção editorial

Cristina Parga

Eduardo Süssekind

Larissa Salomé

Rodrigo Fontoura

Sofia Soter

Sofia Vaz

Capa

Vinícius Lima

Filipe Moura

ISBN: 978-85-7577-979-8

Viveiros de Castro Editora Ltda.

R. [Goethe](#), 54. Botafogo

Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22281-020

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

)
Role Playing Games. Jogo de interpretação de personagens, originalmente jogado sem tabuleiro e com dados, criado em 1974. O gênero sofreu grande influência da obra de J.R.R. Tolkien (*O senhor dos anéis*). ↵

) Hoje em dia, muitos jogos de ambiente 3d vêm com editores de fase, programas que permitem ao jogador construir seu próprio ambiente virtual jogável com os mesmos materiais e mecânicas usados no jogo oficial. ↵

) OWNED é a exclamação dita por um jogador ao humilhar outro numa partida, especialmente em jogos online. ↵

) Famoso problema da teoria dos jogos em que dois suspeitos de um crime são presos pela polícia e interrogados em salas separadas. Cada um deve decidir se confessa ou não o crime, considerando também a decisão do colega na outra sala, do que dependerá o tamanho da pena. 4

)

Ver o ensaio de Daniel Galera na revista
Serrote no. 4., *Virando o jogo* . ↵

) E Dom Quixote deriva das histórias de cavalaria, como inúmeros jogos eletrônicos e analógicos até hoje, notadamente os RPGs. ↵

)

Narrador d'

O homem que calculava, de Malba Tahan ↵

)

O jogo

Ergo, de Brian e Brent Knudson. ↵